



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

**AUGUSTO DOS ANJOS NO ENSINO MÉDIO:
CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Verônica Lucena do Nascimento

CAMPINA GRANDE – PB

JULHO DE 2018

VERÔNICA LUCENA DO NASCIMENTO

**AUGUSTO DOS ANJOS NO ENSINO MÉDIO:
CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem em Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com concentração na linha de pesquisa em Literatura e Ensino para obtenção do título de Mestre.
Orientador: Prof.º Dr.º. José Hélder Pinheiro Alves.

CAMPINA GRANDE – PB

JULHO DE 2018

N244a Nascimento, Verônica Lucena do.
Augusto dos Anjos no ensino médio: contribuições na formação de leitores / Verônica Lucena do Nascimento. – Campina Grande, 2018.
157 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação: Prof. Dr. José Helder Pinheiro Alves".
Referências.

1. Ensino Médio – Formação de Leitores. 2. Leitura Literária – Poesia. 3. Poesia – Augusto dos Anjos. I. Alves, José Helder Pinheiro. II. Título.

CDU 373.5:028.5(043)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA SEVERINA SUELI DA SILVA OLIVEIRA CRB-15/225

FOLHA DE APROVAÇÃO

VERÔNICA LUCENA DO NASCIMENTO

Aprovada em: 25/07/2018

BANCA EXAMINADORA



Prof.^o. Dr.^o. José Hélder Pinheiro Alves
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Orientador



Prof.^a. Dr.^a. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Examinadora Interna



Prof.^a. Dr.^a. Rosilda Alves Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Examinadora Externa



Prof.^a. Dr.^a. Tássia Tavares de Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG
Examinadora Interna

RESUMO

Considerando que a poesia de Augusto dos Anjos tem resistido ao tempo e causado encantamento e estranhamento a muitos leitores, pela visão de mundo e recursos estilísticos que constituem a obra *Eu e outras poesias*, nos questionamos sobre a recepção, ainda hoje, os poemas augustianos podem suscitar nos alunos do ensino médio. Nesse sentido, definimos como objetivo da pesquisa investigar a recepção da poesia de Augusto dos Anjos por alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública de Campina Grande (Paraíba). Relatamos e refletimos sobre a experiência de leitura e recepção de três antologias temáticas que contemplaram textos de caráter amoroso, relação com a natureza, vida e morte presente nos poemas de Augusto dos Anjos. Como referencial teórico nos embasamos nas discussões de Bosi (1972, 2015), Gullar (1976), Rosenfeld (1976), Magalhães Júnior (1907), Proença (1980), Bezerra (2004) acerca da constituição da poética augustiana e de explicações que demonstram dados de recepção no início do século XIX. Do ponto de vista metodológico, buscamos nas reflexões sobre a leitura literária (ROUXEL, 2014; PINHEIRO, 2007, 2009, 2015, 2018; COLOMER, 2007 e JOUVE, 2013), na estética da recepção, sobretudo a partir das propostas de Aguiar e Bordini (1988), Jauss (1994, 1972) e Petit (2009, 2013) no que se refere à interação, dentre outros. Os resultados da pesquisa apontam que a poesia do poeta paraibano despertou nos leitores reações diversas, que vão do humor ao questionamento e à reflexão, mas também à recusa e o permanente estranhamento. A análise dos dados também demonstraram que a metodologia adotada, pautada no compartilhamento das impressões e reflexões, contribuiu na aproximação entre texto – leitor, favorecendo para que os colaboradores se colocassem numa postura mais reflexiva no processo da leitura, da realidade e sobre si.

Palavras-chave: Leitura Literária; Recepção; Augusto dos Anjos; Formação do leitor.

ABSTRACT

Considering that the poetry of Augusto dos Anjos has resisted time and caused enchantment and estrangement to many readers, by the world view and stylistic resources that constitute the work I and other poems, we wondered about the reception, still today the Augustian poems can raise in high school students. In this sense, we defined as objective of the research to investigate the reception of the poetry of Augusto dos Anjos by students of the third year of high school in a public school in Campina Grande (Paraíba). We report and reflect on the experience of reading and receiving three thematic anthologies that contemplated texts of a loving nature, relationship with nature, life and death present in the poems of Augusto dos Anjos. As a theoretical reference, we rely on Bosi (1972, 2015), Gullar (1976), Rosenfeld (1976), Magalhães Júnior (1907), Proença (1980) and Bezerra (2004) on the constitution of the Augustian poetics and explanations data at the beginning of the 19th century. From a methodological point of view, we sought in the reflections on literary reading (ROUXEL, 2014, PINHEIRO, 2007, 2009, 2015, 2018, COLOMER, 2007 and JOUVE, 2013) in reception aesthetics, Bordini (1988), Jauss (1994, 1972) and Petit (2009, 2013) with regard to interaction, among others. The results of the research indicate that the poetry of the poet in Paraíba awakened in the readers diverse reactions, ranging from humor to questioning and reflection, but also to refusal and permanent estrangement. The analysis of the data also showed that the adopted methodology, based on the sharing of impressions and reflections, contributed to the approximation between text - reader, favoring that the collaborators put themselves in a more reflexive posture in the process of reading, of reality and about themselves.

Keywords: Literary Reading; Reception; Augusto dos Anjos; Formation of the reader.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela força, presença em minha vida e por tornar possível mais essa etapa da minha formação.

A minha mãe, Tezilda, pelo amor incondicional, atenção, carinho e motivação, que não me permite desanimar.

A meu pai, José, pelo amor e carinho *in memoriam*.

Ao meu irmão, Jerônimo, pelo apoio, amizade, incentivo e momentos de escuta, que tanto favoreceu para andamento da produção dessa dissertação.

Ao meu irmão, Júlio César, a minha cunhada Conceição, e meu sobrinho Thierry, por tornar alguns momentos da escrita mais alegres e descontraídos.

A Alisson, pelo apoio, incentivo, carinho e atenção.

Ao meu orientador, Hélder Pinheiro, pela orientação, paciência, compreensão, amizade e partilha de conhecimentos, que tornaram esse trabalho possível.

Às professoras, Marta Nóbrega (UFCG), Rosilda Bezerra (UEPB) e Tássia Tavares (UFCG) por aceitarem participar da banca examinadora da dissertação e pelas sugestões, que tanto contribuíram com a redação final.

Aos colegas de mestrado, pelo aprendizado compartilhado, em especial: a Marina, Sandrelle e Joelma, pela amizade, apoio, conversas e contribuições.

Aos participantes da pesquisa, a professora da turma e a diretoria da escola, pela recepção, disponibilidade e envolvimento.

A coordenação e funcionários do POSLE, pelo atendimento nas horas necessárias.

A Augusto dos Anjos, pela poesia desconcertante, rica e atemporal, que tanto me encanta e inquieta.

Aos professores da UAL, pela formação.

Ao Programa de Pós- Graduação em Linguagem e Ensino, por acreditar na pesquisa e pela oportunidade de torná-la possível.

À CAPES, pela concessão de bolsa.

A todos que estiveram presentes, torcendo por mim, muito obrigada!

SUMÁRIO

Introdução.....	9
CAPÍTULO 1 - A poesia de Augusto dos Anjos.....	12
1.1 Entre a recepção crítica e a constituição da poesia augustiana.....	12
1.2 Augusto dos Anjos e Charles Baudelaire: aproximações poéticas.....	18
CAPÍTULO 2 - A leitura literária e a formação de leitores	27
2.1 Leitura literária: entre prazeres e riscos.....	27
2.2 O ensino de literatura e a formação de leitores.....	31
2.3 Poesia: contribuições na formação do leitor.....	34
CAPÍTULO 3 - A recepção da poesia de Augusto dos Anjos no ensino médio.....	37
3.1 Conhecendo a escola, a biblioteca e os alunos.....	37
3.2 Alguns dados a considerar sobre o livro didático adotado pela escola.....	39
3.3 O questionário: das preferências de leituras ao horizonte de expectativas dos alunos.....	43
3.4 A elaboração das antologias temáticas: amor, natureza e morte em Augusto dos Anjos.....	50
3.5 A recepção da poesia de Augusto dos Anjos na sala de aula.....	51
3.5.1 “Versos íntimos”, para início de conversa.....	53
3.5.2 A recepção dos poemas de caráter amoroso.....	55
3.5.3 A recepção dos poemas relacionados a natureza.....	71
3.5.4 A recepção dos poemas relacionados à vida e a morte.....	78

3.5.6A	avaliação	da	experiência	pelos	alunos:	
	contribuições.....					88
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....					92
	REFÊRENCIAS.....					96
	APÊNDICES.....					99
	Termo de ciência e autorização.....					100
	Questionário.....					101
	Plano de trabalho.....					103
	ANEXOS.....					114
	Antologias.....					115
	Transcrição dos dados.....					116
	Depoimentos dos alunos.....					125
	Livro didático adotado pela escola.....					156

INTRODUÇÃO

As questões que envolvem o quadro da leitura no Brasil são muitas e demonstram realidade ainda pouco animadora que merece atenção de discussões, políticas públicas e alternativas de ensino, que procurem aproximar mais os sujeitos da leitura literária. Nesse contexto, muitas pesquisas em torno do ensino de literatura têm buscado estratégias de abordagem e realizado reflexões sobre as possibilidades de abordagem com o texto literário na escola, que culminem com a formação de leitores.

As reflexões da denominada estética da recepção têm contribuído para pensarmos alternativas para o ensino de literatura, uma vez que a teoria considera o leitor como instância fundamental nos estudos literários. Pensando no contexto da sala de aula, notamos que o trabalho pautado em uma metodologia que valorize a relação texto – leitor pode contribuir para maior interesse dos alunos sobre a literatura.

Nesse sentido, um ensino de literatura na escola que privilegie a relação leitor – obra e as experiências de leituras pode favorecer a percepção de especificidades da linguagem, de perspectivas de abordagem, de forma que os leitores podem ser tocados pela linguagem literária, suprir suas necessidades de fabulação e fantasia, como defende Candido (2011).

A partir dessas considerações, passamos a refletir sobre a recepção que a poesia de Augusto dos Anjos¹ pode suscitar, uma vez que a obra – *Eu* – do paraibano, desde que foi publicada, em 2 de janeiro de 1912 (há 106 anos), continua a inquietar leitores. Além disso, verificar aspectos dessa poesia que contribuam na formação de leitores literários na escola.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é investigar a recepção da poesia de Augusto dos Anjos por alunos do ensino médio de uma escola pública de Campina Grande (Paraíba). No que concerne aos objetivos específicos: 1) Proporcionar vivências com poemas de Augusto dos Anjos na sala de aula; 2) Analisar aspectos temáticos e de linguagem que provocaram efeitos nos leitores; 3) Discutir dados de recepção que apontam para a contribuição dessa poesia na formação de leitores na escola.

¹ Na graduação desenvolvemos um trabalho de conclusão de curso sobre recepção da poesia de Augusto dos Anjos intitulado: “Augusto dos Anjos no ensino médio: um olhar a partir da estética da recepção”.

A pertinência da pesquisa se justifica pelo fato de que, embora a poesia de Augusto dos Anjos tenha adquirido uma fama extraordinária ao longo dos anos, exercendo estranhamento e atração sobre os sujeitos, temos observado que ela ainda é pouco conhecida pelo público jovem. Quando falamos sobre Augusto dos Anjos percebemos o entusiasmo desses jovens, mas muitas vezes quando buscamos as leituras de poemas do autor nos parece que grande parte do público em geral conhece apenas os poemas mais populares do autor, como “Versos íntimos” e “Psicologia de um vencido”.

A pesquisa também contribui para refletirmos sobre a poesia e a formação de leitores a partir da recepção dos textos na sala de aula. Além disso, notamos que ainda são poucas as pesquisas que discutem a poesia do paraibano na vertente dos efeitos dos poemas sobre o leitor.

Com o objetivo de analisar a recepção dos poemas augustianos, desenvolvemos uma intervenção lançando mão da pesquisa – ação, numa turma de terceiro ano do ensino médio e buscamos proporcionar vivências de leitura de três antologias temáticas que contemplaram poemas de caráter amoroso, viés com a natureza e relacionados à vida e a morte. Tivemos como instrumento de coleta de dados questionário, gravações em áudio e diário de campo.

A intervenção foi realizada em dois momentos: no primeiro, buscamos conhecer a escola, a biblioteca, os livros literários disponibilizados aos alunos, e o público colaborador da pesquisa. Nesse momento, aplicamos um questionário para sondar as preferências de leituras da turma e as impressões prévias acerca da poesia e dos poemas de Augusto dos Anjos. Isso nos permitiu organizar nossos trabalhos a partir do conhecimento do horizonte de expectativa dos leitores.

No segundo momento realizamos a leitura compartilhada e a discussão das antologias temáticas na sala de aula a partir de um plano de trabalho no qual organizamos as atividades desenvolvidas para um período de dez aulas. Adotamos uma metodologia que privilegiou a leitura compartilhada e discussão dos poemas.

De acordo com Colomer (2007), o ato de compartilhar a leitura colabora no aprendizado, pois permite aprendermos com o outro, proporciona prazer e favorece conhecer melhor os livros. Além disso, permite que experimentemos a leitura sob uma perspectiva socializadora, o que propicia nos sentirmos dentro de uma comunidade de leitores.

A dissertação está organizada em três capítulos. No primeiro, apresentamos uma discussão sobre o acolhimento crítico da poesia de Augusto dos Anjos sob uma perspectiva histórica. Para tanto, tomamos as discussões de Bosi (1972, 2015), Gullar (1976), Rosenfeld (1976), Magalhães Júnior (1907) dentre outros autores, comentamos aspectos estéticos dos poemas e discutimos sua aproximação com a poesia europeia.

No segundo capítulo, trazemos reflexões acerca da leitura literária e da formação do leitor a partir das discussões de Rouxel (2014), Pinheiro (2007, 2009, 2015), Colomer (2007) e Jouve (2013), e da estética da recepção, sobretudo a partir das propostas de Aguiar e Bordini (1988), Jauss (1994, 1972) e Petit (2009, 2013). Além disso, discutimos sobre a poesia e sua contribuição no interesse pela leitura literária.

No terceiro capítulo, relatamos e refletimos sobre o experimento com a poesia de Augusto dos Anjos na sala de aula e analisamos a recepção das três antologias temáticas. Os dados foram discutidos a partir das reflexões de Jauss (1994, 1972), Rouxel (2014), Jouve (2013), Propp (1992), Colomer (2007), Pinheiro (2007, 2015, 2009), dentre outros autores.

Por fim, trazemos nossas considerações finais nas quais discutimos as possíveis contribuições da poesia de Augusto dos Anjos na formação de leitores.

CAPÍTULO 1 – A POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS

Neste primeiro capítulo discutimos a recepção da poesia de Augusto dos Anjos no início do século passado a partir da leitura de uma parte da fortuna crítica sobre a poética do escritor. Para tanto, tomamos como aporte teórico as reflexões de Bosi (1972, 2015), Gullar (1976), Rosenfeld (1976), Magalhães Júnior (1907), Proença (1980), Bezerra (2004) dentre outros autores. Apresentamos comentários analíticos sobre as singularidades da poesia augustiana a partir dos poemas do autor e apontamos algumas aproximações com a poesia europeia.

1.1 Entre a recepção crítica e a constituição da poesia augustiana

Augusto dos Anjos começou a escrever poesia aos sete anos de idade, estudou direito e trabalhou como professor no Liceu da Paraíba e na Escola Normal do Rio de Janeiro. Publicou apenas um livro – *Eu* – em 1912, que resistiu ao tempo, causou discussão, estranheza e encantamento entre os leitores. Passados 106 anos desde a publicação da obra, a poesia do paraibano ainda tem despertado interesse de estudiosos da literatura, causado surpresa nos leitores, pela expressão incomum e abordagem diferenciada, que tende a chamar atenção e suscitar interesse no público. De acordo com Bosi (2015, p. 306. grifos do autor):

Essa popularidade deve-se ao caráter original, paradoxal, até mesmo chocante, da sua linguagem, tecida de vocábulos esdrúxulos e animada de uma virulência pessimista sem igual em nossas letras. Trata-se de um poeta poderoso, que deve ser mensurado por um critério estético extremamente aberto que possa reconhecer, além do “mau gosto” do vocabulário rebuscado e científico, a *dimensão cósmica e a angústia moral* da sua poesia.

Nessa poesia existe uma irreverência semântica que o diferenciou da literatura vigente entre nós no início do século XX. Época de transformações, que atingiu o país e a literatura. Atento as mudanças, o jovem Augusto dos Anjos, bem como outros escritores da época buscavam novas formas de expressão.

Figueiredo (2012), no estudo *A invenção do expressionismo em Augusto dos Anjos*, apresenta de forma bastante didática o contexto literário sob o qual surgiu a poesia do escritor. Para o estudioso, o romantismo dava seus gemidos, Castro Alves e Tobias Barreto lançavam a

poesia condoreira. No final da década de 1860, Tobias Barreto iniciava “a poesia filosófico-científica” e o romantismo já havia extenuado suas formas de expressão:

Os jovens poetas, inconformistas, estavam em busca de novas formas de manifestação do pensamento. As novidades europeias eram muitas: nas ciências e na filosofia, o Evolucionismo, o Positivismo, o Determinismo; nas artes, e em especial na literatura, o Realismo, o Naturalismo, o Parnasianismo, o Simbolismo. (FIGUEIREDO, 2012. p. 34).

Influenciados pelas ideias filosóficas e literárias da cultura europeia, os escritores buscavam enterrar as formas românticas, que não condiziam mais com a época. A expressão das novas ideias surgia sob uma perspectiva racional, pois os escritores queriam se manter como criadores da arte literária. No entanto, nem sempre conseguiam obter o que pretendiam, de acordo com Bosi:

De um ponto de vista rigorosamente estético, não se pode asseverar a existência de grandes personalidades poéticas nesse vintênio. Se isolarmos Augusto dos Anjos e Raul de Leoni, figuras sob mais de um aspecto excepcionais, encontraremos uma literatura em versos, epigônica, que o prefixo “neo” procura batizar: neoparnasianos, neosimbolistas e até neoclássicos e neoromânticos, evidenciado um sincretismo de inspirações e de gosto verbal de que se acham quase sempre ausentes a originalidade e a profundidade. (BOSI, 1972. p. 14, sic, grifos do autor).

A poesia augustiana denominada pelo crítico como “excepcional”, vinha quebrar paradigmas e provocar rumor, a partir de recursos formais em uso, com inovações expressivas, visão de mundo e critério estético aberto. Para Gullar (1976, p.18) “do parnasianismo, Augusto dos Anjos herdou, sobretudo o verso conciso, o ritmo tenso e a tendência ao prosaico e ao filosofante; do simbolismo, além do gosto por palavras – símbolos com maiúscula, o recurso da aliteração e certos valores fonéticos e melódicos”.

No entanto, o poeta ultrapassava as influências e tendências adotadas apresentando uma visão de mundo diferente, por meio de uma expressão singular e intensa. O homem que antes era mistificado na literatura aparece na poesia do autor do *Eu* numa vertente real e “escandalosa”, em que os dramas e aspirações humanos são expostos ao leitor de forma declarada demonstrando criticamente aspectos da realidade da vida.

Segundo Rosenfeld (1976), nos termos usados por Anjos existia uma pretensão de exprimir aquilo que a linguagem tradicional já não podia oferecer, pois os “vocábulos

históricos” mostravam-se “amolecidos” e “mofados”, ou seja, não traziam os efeitos expressivos que o poeta pretendia atribuir a sua poesia. Para o crítico:

em determinada fase – no caso de Augusto dos Anjos na fase pré-modernista – a língua tradicional se transforma em prisão, mas prisão familiar e por isso despercebida. Enganando-nos acerca do seu efeito isolador (porque ela nos separa da realidade interna e externa), corrompe a expressão da verdade. (ROSENFELD, 1976. p. 269).

Dessa forma, a obra do paraibano sensibilizou os que estavam acostumados à literatura vigente no início do século XX, que estranharam² o conteúdo e a força expressiva da poesia do autor do *Eu*.

No poema “Os doentes”, vermes são tratados como deuses, soldados, insetos e debocham de defuntos. Em “Versos de Amor”, o sentimento é comparado à cana azeda e colocado acima dos homens. Uma poesia que adquire dimensão filosófica, em que verificamos uma percepção aguçada da vida e do homem. Por certo, essas escolhas assustaram muitos leitores e críticos.

Magalhães Júnior (1978), em *Poesia e vida de Augusto dos Anjos* apresenta um trecho da crítica de Oscar Lopes, publicada n’*O País*, em 1912:

O Sr. Augusto dos Anjos, autor de um livro de versos intitulado *Eu*, fez barulho logo à chegada. A muita gente ele parecerá apenas um desequilibrado. O título escolhido para suas poesias é de uma ousadia rara. Algumas das composições são perfeitamente estranhas e caracterizadas por um evidente descaso por tudo quanto constitui a moeda corrente nas letras da nossa terra. Entretanto, passada a primeira impressão, o leitor verifica que dentro daquelas páginas palpita um espírito original, que tanto verseja – e sempre com um singular poder musical – sobre temas exclusivamente bizarros, como entretece lindamente o famoso soneto “Vandalismo”. (OSCAR LOPES, *apud* MAGALHÃES JÚNIOR, 1978. p. 254).

Além dessa crítica repercutiram outras, que discutiam a qualidade da poesia augustiana. Referiam-se a produção poética de Augusto dos Anjos sobre o que ela tinha de estranho, aos recursos estilísticos utilizados pelo poeta, mas também demonstravam

² O *estranhamento* decorre da sensibilidade do leitor sobre os processos estéticos não habituais utilizados na obra literária. De acordo com Chklovski (1976), na arte os objetos passam por um processo de singularização, no qual a linguagem poética é utilizada de forma não habitual, obscura e difícil para intensificar a impressão dos objetos. Nesse sentido, a linguagem poética cria a visão dos objetos, sem pretensão de se fazer reconhecer, diferentemente da linguagem cotidiana que passa por um processo de automatização, em que há menos esforços perceptivos que são tomados inconscientemente.

reconhecimento sob os aspectos inovadores que apresentava. É o que podemos observar no comentário de Euclides de Matos, também apresentado por Magalhães Júnior (1978):

*Eu fez ruído. Falou-se muito a seu respeito, antes mesmo do seu aparecimento e, agora, publicado que está, em nenhuma roda de velho e de moços, ele deixa de ser lembrado e logo discutido. Eu ainda é um livro estranho e novo, com algumas extravagâncias, alta filosofia e, rumorejam por aí pretenciosa ciência”. (...). Estou a ver já certos dos novos *faiseurs* da crítica condenando o poeta simplesmente porque este, em vez de babar-se ordinariamente por todo o seu livro num pieguismo irritante de amor, escreveu sabiamente, entre outros o “Deus verme” e “Mater originalis”, (EUCLIDES DE MATOS, *apud* MAGALHÃES JÚNIOR, 1978, p. 256, grifos do autor).*

Obviamente em nossa sociedade poemas como “Deus verme” e “Mater Originalis”, apontados por Euclides de Matos, ou ainda como “Os doentes” desconcertavam os leitores, já a partir do título. Em “Os doentes”, o poeta faz referência às enfermidades correntes sob uma perspectiva decadentista, em que o homem é vítima da degradação a partir de um eu lírico que sente, sofre e reflete as dores da humanidade. Vejamos um fragmento do longo poema:

III

Dormia embaixo, com a promíscua véstia
No embotamento crasso dos sentidos,
A comunhão dos homens reunidos
Pela camaradagem da moléstia.

Feriam-me o nervo óptico e a retina
Aponevroses e tendões de Aquiles,
Restos repugnantíssimos de bílis,
Vômitos impregnados de ptialina.

Da degenerescência étnica do Ária
Se escapava, entre estrépitos e estouros,
Reboando pelos séculos vindouros,
O ruído de uma tosse hereditária.

Oh! desespero das pessoas tísicas,
Adivinhando o frio que há nas lousas,
Maior felicidade é a destas coisas
Submetidas apenas às leis físicas!

Estas, por mais que os cardos grandes rocem
Seus corpos brutos, dores não recebem;
Estas dos bacalhaus o óleo não bebem,
Estas não cospem sangue, estas não tosem!

Descender dos macacos catarríneos,

Cair doente e passar a vida inteira
Com a boca junto de uma escarradeira,
Pintando o chão de coágulos sanguíneos!

Sentir, adstritos ao quimiotropismo
Erótico, os micróbios assanhados
Passearem, como inúmeros soldados,
Nas cancerosidades do organismo!

Falar somente uma linguagem rouca.
Um português cansado e incompreensível,
Vomitar o pulmão na noite horrível
Em que se deita sangue pela boca!

Expulsar, aos bocados, a existência
Numa bacia autômata de barro,
Alucinado, vendo em cada escarro
O retrato da própria consciência!

Querer dizer a angústia de que é pábulo
E com a respiração já muito fraca
Sentir como que a ponta de uma faca,
Cortando as raízes do último vocábulo.

Não haver terapêutica que arranque
Tanta opressão como se, com efeito,
Lhe houvessem sacudido sobre o peito
A máquina pneumática de Bianchi!

E o ar fugindo e a Morte a arca da tumba
A erguer, como um cronômetro gigante
Marcando a transição emocionante
Do lar materno para a catacumba!

Mas vos não lamenteis, magras mulheres,
Nos ardores danados da febre hética,
Consagrando vossa última fonética
A uma recitação de mesereres.

Antes levardes ainda uma quimera
Para a garganta omnívora das lajes
Do que morrerdes, hoje, urrando ultrajes
Contra a dissolução que vos espera!

Porque a morte, resfriando-vos o rosto,
Consoante a minha concepção vesânica,
É a alfândega, onde toda a vida orgânica
Há de pagar um dia o último imposto!
(ANJOS, 1965. p. 98-100)

A respeito do referido poema e de outros como “Noite de um visionário”, “Vozes de um túmulo” e “As cismas do destino”, Osório Duque-Estrada classificou como “monstruosidades, aleijões abortados de uma fantasia delirante e de uma torturada imaginação que se obstina em parecer única e original”, (DUQUE-ESTRADA, *apud* MAGALHÃES JÚNIOR, 1978, p. 259).

As críticas de Duque- Estrada demonstra a incompreensão que os versos de Augusto dos Anjos foram recebidos na época. A visão de mundo diferenciada, os termos exóticos, e a complexidade presente na obra exigem mais do leitor. Duque- Estrada, certamente não só estranhou a poesia augustiana, mas também não percebeu o caráter moderno que ela possuía para a época, pois se distanciava do que era comum na literatura do período que foi publicada.

O misto de influências presente na poesia de Augusto dos Anjos aparece logo nas primeiras páginas do livro, no poema “Monólogo de uma sombra”, texto que no ano de publicação do *Eu* ainda não tinha circulado nas revistas e jornais. O poema apresenta uma combinação de cientificismo, orientalismo, haeckelismo, panteísmo e faz referência à tragédia shaskesperiana “Macberth”, (MAGALHÃES JÚNIOR, 1978, p. 252).

Segundo Magalhães Júnior (1978), o poeta se mostrou preocupado e interessado sobre os comentários que saíram sobre o livro e remeteu cartas à mãe informando a recepção da obra no Rio de Janeiro. Vejamos um trecho de uma carta enviada em 23 de janeiro de 1912:

Meu livro tem causado verdadeiro escândalo nesta terra. Discutiram-no até na câmara dos Deputados, como acabo de ler num dos números *D’Tribuna*. (...) A própria Academia Nacional de Medicina incluiu-o em sua biblioteca, por tratar do haeckelismo e do evolucionismo spenceriano./ A par desta seleta e incentivadora, existe uma outra de conspiração manifesta e quase agressiva contra mim. É a dos irremediavelmente nulos. Deixá-los! O Generino carta que vai ser publicado em breve (MAGALHÃES JÚNIOR, 1978. p. 262, grifos do autor).

Notamos o entusiasmo do poeta com a repercussão da obra que não se restringiu apenas ao meio literário, mas também ao político. Seriam sucessivas as notícias em jornais e revistas em torno da poesia do jovem poeta, que mostrava- se mais alegre com o sucesso da obra, do que com os lucros que ia obter com a publicação, como explica Viana (2001).

Para Santos (2002), a poesia augustiana produziu uma quebra de expectativas nos leitores acostumados à exaltação de um eu amoroso, alegre e saudosista como era comum ao romantismo e parnasianismo. O *Eu* de Augusto dos Anjos transgredia o habitual. Os leitores

se deparam com imagens decadentes, que rompiam a harmonia entre o indivíduo e a vida, atravessado pelo caráter irônico, sob o ponto de vista da relação dos títulos e conteúdo dos poemas carregados de metáforas e comparações. Efeitos que demonstrava um poeta reflexivo sobre o “cenário filosófico de inquietação e assombro”. (SANTOS, 2002. p. 29-30).

Os aspectos metafóricos da obra têm uma natureza móvel e se mostram como uma “problemática de quebra de expectativa do leitor”, que precisa atentar para o fazer poético se distanciando, desse modo, ao previsto das belas letras, até mesmo, da literatura da *bela época*³:

O que poderia parecer, a princípio, pela estrutura tradicional do verso, mais um livro de linhagem da *belle époque*, foi, na verdade, uma produção de substâncias estranhas à poesia, seja pela incorporação da terminologia científica, seja pelo vocabulário hediondo. Poesia do desvio da norma e do habitual. (SANTOS, 2002. p. 30. grifos do autor).

A transgressão de posição dúbia da linguagem literária e menção à linguagem científica, em que se mesclam aspectos da tradição e da modernidade.

1.2 Augusto dos Anjos e Charles Baudelaire: aproximações poéticas

Segundo Roselfeld (1976) havia semelhanças consideráveis entre a linguagem usada por Augusto dos Anjos e a linguagem usada pelos expressionistas alemães, em que se verificavam aproximações terminológicas, temáticas e de visão de mundo e do homem. Semelhanças essas mais evidentes entre Anjos e Benn⁴, por tratarem de uma “poesia de necrotério”, quebrarem o convencionalismo burguês e a linguagem literária tradicional. Para o autor:

o *frisson galvanique*⁵ dessa poesia tem sua raiz na concepção baudelairiana de uma arte que ainda do horroroso e feio, da fosforescência da podridão, tira uma beleza artificial e alexandrina, haurindo seus melhores efeitos do

³ Segundo Teles (1997, p. 39) trata-se do “período da literatura européia” de 1886 a 1914, denominado como bela época, caracterizado por uma “pluralidade de tendências filosóficas, científicas, sociais e literárias” provenientes da doutrina do “realismo- naturalismo”. O período foi marcado por “boêmias literárias” que ocasionaram as literaturas de vanguarda, em louvor a modernidade e busca de novas técnicas de expressão que dialogassem com a realidade.

⁴ De acordo com Heise (1997), o poeta alemão Gottfried Benn (1886- 1956), além de Expressionista se iguala aos representantes da poesia moderna. Em 1912, publicou *Morgue*, que marcou o período do movimento vanguardista alemão.

⁵ Friedrich (1978, p.43), traduz a expressão francesa mencionada por Rosenfeld como “calafrio galvânico”.

fascínio excitante provocado por motivos e vocábulos “chocantes”, isto é causadores de “choques”. O termo exótico em particular, inserido no campo do vocábulo familiar, passa a ser núcleo irradiador de tensões. Da mesma forma como as palavras, o mundo de Augusto dos Anjos é, por assim dizer, na sua essência, proparoxítono, esdrúxulo, dissonante. À semelhança do que ocorre na “dermatologia lírica” de Benn, opõem-se e unem-se na sua poesia o impulso lírico e científico. (ROSENFELD, 1976, p. 265-266. grifos do autor).

Os termos exóticos usados pelo paraibano tendem a despertar a curiosidade no leitor, que mesmo sem compreender os poemas é atraído pela força expressiva da linguagem constituída de vocábulos de firme consistência, visão de mundo e pelo aspecto desconcertante. Esta aproximação do poeta com o Expressionismo alemão, apontada por Rosenfeld, foi um dado novo na fortuna crítica de Augusto dos Anjos e demonstra que essa poesia em certos momentos se iguala a obras importantes da tradição ocidental.

Ao lermos os poemas augustianos notamos que a realidade também é expressa e de forma não habitual. Ela adquire outra aparência; é simultaneamente enunciada e ocultada pelo caráter poético do texto, que se mostra ao leitor, em certos momentos de difícil compreensão. Esse traço característico também é observado na lírica moderna. Segundo Friedrich (1978) nessa lírica:

traços de origem arcaica, mística e oculta, contrastam com uma aguda intelectualidade, a simplicidade da exposição com a complexidade daquilo que é expresso, o arredondamento linguístico com a inextricabilidade do conteúdo, a precisão com a *absurdidade*, a tenuidade do motivo com o mais impetuoso movimento estilístico. São em parte, tensões formais e querem, frequentemente, ser entendidas somente como tais. Entretanto, elas aparecem também nos conteúdos. (FRIEDRICH, 1978, p. 16. grifos do autor).

Percebemos que alguns desses recursos apontados pelo autor podem ser observados na obra do paraibano. A ruptura da sua linguagem causou efeitos chocantes nos leitores na estreia da obra e ainda na contemporaneidade.

Os escritores da lírica moderna evitavam escrever sobre o que a sociedade almejava, ou seja, fugiam das conveniências comuns e idealizadas da literatura. Os aspectos positivos da poesia habitual, voltados a tudo que agradava aos leitores e que traziam tranquilidade e bem-estar no processo da leitura passaram a dividir o espaço textual com aspectos negativos, que provocam o efeito oposto.

De modo semelhante, podemos verificar na poesia de Augusto dos Anjos, quando consideramos que o poeta evitou os processos automatizados⁶ da bela poesia. Dessa maneira, sua obra foi recebida pelos leitores a partir do estranhamento da linguagem antiga e da linguagem “nova”, por ele utilizada.

De acordo com Bosi (1972, p. 46), existe na poesia de Augusto dos Anjos aproximações com a do poeta francês Charles Baudelaire⁷, apesar dos autores apresentarem distanciamentos entre os recursos formais, “de espírito”, e não haver em Anjos uma “convicção estética amadurecida” nem “complacência satanista”. Vejamos o poema “O morto alegre” do poeta francês, traduzido por Ivan Junqueira, no qual podemos observar semelhanças entre os termos e um pouco da visão de mundo dos poetas:

Na planície em que o lento caracol vagueia,
Quero eu mesmo cavar um buraco bem fundo,
Onde possam meus ossos repousar na areia,
Como o esqualo a dormir no pélagos profundo.

Odeio o testamento e a tumba me nauseia;
Ao invés de implorar uma lágrima ao mundo,
Prefiro em vida dar aos corvos como ceia
Os trapos que me pendem do esqueleto imundo.

Ó vermes! Vós a que não chegam luz ou ruído,
Eis que vos toca um morto alegre e destemido;
Filhos da podridão, demiurgos do artifício,

Vinde pois sem remorso ungir-me os membros tortos,
E dizei-me depois se resta algum suplício
A este corpo sem alma e morto dentre os mortos!
(BAUDELAIRE, 1985, p. 285)

O título, de início, causa impacto, por trazer um morto poetizado. O que chama atenção é que não é um simples cadáver que foi tomado ao acaso para ser abordado, mas um morto caracterizado como alegre. A contradição da significância dos termos (“morto” e

⁶ De acordo com Choklovski (1976, p. 43-44), o processo de *automatização* consiste na forma como a linguagem é tomada por formas habituais de percepção. Nesse sentido, frases e palavras são “pronunciadas pela metade”. Ou seja, passam por enfraquecimento de percepção e reprodução de forma que caem num automatismo inconsciente.

⁷ Charles Baudelaire foi considerado um poeta “maldito”, conhecido pela obra prima “As flores do mal” e expoente na poesia moderna.

“alegre”) pode suscitar inquietação no leitor, uma vez que o cadáver é impossibilitado de expressar todo e qualquer tipo de sentimento.

A leitura de “O morto alegre” pode provocar efeitos próximos aos poemas de Augusto dos Anjos, já que o texto apresenta a morte como desejo, seres rasteiros como o “caracol” e o “verme” que são tratados como “filhos”, “demiurgos” pelo poeta. Ao trazer o verme como “demiurgo” não tem como não lembrarmos o poema “O deus- verme”, do paraibano. Vejamos a aproximação entre o poema augustiano com o de Baudelaire:

O DEUS- VERME

Factor universal do transformismo.
Filho da teleológica matéria,
Na superabundância ou na miséria,
Verme — é o seu nome obscuro de batismo.

Jamais emprega o acérrimo exorcismo
Em sua diária ocupação funérea,
E vive em contubérnio com a bactéria,
Livre das roupas do antropomorfismo.

Almoça a podridão das drupas agras,
Janta hidrópicos, rói vísceras magras
E dos defuntos novos incha a mão...

Ah! Para ele é que a carne podre fica,
E no inventário da matéria rica
Cabe aos seus filhos a maior porção!
(ANJOS, 1965, p.66. grifos do autor)

O campo lexical, as tensões dissonantes, as vibrações sonoras, como também o uso de imagens da “estética do feio” aparecem em ambos os textos. A respeito da poesia de Charles Baudelaire, Friedrich (1978) afirma:

Baudelaire, falou muitas vezes da beleza. Mas, em sua lírica, esta limitou-se às formas métricas e à vibração da linguagem. Seus objetos já não suportam o conceito de beleza antigo. Baudelaire serve-se de recursos equívocos, paradoxais, para dotar de beleza de um encanto agressivo, do “aroma do surpreendente”. Para que esta seja protegida do banal e provoque o gosto banal, deve ser bizarra. “Puro e bizarro” diz uma de suas definições do belo. Mas ele também desejou sinceramente a feiura como equivalente do novo mistério a penetra-se, como ponto de ruptura para à ascensão à idealidade. (FRIEDRICH, 1978. p. 44. grifos do autor).

De forma parecida ocorre em Augusto dos Anjos. A fuga do que era corrente na literatura brasileira, o uso de uma linguagem diferenciada da poesia de seu tempo, trazia justamente características modernas para a escrita do paraibano, mas enquanto arte criadora “diferente” sua poesia não foi reconhecida pelos modernistas de 22, que obcecados pelas inovações formais, não percebiam as novidades trazidas pelo autor.

Nesse sentido, a modernidade trazida pelo jovem poeta não cabia nos modelos da lírica moderna desenvolvida a partir de 1922, ou seja, para os modernistas, não havia nele uma revolução no plano em si da linguagem, como a opção pelo verso livre, pela poesia piada, dentre outros traços adotados no período. Para Gullar (1976), existe na composição da poesia de Augusto marcas inovadoras, evidentes e profundas usadas de forma constante em toda sua obra que anteciparam a poesia moderna no Brasil.

A realidade vivida nos setores considerados amorais aparece na poesia do autor do *Eu* de forma hedionda, trazendo para o leitor aquilo que nem sempre atentamos na sociedade, que, direto ou indiretamente, tende a contribuir com situações julgadas como impróprias por uma parcela da população. Uma realidade ignorada pelos poetas da época se faz presente nessa poesia. Traços que podem ser observados, por exemplo, no poema “Os doentes”. Vejamos um trecho do referido texto:

Mas, para além, entre oscilantes chamas,
Acordavam os bairros da luxúria...
As prostitutas, doentes de hematúria,
Se extenuavam nas camas.

Uma, ignóbil, derreada de cansaço,
Quase que escangalhada pelo vício,
Cheirava com prazer no sacrifício
A lepra má que lhe roía o braço!

E ensanguentava os dedos da mão nívea
Com o sentimento gasto e a emoção pobre,
Nessa alegria bárbara que cobre
Os saracoteamentos da lascívia...
(ANJOS, 1965. p. 105)

A realidade crua dos prostíbulos, lugar da vulgaridade aos olhos da sociedade, é exposta ao leitor, sobre aspectos dramáticos, como uma tapa sobre a face daqueles que não viam o que produziam. Sob um olhar sensível, mas também crítico Augusto dos Anjos poetiza

os doentes físicos e morais da “cidade dos lázaros”, das doenças incuráveis, dos prazeres, mas também da dor, sob uma perspectiva budista.

O poeta apresenta imagens correntes na sociedade como, por exemplo, “o gemido de homens bexigosos”, o “desespero das pessoas físicas”, “uma garganta órfã que gemia”. Mas, nem por isso, deixou de ser tratada sob uma postura sensível, pois só uma percepção reflexiva e afetuosa enxerga essa realidade existente, mas nem sempre considerada.

O uso da linguagem incorporando termos cotidianos e incomuns compõem uma poesia complexa, em que verificamos um eu lírico reflexivo e preocupado com a humanidade no seu sentido plural. Ainda em “Os doentes”, percebemos que o poeta também faz crítica social. Ao lançar os olhos para a humanidade atenta para grupos menores como os “Índios”, vítima do colonizador, que progresso excluía e “anulava”; sobre o coveiro que estava a “enumerar sepulturas e carneiros”, executando um ofício desvalorizado pela sociedade e praticamente esquecido; acerca do filósofo que também passa, em parte, pelo desprestígio e fica “a coçar chagas plebeias”.

A poesia do paraibano demanda atenção e reflexão sobre suas abordagens, visto que nem só de uma linguagem chocante o poeta se valeu para elaborar poemas. Para Bezerra (2004), há na poesia de Augusto dos Anjos um jogo de linguagem alegórica e irônica a partir do qual o poeta exprime e oculta o que pretende enunciar. A alegoria ao envolver a arbitrariedade e a subjetividade da linguagem abre possibilidades para a pluralidade de significações do poema, mostra querendo esconder o sentido literal das coisas.

De acordo com Bezerra (2004, p.138): “a alegoria, assim como a ironia, cria um duplo nível de leitura, pois, ao mesmo tempo em que aponta para determinado valor expressivo, provoca a busca da essência subjacente à aparência”. A autora traz como exemplo desse jogo alegórico e irônico uma análise detalhada dos poemas “Vozes da morte”, “Natureza íntima”, “Os doentes”, “Noite de um visionário” dentre outros, em que percebemos como se constitui essas figuras de linguagem na poesia augustiana.

Segundo Bezerra (2004), a alegoria barroca “como emblema do fragmento e da ruína” aparecem nessa poética, uma vez que as imagens alegóricas decadentistas do homem foram tratadas como ser transitório. Como vítima da morte, instituidora de “uma nova era”. Nesse jogo de mostrar e ocultar, o tom irônico perpassa a linguagem poética de Augusto dos Anjos,

na qual o homem, destinado à morte, é chacoteado por um eu lírico que também participa “do discurso”, pois reconhece seu próprio fim.

Observando os poemas relacionados à natureza, percebemos que ele a trata a partir de seus aspectos cíclicos, em que ela tanto exerce o papel de mãe, quanto o de “madrasta”, cuja vida é dada, mas também arrancada do homem, pelas leis naturais e biológicas do universo. Por outro lado, há na poesia augustiana, uma natureza que também é tratada pelos seus aspectos belos e sublimes, em que há uma união dela com o eu poético, como podemos observar no poema “A árvore de serra”:

-- As árvores, meu filho, não têm alma!
E esta árvore me serve de empecilho...
É preciso cortá-la, pois, meu filho,
Para que eu tenha uma velhice calma!

-- Meu pai, por que sua ira não se acalma?!
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!
Deus pôs almas nos cedros... no junquilha...
Esta árvore, meu pai, possui minh'alma!...

-- Disse -- e ajoelhou-se, numa rogativa:
“Não mate a árvore, pai, para que eu viva!”
E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco,
O moço triste se abraçou com o tronco
E nunca mais se levantou da terra!
(ANJOS, 1965. p. 137. sic)

Notamos que há um carinho e tensão que envolve o eu lírico ao se deparar com o corte da árvore, visto que a pede em “rogativa” ao pai que não realize a ação. No poema, a natureza quando poetizada é tratada como uma manifestação divina, pois possui vida e “alma” a partir de uma visão panteística⁸ do poeta. Certamente, os leitores do século passado não observaram essa vertente da poesia augustiana. Impressionados com os elementos que fugiam do convencional, deixaram de notar tal riqueza da obra.

⁸ Sobre panteísmo, Gaarder (2000) afirma ser “uma crença” sobre a presença de Deus no mundo e em tudo que o permeia como se fosse manifestações divinas. O homem na sua condição mortal no panteísmo pode unir-se ao divino através de experimentações impessoais.

Outros temas aparecem na obra augustiana, inclusive alguns que à primeira vista, parecem destoar de sua poética. É o caso do tema do amor, presente tanto nos poemas do *Eu*, quanto nos poemas acrescentados às reedições da obra, como este esquecido “Soneto”, no qual podemos observar uma sensibilidade poética ainda pouco conhecida pelos leitores. Vejamos:

Canta teu riso esplêndido sonata,
E há, no teu riso de anjos encantados,
Como que um doce tilintar de prata
E a vibração de mil cristais quebrados.

Bendito o riso assim que se desata
-- Cítara suave dos apaixonados,
Sonorizando os sonhos já passados,
Cantando sempre em trínula volata!

Aurora ideal dos dias meus risonhos,
Quando, úmido de beijos em ressábios
Teu riso esponta, despertando sonhos...

Ah! Num delíquio de ventura louca,
Vai-se minh'alma toda nos teus lábios,
Ri-se o meu coração na tua boca!
(ANJOS, 1965. p. 258. sic)

Nesse poema, existe um eu lírico amoroso que poetiza o sorriso manifestado pela amada, a partir da sonoridade do gesto. A subjetividade das ideias, demonstrada pela comparação do riso com a composição musical da “sonata” é descrito de forma afetuosa como “doce tilintar de prata” e a intensa ressonância vibratória “de mil cristais quebrados”. O leitor pode observar uma musicalidade forte no poema, que é uma característica bastante recorrente nos poemas do autor.

Pelo recurso sinestésico, o leitor pode inferir que o riso provoca diferentes impressões sensoriais no eu lírico expondo os efeitos psíquicos causados pelo sorriso da amada. O riso cantado soa doce ao ouvido desse “observador”, como podemos notar nos três primeiros versos do poema: “Canta teu riso esplêndido sonata / E há, no teu riso de anjos encantados / como que um doce tilintar de prata”.

Através da abordagem comparativa, o sorriso é qualificado como “esplêndido” e “de anjos encantados”, o que traz um tom amoroso para o poema. O riso que estava preso se

desata como a música extraída da “cítara”, qualificada como “suave dos apaixonados”, o que valoriza o momento e a amada. A sonoridade delicada e harmoniosa das unidades sonoras encanta a audição sensível do eu lírico, ao passo que evoca “sonhos” de forma rápida como ocorrem as lembranças e na “trínula volata”.

A assonância do fonema [a] além de produzir musicalidade no poema pode sugerir ao leitor a força que o riso possui e reforça a impressão auditiva do gesto. Também pode suscitar a ideia de claridade e alegria pelo uso das palavras: “anjos”, “prata”, “cristais”, “aurora” e “alma”, pois os termos sugerem esse sentido. A aliteração do fonema [s] também reforça a sonoridade do poema e produz um efeito musical característico da lírica augustiana. Além disso, o uso dessa figura de linguagem ajuda a relacionar as palavras, produz rima e contribui para que o leitor relembre o poema.

O riso da amada evoca imagens claras que “iluminam” o eu lírico, trazendo alegria e desejo, que se mostra como uma “aurora ideal” de “dias risonhos” afastando os beijos amargos dos “ressábios”. Percebemos ainda, erotismo no poema, uma vez que há a fusão do eu lírico com a amada, pois o riso excita o desejo de vivenciar o amor, numa perspectiva alucinante de “delíquio de ventura louca”. Essa fusão alegre e prazerosa é apresentada como uma união perfeita entre os corpos, através da fusão da matéria física e o espírito.

A leitura do poema pelos leitores fascinados pelas particularidades dos poemas mais conhecidos de Augusto dos Anjos podem estranhar o soneto e até mesmo duvidar que seja do autor. Há uma distância estética com seus poemas mais conhecidos, pela concepção amorosa e moderna que apresenta e que se afasta do romantismo do século XIX.

CAPÍTULO 2 - A LEITURA LITERÁRIA E A FORMAÇÃO DE LEITORES

Neste capítulo apresentamos uma discussão sobre os aspectos que envolvem o acesso à leitura historicamente e discutimos questões que ainda interferem no ato de ler na atualidade. Refletimos sobre o ensino de literatura e a formação de leitores e trazemos considerações sobre o texto poético. Para tanto, nos embasamos nas reflexões teóricas de Aguiar e Bordini (1988), Petit (2013), Candido (2013), Jauss (1994, 1972), Rouxel (2014), Pinheiro (2007, 2009, 2015), dentre outros autores.

2.1 Leitura literária: entre prazeres e riscos

De acordo com Aguiar e Bordini (1988) é através da linguagem que os homens trocam experiências, se confrontam com os outros, se reconhecem como indivíduos e sofrem transformações. Essas relações de socialização ultrapassam as esferas pessoais e também ocorrem através da leitura, que proporcionam experiências socioculturais próximas ou distantes da realidade dos indivíduos e que contribuem com a aproximação dos sujeitos.

Segundo Aguiar e Bordini (1988), historicamente a aquisição do conhecimento pelo material escrito esteve entre os poucos privilegiados que detinham poder na sociedade. Desta forma, a oportunidade de aprender a ler e a escrever nem sempre alcançou a maioria da população economicamente menos favorecida, que tinha acesso ao saber por outros meios, como as transmissões orais e experiências de vida. Apesar da situação, as pessoas não passavam por discriminações, pois o domínio da escrita era de privilegiados.

Com as conquistas da Revolução Francesa, a escola pública foi instituída pela burguesia emergente com o objetivo de equalizar as diferenças, mas pelas suas próprias origens tomou rumos divergentes tornando-se mais um meio de dominação das classes populares, que ficaram à margem do projeto. Nesse sentido, as outras leituras realizadas pelos não alfabetizados passaram a ser ignoradas pela visão deformada de cultura, dos que detinham acesso à escrita. (AGUIAR E BORDINI, 1988).

A partir da discriminação de alfabetizados e não alfabetizados surgiram às distinções sobre aqueles que não tinham domínio de textos escritos, que passaram a sofrer relações de

dominação por aqueles que usufruíam do código. Com isso, se disseminaram as desigualdades:

Assim, as sociedades gradualmente se dividem em segmentos cultos e incultos, tomando como critério distintivo o domínio do código linguístico escrito. Do ponto de vista histórico, a situação de desigualdade entre elementos alfabetizados e analfabetos produziu uma relação de domínio dos primeiros sobre os segundos, que se acrescentou a todas as outras formas de dominação social. (AGUIAR E BORDINI, 1988, p.10).

Segundo Aguiar e Bordini (1988) a leitura não se restringe ao material escrito, pode ser realizada por outros objetos culturais como: “cinema, televisão, vestuário, esporte, cozinha, moda, artesanato, jornais, falas, literatura”, que são permeados por textos. Nesse sentido, estamos em constante formação leitora. De acordo com as autoras:

Conferindo à escola a função e formar o leitor, destruiu-se a noção de texto como representação simbólica de todas as produções humanas, restando ao livro como mediação para qualquer conhecimento. Passou-se a destacar, assim, o livro por ser este uma produção da classe dominante, a ela pertencente e à qual aspiram as classes dominadas. (AGUIAR E BORDINI, 1988, p. 11)

Desta forma, o acesso à leitura de textos escritos passou a ser necessário como forma de diminuir as diferenças entre as classes, possibilitar outras oportunidades de vida na sociedade, contribuir na formação da pessoa.

Para Aguiar e Bordini (1988. p. 12), a escola pública enquanto “aparelho ideológico burguês” nem sempre apresentou eficiência nessa função demonstrando deficiências que contribuíram para a evasão escolar e que interferiram na formação de leitores. Em meio às divergências de uma sociedade desigual e com problemas de leitura, as obras literárias por comportar pluralismo cultural mostram-se como instrumento favorável para a mobilização da leitura, pois a diversidade de públicos pode se identificar com as abordagens literárias.

Desse modo, existe possibilidade no estreitamento das diferenças, pois, as obras literárias comportam uma significação mais ampla:

A literatura, como uma das formas de comunicação, participa assim, do âmbito maior da cultura, ou seja, da produção significativa, relacionando-se com outros objetos culturais. Entretanto, possui características que a diferenciam desses. A mais evidente é o uso não utilitário da linguagem. No circuito de comunicação, o texto literário não se refere diretamente ao contexto, não precisa apontar para o objeto real de que ele é signo possuindo, portanto, uma autonomia de significação. (...). Ao ler o texto, o leitor entra nesse jogo, pondo de lado sua realidade momentânea, e passa a viver, imaginativamente, todas as vicissitudes das personagens de ficção. Dessa

forma, aceita o mundo criado como um mundo possível para si. (AGUIAR E BORDINI, 1988, p. 14).

Nesse sentido, as obras literárias apresentam uma organização estrutural, mas não totalmente uniforme e presa ao contexto. Elas possuem aspectos em aberto, que são preenchidos pelo leitor. As lacunas do texto oferecem liberdade na produção dos sentidos, pelo aspecto plurissignificativo que eles possuem.

Essa natureza do texto literário favorece momentos de devaneio, sentimentos de prazer e encontro com a leitura e também pode atuar no psicológico do leitor, ir de encontro a convenções culturais e morais da sociedade e da formação pessoal do sujeito:

da literatura, convém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma experiência que pode causar problemas psicológicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isso significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada da própria realidade. Por isso, nas mãos do leitor pode ser fator de perturbação e mesmo de risco. (CANDIDO, 2013, p. 178).

Pela diversidade de abordagens que as obras literárias comportam, nas quais as experiências humanas estão presentes, bem como pelo seu papel formador, a leitura desses textos podem suscitar sentimentos de medo e desconfiança, pelas possibilidades de mudanças de horizontes que oferecem.

As discussões de Petit (2009), sobre o medo da leitura contribuem na compreensão do fato:

esse medo não diz respeito apenas aos jovens. Ele também está presente em torno deles, sobretudo se nasceram em um meio onde o livro é pouco familiar. Ele pode estar na família, no bairro, entre os amigos e até mesmo entre os professores. E também está presente entre os que detêm o poder, por trás dos belos discursos dos políticos sobre a difusão da leitura. (PETIT, 2009, p. 103- 104. grifos da autora).

A leitura passa a ser vista como uma prática solitária, de isolamento de grupos, em que se tem a ideia de que o outro não pode saber administrar os conhecimentos adquiridos, de descobrir outras formas de pensar, que não sejam defendidos e estabelecidos socialmente:

as normas e os valores são modificados pela experiência estética da leitura. Quando lemos nossa expectativa é função do que já lemos – não somente no texto que lemos, mas em outros textos –, e os acontecimentos imprevistos que encontramos no decorrer da nossa leitura obrigam- nos a reformular

nossas expectativas e a reinterpretar o que já lemos, tudo que lemos até aqui nesse texto e em outros. (COMPAGNON, 2012, p. 46).

Nesse sentido, surge um novo sujeito que suscita medo nos outros, pois ele pode não mais consentir com aos padrões impostos pela sociedade, traí-los, tomar outros rumos, se dispersar de grupos que antes participava.

A poesia de Augusto dos Anjos pode ser um exemplo do medo discutido por Petit (2009), pois apresenta perspectiva de abordagem transgressora e decadente da vida, que nem sempre os indivíduos querem e estão dispostos a entrar em contato, sobretudo aqueles que não têm muita familiaridade com a leitura de textos literários. Ademais, pode oferecer ao leitor outras possibilidades de compreensão da vida e do sujeito, sob um olhar mais crítico.

Pensando no medo da leitura na escola, pode ocorrer pela forma impositiva que a atividade por vezes é tratada, bem como pela sua conversão em ato de consumo, cuja aquisição de livros nem sempre condiz com a realidade dos alunos. Nesse sentido, a formação de leitores literários tem sido um trabalho difícil para os profissionais da educação, que se veem inquietos perante problemas diários na realidade escolar, sobretudo da escola pública do Brasil.

Nessa perspectiva, há uma necessidade de envolvimento de todo um setor organizacional da educação, para melhorar o quadro da leitura no país. Observamos neste caso, que a falta de leitura de textos literários tem levado as pessoas a perceberem a atividade de maneira semelhante a como era vista na antiguidade. Sabemos que a leitura oferece abordagens que podem entrar em conflito com valores pessoais, mas isso não significa que sejam efetivamente riscos que as pessoas podem correr.

Tomando a poesia de Augusto dos Anjos como exemplo, percebemos que ela apresenta aspectos que podem suscitar medo, como tom melancólico, o viés pessimista e decadentista da vida, que pode ir ao encontro das angústias das pessoas, sobretudo dos jovens. Por isso mesmo, por vezes ela é considerada na escola como uma poesia difícil de ser trabalhada na sala de aula.

No entanto, os aspectos da linguagem e da própria visão de mundo da poesia de Augusto dos Anjos podem atrair os jovens para a leitura, despertar emoções, trazer outros olhares sobre a realidade e sobre si que não precisam ser observado como algo negativo, mas

como algo propício a formação de leitores. Como discute Rouxel (2014), a leitura literária envolve aventuras e para tanto,

é necessário instituir os alunos, sujeitos leitores, o que significa renunciar, na sala de aula, ao conforto de um sentido acadêmico, conveniente, “objetivado”, para engajar os alunos na aventura interpretativa, com seus riscos, suas instabilidades, suas contradições, suas surpresas suas descobertas, mas também seus sucessos. A leitura literária, assim pensada, se apoia nas experiências de leituras particulares dos alunos pelos quais o texto toma vida e significação. (ROUXEL, 2014, p. 21. grifos da autora).

Dessa forma, a leitura de literatura na escola se mostra como um meio, cujos alunos leitores podem desvelar o mundo e a si, pois ela atua no seu sentir e pensar. Ou seja, proporciona sentido à vida, pode tirá-los de condições isoladas, numa perspectiva formadora da pessoa.

2.2 O ensino de literatura e a formação de leitores

Com as reflexões da teoria da estética da recepção, ainda da década de 60, e os estudos e pesquisas recentes que discutem a leitura literária no âmbito escolar, percebemos que o ensino de literatura que culmine com a formação de leitores pode ser dar pela valorização da relação texto – leitor e da experiência estética da leitura das obras literárias. De acordo com Rouxel (2014), há a necessidade de alterações em práticas adotadas:

Ensinar literatura com essa visão requer uma mudança de rumo: trata-se de sair do formalismo – da atividade de leitura concebida como lugar de aquisição programada de saberes e de transformar a relação dos alunos com o texto literário acolhendo suas reações subjetivas. (ROUXEL, 2014, p.21).

Embora que as discussões sejam significativas evidenciando a necessidade, ainda temos observado que a prática, por vezes se mostra distante em algumas realidades escolares. A relação texto- leitor nem sempre é priorizada, pois há uma prioridade de ensino que toma os textos literários como instrumento de análise linguística. Além disso, aulas pautadas na exposição de informações históricas de autores, textos e obras literárias. De acordo com Pinheiro (2009, p. 132):

As práticas se repetem, sempre enfatizando a apreensão de conteúdos, de informações ou de teorias. Esquecemos que, ao trabalhar com a arte, há peculiaridades que devem ser observadas. Ensinar literatura não é a mesma

coisa do que ensinar história, por exemplo, embora possa haver aproximações. O objetivo de todo ensino de literatura, pelo menos nos níveis fundamental e médio, formar leitores de literatura.

Dessa forma, os alunos são privados de experimentar as singularidades dos textos literários, que contribuem no aprendizado numa perspectiva mais formadora da pessoa, ou seja, as experiências múltiplas, que favorecem para visões mais reflexivas e críticas, sobre a realidade e sobre si. De acordo com Jouve (2013, p. 53), “a leitura de um texto é sempre a leitura do sujeito por ele mesmo, constatação que, longe de problematizar o interesse do ensino literário, ressalta-o”.

Considerando o contexto do ensino médio, a ausência de leitura das obras literárias é algo preocupante, pois os alunos estão na última fase na educação básica. Para alguns jovens, por situações diversas, a leitura de literatura após o término do ensino médio se torna mais difícil. Por isso, se destaca a necessidade de aproximá-los das obras valorizando a leitura real dos textos literários, que não se mostram para os leitores da mesma forma.

De acordo com Jauss (1979), e suas reflexões sobre a teoria da estética da recepção a obra literária não é percebida pelos leitores de forma estática, em diferentes épocas, mas renovável a cada acontecimento literário:

o sujeito sempre goza mais do que de si mesmo: experimenta-se na apropriação de uma experiência do sentido do mundo, ao qual explora tanto por sua própria atividade produtora, quanto pela integração da experiência alheia e que, ademais, é passível de ser confirmado pela anuência de terceiros. O prazer estético que, desta forma, se realiza na oscilação entre a contemplação desinteressada e a participação participadora, é um modo da experiência de si mesmo na capacidade de ser outro, capacidade a nós aberta pelo comportamento estético. (JAUSS, 1979. p. 77)

Nesse sentido, cada leitor possui um horizonte de expectativa da obra a ser lida, isto é, impressões acerca dos textos que podem ser influenciadas e modificadas pela experiência de leitura. Jauss (1979, p. 81) apresenta três níveis de experiência estética que pode ocorrer e levar o leitor ao prazer da leitura: a “*poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*”, que são “funções autônomas”, não hierárquicas, porém que “estabelecem relações de sequência”.

A *poiesis* consiste na identificação ou contemplação da obra literária, em que o sujeito se sente produtor da arte contemplativa; a *aisthesis* se refere ao prazer estético que leva o leitor a uma nova percepção da realidade, externa e internamente; a *katharsis* compreende o

prazer estético pelo “discurso ou pela poesia”, que possibilita o sujeito alterar seus princípios e desbloquear seu psiquismo.

Nesse sentido, o processo da leitura mostra-se dinâmico, capaz de causar efeitos no leitor através interação da leitura, ou seja, movimentos de ida e vinda, construção e reconstrução de sentidos, num duplo horizonte: o do leitor; que possui conhecimentos, vivências e experiências pessoais e de vida e o do texto. O texto literário nessa perspectiva suscita efeitos e significados diferentes para o sujeito, de acordo com o tempo e o espaço que estão inseridos.

Segundo Compagnon (2012, p. 161): “A experiência da leitura, como toda experiência humana, é fatalmente uma experiência dual, ambígua, dividida: entre compreender e amar, entre filologia e a alegoria, entre a liberdade e a imposição, entre a atenção ao outro e a preocupação consigo mesmo”.

De acordo com Bordini e Aguiar (1993), as obras literárias são dotadas de polissemia que permite o leitor extrair o prazer da leitura sem prendê-lo a realidade, a partir da exploração da imaginação e construção dos sentidos, favorecendo a repensar a realidade concreta. Para tanto, a escola enquanto instituição exerce um papel fundamental, não com o objetivo de fazer compreender todos esses sentidos, mas de colocar a leitura do texto como possibilidade de compreender conceitos.

Os estudos das características de época e movimentos literários de autores e obras podem ser realizados após a leitura e discussão das obras literárias, da experiência entre texto e leitor, de forma a ampliar os conhecimentos, ou seja, depois do contato com texto, que permita o sujeito discutir o que está sendo posto em questão.

Pensando na poesia de Augusto dos Anjos, o ensino que não privilegie a leitura dos poemas pode afastar o aluno da leitura da obra, já que muitas vezes essa poesia é apresentada sob os aspectos mais conhecidos historicamente acerca da obra. Dependendo da forma como essas informações forem expostas aos alunos podem afastá-los da leitura da poesia augustiana. Temas como amor e natureza, que são atrativos aos leitores e estão presentes na obra do paraibano, que são abordados numa perspectiva diferente pelo poeta, podem passar longe dos jovens ou de outro público.

2.3 Poesia: contribuições na formação do leitor⁹

Sabemos que as obras literárias, de modo geral, oferecem possibilidades diversas, dentre elas na formação estética sensível do ser humano e no interesse sobre a leitura, pela riqueza polissêmica da linguagem, as perspectivas de abordagens múltiplas que são apresentadas pelos autores:

Ao caracterizar-se no texto literário um uso específico e complexo da língua, os signos linguísticos, as frases, as sequências assumem, em função do contexto em que se integram, significado variado e múltiplo. Assim, afastam-se, por exemplo, da monossignificação típica do discurso científico, para só citar um caso. (PROENÇA, 2007, p. 40).

Mas, se no texto literário, de forma geral, apresentam especificidades que se mostram ao leitor, no caso da poesia elas se acentuam mais, como pontua Pinheiro (2015, p. 286),

Quando nos aproximamos dos inúmeros tratados sobre a poesia – de Aristóteles aos tempos atuais –, destaca-se a dificuldade de defini-la de modo que se contorne toda sua complexidade. A poesia quase sempre se esquia a uma concepção fechada, que a reduza a um quadro de normas e convenções. Por melhor que se possa defini-la, sempre será a vivência da leitura – oral ou silenciosa – o que vai possibilitar, ao certo, ter dela uma concepção mais precisa, mas aquém de sua complexidade.

Essa dificuldade tem levado os alunos / leitores a afirmar que ler poesia é difícil é complicado de entender, de estudar, sobretudo, quando a escola nem sempre oportuniza uma experiência estética com os textos em verso.

Acreditamos que a poesia precisa ser pensada e discutida quando estamos dispostos a contribuir com a formação de leitores, ainda mais quando estamos pensando no ensino de literatura nos anos finais da educação básica, pois se os alunos têm chegado ao ensino médio ainda com baixos índices de leituras de poemas, algo tem interferido no desejo e interesse desse público sobre esse gênero.

⁹ Neste tópico desenvolveremos algumas colocações propostas do artigo que escrevemos intitulado “Poesia e formação de leitores: Augusto dos Anjos como possibilidade de trabalho na sala de aula” e que foi publicado no I Encontro de Letras do Litoral Norte da Paraíba: Língua, Literatura e Ensino: diálogos necessários (I ELLIN), 2017. Disponível em: <http://www.ccae.ufpb.br/ellin/wp-content/uploads/2017/11/ANAIS-I-ELLIN-V.-FINAL-2.0.pdf>.

Sabemos que a poesia faz parte da linguagem literária e que no processo de criação os escritores se valem dos mesmos recursos da língua, como palavras, pontuação, sintaxe. Quando realizamos a leitura de um romance, crônica ou conto temos a impressão de que dispomos de mais facilidade e fluência para depreender o que foi enunciado. Já quando lemos a poesia, o processo é diferente, a linguagem não aparenta ser mais a mesma, parece que adquire outras figurações, que nos custa, às vezes, assimilar o que foi expresso. Como afirma Valéry:

Prosa e poesia servem-se das mesmas palavras, da mesma sintaxe, das mesmas formas e dos mesmos sons e timbres, mas diferentemente coordenados e excitados. Prosa e poesia distinguem-se, portanto, através da diferença de certas ligações e associações feitas e desfeitas em nosso organismo psíquico e nervoso, enquanto os elementos desse modo de funcionamento são idênticos. É por isso, que devemos nos precaver de raciocinar sobre a poesia como se faz com a prosa. O que é verdadeiro para uma não tem mais sentido, em muitos casos, quando se quer encontrá-lo na outra (VALÉRY, 1991, p. 212).

Talvez seja por isso, que há quem afirme que a prosa seja vista como um texto mais fácil de ler e entender do que a poesia e, possivelmente isso pode ser um dos motivos pelos quais ela tem ficado mais aquém dos gostos de leituras dos alunos. Além disso, ainda temos as formas como a poesia por vezes é tratada na escola, por meio de abordagens que nem sempre atentam para as especificidades do texto poético, como: ritmos, figuras de linguagens, imagens, construções sintáticas diferentes, que produzem efeitos singulares e diversos, inclusive que pode atrair os alunos para a leitura.

Para tanto, a poesia, por vezes é vista a partir de olhares estranhos pelas pessoas, pois sua linguagem como afirma Valéry (1991), exige posturas mais reflexivas, atentas as suas particularidades e que demanda do acionamento de outros mecanismos, que estão além da razão, pois foi feita também para ser sentida e vivida no emocional do sujeito. Ainda segundo o autor:

entre a forma e o conteúdo, entre o som e o sentido, entre o poema e o estado de poesia manifesta-se uma simetria, uma igualdade de importância, de valor e de poder que não existe na prosa; que se opõe à lei da prosa – que decreta a desigualdade dos dois constituintes da linguagem. O princípio essencial da mecânica poética – ou seja, das condições de produção do estado poético através da palavra – é, a meu ver, essa troca harmoniosa entre a expressão e a impressão (VALÉRY, 1991, p. 213).

Como observamos, os textos são diferentes, possuem especificidades que exigem do leitor outras posturas, pois, como defende Valéry (1991, p. 212), a prosa estaria para algo mais objetivo, mais preciso, como o “andar”, que apontaria para algo fora de si, enquanto que a poesia estaria para a “dança”, para algo em si mesmo, na qual atuam aspectos mais subjetivos, que vão além dos passos precisos da locomoção.

Nesse sentido, percebemos que a abordagem da poesia requer posturas diferentes na escola se a compararmos com os textos trabalhados em prosa. De acordo com Pinheiro (2007, p. 25), não seria valorizar um em detrimento de outro, mas considerar as especificidades do gênero, visto que “a poesia é dos gêneros literários mais distantes da sala de aula”. Desta forma, o trabalho pressupõe a exploração da leitura dos poemas, pois o recurso proporciona percepções de aspectos como: imagens, figuras sonoras, ritmos, repetições de palavras, percepção de uma pontuação diferente que contribui na leitura.

Vale salientar, como afirma Pinheiro (2018), que isso pode favorecer a aproximação dos alunos com o gênero poesia, pois se eles não tiverem contato com o mundo poético em outros espaços, encontrarão no professor e na sala de aula as experiências de leituras necessárias para impulsioná-los na leitura desses textos. Como afirma Pinheiro (2018, p. 112),

Se a criança e o jovem pouco vê seus professores, pais e amigos lendo, muito menos ainda lendo livros de poemas e se quase não ouve alguém lendo poemas em voz alta – nem na escola, nem em casa, nem no teatro, como esperar que eles tenham um gosto literário minimamente desenvolvido por esse gênero?

Os alunos podem desenvolver o interesse e o gosto pela leitura, pois podem encontrar na alegria do professor leitor o entusiasmo que necessitam para se aventurarem nesse universo mágico. Como lembra Paulo Freire (1996), na sua *Pedagogia da autonomia*, na prática educativa se faz necessário a alegria e a esperança, num sentido aqui defendido de que o encontro do texto- leitor se dará pelo exemplo do professor e pelo desejo da leitura, de forma que aprendam juntos pelas trocas de experiências estéticas com o texto poético.

De acordo com Pinheiro (2007a), a poesia demanda uma leitura mais atenta à pontuação, a sonoridade das palavras, aos ritmos do poema, visto que todos esses elementos são construtores de sentido, que normalmente requerem pelo menos duas leituras, para que sejam percebidos.

CAPÍTULO 3 - A RECEPÇÃO DA POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS NO ENSINO MÉDIO

Neste capítulo, relatamos e refletimos sobre a recepção da poesia de Augusto dos Anjos no ensino médio. Para tanto, trazemos algumas observações e discussões iniciais, como: o contexto escolar no qual os alunos estavam inseridos, o horizonte de expectativa dos colaboradores e como foram realizadas as montagens das antologias. A partir da observação dos dados recolhidos, estabelecemos como categorias de análise: estranhamento, a leitura subjetiva, do prazer e do riso. Para tanto, lançamos mão das reflexões de Jauss (1994, 1972), Rouxel (2014), Jouve (2013), Propp (1992), e de outros autores que contribuíram na metodologia que adotamos na sala de aula, como Colomer (2007), Pinheiro (2007, 2015, 2009, 2018) e Tinoco e Sthefhani (2016).

3.1 Conhecendo a escola, a biblioteca e os alunos

Nossa experiência com a poesia de Augusto dos Anjos foi realizada em uma escola pública de Campina Grande (Paraíba), da rede estadual de ensino, localizada em um bairro periférico da cidade. Composta de dez salas de aula, sala de vídeo, biblioteca, laboratório de informática e sem quadra de esportes, a instituição apresenta razoáveis condições de conservação e não passou por mudanças significativas na sua infraestrutura ao longo dos últimos anos; de forma geral possuía poucos alunos quando desenvolvemos o experimento.

A turma que participou da pesquisa era do terceiro ano do ensino médio, do turno da manhã, constituída de 20 alunos. Desse total, apenas 17 frequentavam assiduamente a sala de aula. Em conversa com a professora da turma fomos informados de que alguns dos alunos eram veteranos na escola, outros repetentes de ano e que nos anteriores eles apresentavam baixos índices de leitura e problemas de escrita. Essas informações nos chamaram atenção, pois os alunos estavam no último ano do ensino médio e os dados indicavam problemas de uma suposta trajetória escolar.

Antes de iniciarmos as observações das aulas para conhecermos melhor nosso público estabelecemos um diálogo com os participantes para explicar o motivo da nossa presença na escola e convidá-los a participar da pesquisa. Ao saberem da nossa proposta, os colaboradores

se mostraram animados e dispostos a participar. Como a maioria da turma era menor de idade eles assinaram um termo de assentimento¹⁰ (ver apêndice A), pois os dados coletados seriam registrados e posteriormente divulgados, quando o trabalho fosse concluído. Explicamos como séria os registros e esclarecemos as dúvidas que surgiram durante a conversa.

Considerando que o ensino de literatura eficiente pressupõe, dentre outras coisas, uma escola bem equipada com obras literárias que auxiliem atividades em torno da leitura visitamos a biblioteca da escola para observar os livros de literatura disponibilizados aos alunos. Dessa forma, podemos investigar supostos problemas que podiam estar envolvidos na formação leitora da turma.

Na primeira visita a biblioteca observamos poucos livros, pois o espaço estava passando por uma pequena organização. Em um segundo momento, constatamos que a escola disponha de um razoável material de leitura¹¹. Embora que a biblioteca disponibilizasse títulos significativos, percebemos a necessidade de uma organização do material mais atrativa aos alunos, pois a forma como os livros estavam dispostos nas prateleiras dificultava a identificação. Além disso, as obras que tinham em menor número de exemplares eram guardadas em dois armários para “maior controle”, pois como nos informou a bibliotecária da instituição, já que havia problemas com a devolução do material por parte de alguns dos alunos.

Isso podia afetar de certa maneira no interesse sobre a leitura literária, uma vez que era necessário um mínimo de disposição para identificar / descobrir o respectivo material na

¹⁰ Para realizarmos a pesquisa com alunos menores de 18 anos, submetemos nosso projeto ao “Comitê de Ética e Pesquisa com Humanos”, para divulgarmos os dados de maneira que o anonimato dos sujeitos fosse preservado. Os responsáveis dos menores assinaram um termo de assentimento, no qual autorizavam a participação dos jovens e a utilização dos dados recolhidos para quaisquer atividades acadêmicas relacionadas à pesquisa, desde que fosse assegurado o anonimato dos alunos.

¹¹ Dentre os vários títulos estavam: *A árvore que dava dinheiro* (Domingos Pellegrini), *Robson Crusóé* (Daniel Defoe), *Senhora* (José de Alencar), *Bisa Bia, Bisa Bel* (Ana Maria Machado), *O cortiço* (Aluísio Azevedo), *Triste fim de Policarpo Quaresma* (Lima Barreto), *Tubarão com a faca nas costas* (César Dias), *Cabelos molhados* (Luís Pimentel), *Caravela* (Gabriel Picalho), *Abraão e as frutas* (Luciana V. P. de Mendonça), *Família composta* (Domingos Pellegrini), *Batata cozida, mingau de cará* (Eloí Elizabete Bocheco), *Cobras em composta* (Índigo), *Madalena* (Cristiane Dantas), *Entre as junturas dos ossos* (Vera Lúcia de Oliveira), *As aventuras de São Saruê* (Origines Lessa), *Contos de aprendiz* (Carlos Drummond de Andrade), *A casa da madrinha* (Ligia Bojunga), *Terras de palavras* (Fernanda Felisberto), *A hora da estrela* (Clarice Lispector), *Antologia da poesia barroca brasileira* (Gregório de Matos), *Mar morto* (Jorge Amado), *Ciranda de pedra* (Lygia Fagundes Telles), *Morte e vida severina* (João Cabral de Melo Neto), *Medeia e o amor louco* (Eurípides), *Fausto* (Goethe), *Ilusões perdidas* (Balzac); caixas de livros do “Projeto Jovem Leitor” e livros didáticos. *O Eu e outras poesias* de Augusto dos Anos chegou à instituição ao final da intervenção.

biblioteca. Sabemos que o interesse pela leitura também pode surgir de um título atrativo que inquieta o leitor, que desperta lembranças de um comentário sobre a obra ou de uma capa diferente que pode chamar atenção e aguçar o desejo de ler.

Finalizado esse momento, partimos para a observação da turma para conhecer a comportamento dos alunos nas aulas da professora da turma, bem como colher dados que nos auxiliassem na experiência com a poesia de Augusto dos Anjos.

O período de observação foi iniciado em 27 / 04 / 2017 e se estendeu até 12/ 05/ 2017. Percebemos que durante esse tempo, alunos atentos a nossa presença mesmo que nos mantivéssemos uma atitude quieta nas aulas. Notamos ainda, uma turma calma, com grupos mais dispersos e outros mais participativos.

O conteúdo ministrado pela professora foi realizado a partir de uma sequência didática planejada para nove encontros que foi adaptada à realidade da turma. As aulas consistiam na leitura e discussão de poemas modernistas¹² organizados em um módulo impresso que tinha como título temático: “O estereótipo feminino na atualidade” e que também apresentava imagens de obras de arte ¹³ e informações históricas sobre o modernismo brasileiro. O material era entregue aos alunos no início da aula e recolhido no final.

Durante as observações, percebemos que as discussões eram direcionadas as questões relacionadas à mulher. Os poemas eram lidos pelos alunos e pela professora que buscava conhecer as opiniões dos leitores sobre o tratamento dado a mulher nos poemas. Além disso, a professora reproduziu músicas que traziam abordagens da mulher de forma diferente como era abordado nos poemas. Além disso, também eram lidas rapidamente informações as informações históricas do modernismo brasileiro contidos no material.

3.2 Alguns dados a considerar sobre o livro didático adotado pela escola

¹² “Mulher ao espelho” (Cecília Meireles), “Receita de mulher” (Vinicius de Moraes), “Soneto de devoção” (Vinicius de Moraes), “Resumo” (Adélia Prado), “Moça linda e bem tratada” (Mário de Andrade), “Soneto de constrição”, “Os ombros suportam o mundo” (Carlos Drummond Andrade) e músicas, a saber: “Você é linda” (Caetano Veloso), “Rosa” (Pinxinguinha), “Safada, cachorra e bandida” (Guilherme e Santiago), “Mulher é igual a lata” (Black Style) e “Pagu” (Rita Lee).

¹³ “A negra”, “Abapuru”, “A Antropofagia” (Tarsila do Amaral), “Tropical” e “A boba” (Anita Malfatti).

Além da observação das aulas procuramos observar como o livro didático adotado pela instituição – *Ser protagonista: língua portuguesa, 3º ano: ensino médio* (RAMOS, 2013) – tratava a poesia de Augusto dos Anjos. O objetivo era recolher informações que nos auxiliassem na experiência de sala de aula. A partir da observação do material observamos que a poesia do paraibano era abordada nas primeiras páginas do volume, no capítulo referente ao pré- modernismo brasileiro, sob o título: “Augusto dos Anjos: um poeta singular”, (vide anexo F).

Notamos que há uma exposição de informações históricas, aspectos formais, influências e temas presentes na obra do paraibano. Ramos (2013) cita autores que influíram na poesia augustiana, como o filósofo alemão Schoupenhauer e menciona considerações do crítico Rosenfeld. Além de expor três poemas integrais de Augusto dos Anjos, a saber: “Psicologia de um vencido”, dois sonetos escritos em memória ao pai do poeta, iniciados pelos versos: “Madrugada de treze de janeiro” (“Soneto” I) e “Podre meu pai! A morte o olhar lhe vidra” (“Soneto” II), que funcionavam como exemplos do que é mencionado acerca dessa poesia.

Ainda são apresentados os recursos literários utilizados pelo poeta, como a preferência do escritor pelo soneto e pelo “tema da angustia existencial” (RAMOS, 2013) em decorrência da influência dos movimentos literários do parnasianismo e do simbolismo. Percebemos que as informações posteriores são direcionadas à abordagem apresentada, inclusive com uma carga semântica um tanto negativa sobre as características mais conhecidas da poesia de Augusto dos Anjos. Vejamos:

Os poemas de Augusto dos Anjos tematizam a dor de existir e a inevitabilidade da morte. Não se trata, porém, de uma poesia espiritualista, que reflete sobre o destino da alma. Pelo contrário fixa-se na matéria e na decomposição do corpo. O eu lírico afirma a incondicional podridão para o qual se dirigem todos os seres humanos, destino que desqualifica a existência. Seguindo o pensamento do filósofo alemão Schoupenhauer, de grande repercussão no período, Augusto dos Anjos via a dor como essência do mundo e os momentos de prazer apenas como sua suspensão temporária (RAMOS, 2013, p. 32)

Ressaltamos que a coerência das informações com os aspectos mencionados no livro, inclusive a influência da filosofia de Schoupenhauer na poesia do escritor. Críticos como Gullar (1976) e Rosenfeld (1976) mencionam e discutem a questão. O pessimismo do filósofo

se manifesta na visão do poeta acerca do homem e da vida, na condição material do indivíduo, cujo destino é a morte, pelo olhar de um eu lírico consciente sobre a realidade.

A influência negativa do pensamento do alemão aliados aos preceitos do budismo em Augusto dos Anjos manifesta-se, sobretudo acerca do futuro da humanidade, que de acordo com Rosenfeld (1976, p. 267), “se de um lado almeja a regressão à eterna calma do Nada, de outro exalta toda a evolução até os graus mais elevados da espiritualização e do intelectualismo”.

Além da menção ao filósofo Schopenhauer, o manual expõe explicações sobre a composição da poesia de Augusto dos Anjos a partir dos comentários críticos de Rosenfeld. Essas informações são significativas e condizem com o que o crítico defende no texto *A costela de prata de Augusto dos Anjos*, (ROSENFELD, 1976). Fazemos apenas uma observação sobre a inserção da poesia augustiana do movimento pré- modernista, uma vez que não existe consenso entre os estudiosos e críticos sobre o assunto devido o sincretismo da obra.

Outro ponto que destacamos é que o livro apresenta afirmações que incidem apenas sobre o tema da morte. Sabemos que na obra de Augusto dos Anjos existe vias temáticas, como o amor, a vida, o homem, a natureza que se fossem mencionados no manual podia trazer uma abordagem mais ampla e despertar mais interesse no leitor.

Há também no livro organizado por Ramos (2013), quadros informativos intitulados: “Fone de ouvido”, que trazem informações sobre o soneto “Budismo moderno”, musicado por Arnaldo Antunes, com referências sobre ao álbum “Ninguém” que dispõe da música, e outro quadro denominado: “O que você pensa disto?”.

Observamos um mine resumo sobre as abordagens realizadas pelos autores pré-modernistas e uma fotografia do artista plástico Vik Muniz ressaltando as cores escuras da obra em oposição às cores coloridas para sugerir ao leitor que se imagine “como artista contemporâneo”, e indique o “grupo marginalizado” que poderia estar relacionado a imagem apresentada no manual. Sugerimos que a imagem do menino pode estabelecer um diálogo com a abordagem do homem da poesia augustiana, de forma que ele seja desprovido de virtudes sob uma perspectiva negativa da existência.

Almeida (2012), na pesquisa intitulada *A face otimista da poesia de Augusto dos Anjos* discute poemas que considera otimistas na poesia do paraibano, a presença desses textos nos

livros didáticos, de documentos e programas em torno da distribuição do material junto às escolas e apresenta um relato de experiência com a poesia de Augusto dos Anjos com alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola pública de Patos (Paraíba).

Na análise desenvolvida por Almeida (2012), dos onze livros didáticos¹⁴ adotados nas escolas públicas foi constatado que a poesia do paraibano foi apresentada nos materiais no capítulo referente ao pré-modernismo que mencionavam a presença do “sincretismo” na poesia do poeta. Como mostra a pesquisadora:

todos os livros destacam a relação com o Parnasianismo (LD4, LD5, LD7, LD8 E LD9), sete livros a influência do Simbolismo (LD2, LD4, LD5, LD6, LD7, LD8 E LD9) na sua poesia. Alguns livros correlacionam a poesia augustiana com algumas das vanguardas europeias: sete livros citam a relação com o Expressionismo (LD1, LD3, LD4, LD5, LD7, LD8 E LD9) e um livro destaca a relação com o Impressionismo (LD7). (ALMEIDA, 2012, p.70).

Percebemos as influências do simbolismo e do parnasianismo na poesia de Augusto dos Anjos como foi informado nos livros analisados por Almeida (2012). Gullar (1976), Bosi (1972), Rosenfeld (1976) discutem a questão, como também a influência das correntes de vanguarda indicadas nos livros analisados. Como defendem os estudos críticos sobre a obra, o sincretismo dessa poesia é fruto das filosofias que o poeta teve acesso ainda enquanto estudante de direito na escola do Recife.

De acordo com Almeida (2012, p. 72), os livros didáticos também faziam referência aos dados biográficos de Augusto dos Anjos, as características de estilo que influíram nessa poesia, “ou com a relação historiográfica” e de “algumas escolas literárias”. Essas informações estavam relacionadas à vertente “pessimista, melancólica e cientificista” provocando, desta forma compreensões parciais da poesia augustiana.

Percebemos que livro didático *Ser protagonista* (2013), apresenta de forma parcial, mas com informações significativas sobre a poesia do escritor. Por acreditamos que as abordagens feitas acerca da poesia augustiana nos livros didáticos podem influir na leitura e recepção do leitor, destacamos a necessidade e a importância de um trabalho que privilegie a leitura do texto antes da exposição das informações, como defende Pinheiro (2006):

é viável trabalhar a partir de um viés que, sem deixar de lado a perspectiva histórica a que o texto está ligado, favoreça uma convivência com um

¹⁴ Ver lista de livros analisados em: *A face otimista da poesia de Augusto dos Anjos*, (ALMEIDA, 2012).

número mais significativo de textos literários, não apenas dois ou três, como acontece na maioria dos livros didáticos. E o mais importante: partir das obras, para quando necessário trazer o contexto, traços gerais da literatura na época em que a obra foi escrita. O livro didático, muitas vezes amarrado às características desde ou daquele estilo, escolhe poemas, textos ficcionais que “melhor” ilustram as referidas características. Desta forma, ele não possibilita uma experiência de leitura mais livre, que poderia, inclusive, englobar os traços predominantes de um estilo de época, mas também apontar alguns limites nessa forma de classificação. (PINHEIRO, 2006, p. 112. Grifos do autor).

Nesse sentido, percebemos a importância de priorizarmos a leitura dos poemas na sala de aula, de levarmos textos que não estivessem no livro didático.

3.3 O questionário: das preferências de leituras ao horizonte de expectativas dos alunos

Finalizado o período de observação iniciamos a experiência no em 15/ 05/ 2017, que se estendeu a 26/ 05/ 2017. No primeiro momento que estivemos com os alunos, antes da experiência com a poesia augustiana, aplicamos o questionário (vide apêndice B) que elaboramos para coletar dados que nos auxiliassem a conhecer as preferências de leituras da turma e outras informações que contribuíssem no (re) planejamento da experiência.

O questionário foi respondido na sala de aula e era constituído de dez perguntas, das quais três eram de múltipla escolha e sete eram abertas. As questões insidiam sobre os gêneros literários mais lidos, filmes, conteúdos mais acessados na internet, experiências de leituras que foram mais significativas, de poesia, inclusive, a de Augusto dos Anjos.

Nesse momento consideramos as reflexões de Jauss (1994, p. 28), quando afirma que a experiência de leitura não se realiza por um sujeito vazio e passivo que nada sabe do texto, mas a partir de um saber prévio do leitor (conhecimentos, experiências de vida e expectativas sobre a obra) que permite que os textos sejam recebidos de múltiplas formas.

Nessa perspectiva, distribuimos os questionários, lemos e explicamos as perguntas e tiramos as dúvidas que surgiram no momento de apresentação do material. Antes dos alunos responderem, enfatizamos que seria importante a sinceridade nas respostas, pois era fundamental para a pesquisa que estávamos desenvolvendo, bem como para conhecermos suas experiências enquanto leitores.

Observamos que os alunos se mostraram dispostos a realizar a atividade respondendo logo em seguida. Nos colocamos à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas que surgissem durante o processo. Abaixo, expomos e refletimos sobre os dados coletados com o material.

Na primeira pergunta, procuramos investigar os gêneros literários mais lidos pelos alunos e se a poesia fazia parte da preferência de leitura. Para tanto, elaboramos uma pergunta de múltipla escolha para facilitar que eles se lembrassem dos gêneros e destacamos oralmente que eles podiam assinalar mais de uma opção para resposta.

Os dados coletados indicaram que os interesses de leituras da turma incidia mais sobre textos em prosa do que em verso. O gráfico 1, demonstra as opções assinaladas e apresenta quais gêneros literários despertavam mais interesse no público. Vejamos:

Gráfico 1 (Gêneros literários preferidos da turma)



Fonte: Nascimento, (2017).

Como podemos perceber as preferências de leituras da turma incidiu mais sobre os textos em prosa, com destaque para o romance e as histórias em quadrinhos que sobressaíram nas respostas, ambos contabilizando 23% das escolhas. Os textos em verso, como a poesia e o cordel foram os menos assinalados pelos alunos. A poesia totalizando 8% e o cordel 3% das escolhas.

Essas informações foram importantes, pois demonstraram que a leitura de poesia apresentava baixa incidência nas preferências dos alunos e nos fez refletir sobre os possíveis problemas que podiam estar relacionados à situação.

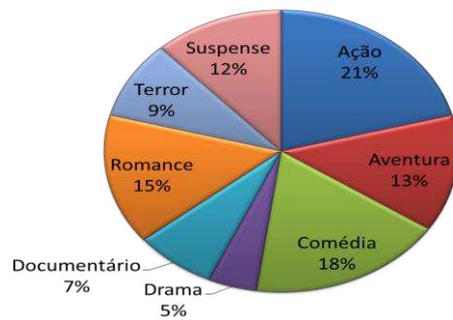
O dado é preocupante, pois demonstra que esses alunos chegaram ao final da educação básica demonstrando pouco interesse pelo texto em verso. Pinheiro (2007), ao refletir sobre o trabalho com a poesia na sala de aula pontua que o gênero tem sido o menos privilegiado na escola, uma vez que o trabalho com a literatura tem incidido mais sobre os textos em prosa. Ainda que a reflexão seja sobre os anos iniciais do ensino fundamental, as respostas dos alunos demonstraram que no ensino médio o caso não é muito diferente.

Segundo o autor, vários problemas podem estar associados ao fato, como por exemplo, as dificuldades de realização da leitura oral do texto na sala de aula, que requer atenção as especificidade do poema como ritmo, pontuação, figuras de efeito sonoro, que sugerem efeitos aos leitores; a falta de experiências de leitura do gênero, que favorece as dificuldades de trabalho na sala de aula; a carência de livros de poesia nas escolas, mesmo com os investimentos de programas governamentais voltados às bibliotecas escolares, que por vezes acabam distribuindo mais livros em prosa. Além disso, a forma como o gênero tem sido tratado historicamente na sala de aula, cujas abordagens acabam tomando a poesia como pretexto para atividades gramaticais.

Nessa perspectiva, os alunos não são levados a passar por uma experiência estética que pode motivar e despertar o leitor para a leitura literária. No tocante à formação do leitor, os dados coletados demonstraram uma realidade preocupante, pois os alunos estavam no último ano da educação básica e demonstra uma trajetória escolar que pouco tenha favorecido o interesse pelo texto em verso.

Na segunda e na terceira questão perguntamos os tipos de filmes que eles tinham mais interesse, para que pudéssemos conhecer as temáticas mais atraentes a esse público. Com essas questões pretendíamos conhecer os alunos mais de perto, ou seja, o que gostavam de ver na televisão / cinema como entretenimento. Assim como na anterior, a pergunta 5, também permitia que eles marcassem mais de uma resposta, proporcionando uma visão mais ampla sobre o fato. Vejamos o gráfico que traz as respostas dos alunos:

Gráfico 2 (Tipos de filmes mais vistos pelos alunos)



Fonte: Nascimento (2017).

A partir da leitura do gráfico, podemos constatar que os filmes de ação, comédia, romance e aventura estavam entre os gêneros fílmicos preferidos da turma.

Os filmes de terror, suspense, documentário e drama também apareceram nas respostas, mas ficou abaixo das preferências dos alunos, o que pode ser justificado pelas próprias abordagens, pois esses temas podiam despertar medo e se relacionar a fatos da realidade. Esse dado nos causou preocupação, pois se relacionava de certa maneira, a poesia de Augusto dos Anjos.

A terceira questão pedia para que os alunos indicassem de forma mais específica alguma obra cinematográfica que tivesse despertado alguma emoção significativa, ou seja, que provocou alguma sensação de prazer, de identificação ou gosto pelo filme. Observamos nas respostas da turma indicações de produções românticas, de terror, aventura e ação. Os alunos mencionaram filmes como: *Paixão sem limites*, *As relíquias da morte*, *Guarda costas e Ação*, *Minha mãe é uma peça*, *Simplesmente acontece*, *Rambo*, *Como eu era antes de você*, *Diamante de sangue*, *Invocação do mal 2*, *A culpa é das estrelas*, *A onda*, *Velozes furiosos* etc.

Dentre esses filmes indicados *Invocação do mal* e *Velozes e furiosos* foram os mais mencionados nas respostas. Esse dado nos permitiu observar, que a primeira produção fílmica se relacionava com a poesia augustiana, pois abordava a questão da morte.

As perguntas 4 e 5, se referiam as pesquisas e leituras realizadas na internet. As respostas eram importantes, pois demonstravam o que eles procuravam ver e ler quando estavam livres em um espaço que dispõe de uma infinidade de conteúdos. Além disso, se

buscavam ler textos ou obras literárias que são disponibilizados integralmente nesse espaço. Vejamos as respostas atribuídas nas perguntas:

Quadro 1 (Conteúdos acessados na internet)

Jogos	4
Livros online	3
Pesquisas de trabalho escolar	10
Redes sociais	14
Vídeos	11
Outros	2

Fonte: Nascimento, 2017.

Como podemos observar as redes sociais, vídeos e pesquisas escolares estiveram entre as opções mais assinaladas. Entretanto, a maioria dos acessos incidiu sobre redes sociais, pesquisas e vídeos, que oferecerem uma diversidade de possibilidades de veiculação de conteúdos. A procura por livros se sobressaiu pouco nas respostas, o que demonstrou o pouco interesse da turma pelo material, cujos números ainda ficaram abaixo da busca por jogos.

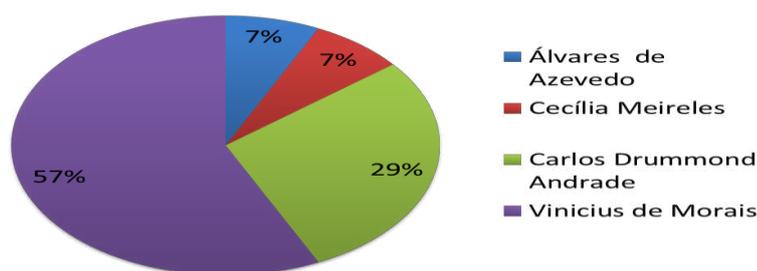
Na questão 5, eles podiam responder de forma livre, já que se tratava de uma pergunta aberta. As respostas mais expressivas se referiram a “livros”, “notícias”, “histórias” e “curiosidades”. Os demais alunos mencionaram “gibis”, “pesquisas” e que “não gostavam de ler na internet”. Ou seja, mesmo com as possibilidades de acesso a matérias de leitura literária no espaço virtual os dados coletados demonstraram a falta de interesse de leitura literária fora da escola.

Na questão 6, perguntamos sobre as leituras que foram mais significativas para os colaboradores e pedia para que eles compartilhassem essas experiências. As indicações foram sobre obras de circulação mais mercadológica, ou seja, livros que passam por uma publicidade maior, os famosos *best-sellers*, que geralmente são divulgados em revistas, sites de livrarias e que geralmente passam por adaptações cinematográficas. Dentre os livros

indicados estavam: *A culpa é das estrelas*, *O Hobbit*, *O mar dos monstros*, *Harry Potter*, *13 Reason why*. No entanto, foram poucos os alunos que indicaram essas leituras.

A pergunta 7 e 8 eram mais específicas sobre leitura de textos em verso, elaborada com o objetivo de observarmos a incidência da leitura de poesia. Os gráficos 3 e 4 apresenta as respostas das perguntas da turma de terceiro ano do ensino médio. Observe:

Gráfico 3 (Poetas citados no questionário)



Fonte: Nascimento, 2017.

Como mostra o gráfico 3, Vinicius de Moraes foi o poeta mais mencionado nas respostas (57%), seguido de Carlos Drummond Andrade (29%). Os últimos lugares ficaram com Cecília Meireles (7%) e Álvaro de Azevedo (7%), esse que foi confundido com Aluísio de Azevedo. No entanto, observando as respostas percebemos que os alunos podem ter sido influenciados pelas aulas da professora da turma, que estava trabalhando com poemas de Vinicius de Moraes e pelos autores que mencionamos na questão, a fim de contribuir para eles relembrem das leituras.

Ao observarmos as respostas da questão 8, percebemos que de uma turma de 17 alunos, apenas três pessoas apontaram versos ou títulos de poemas que eles gostavam, a saber: “Motivo” de Cecília Meireles, “Canção do exílio” de Gonçalves Dias e “Não deixe esse amor passar” de Carlos Drummond Andrade, que foi confundido como “Idealismo” de Augusto dos Anjos. O aluno mencionou versos de Drummond e colocou o título do poema do autor do *Eu*.

Além disso, alguns alunos afirmaram ainda na pergunta 8, que não gostavam de poesia mas citaram nomes de poetas. Passemos ao gráfico que apresenta a porcentagem dos dados que foram coletados.

Gráfico 4 (Respostas variadas)



Fonte: Nascimento, 2017.

Notemos, que 31% afirmaram não “gostar de poesia”, 43% “não gostava muito”, 19% “não muito” e 7% não lembrava. As últimas (9 e 10) perguntas incidiram sobre a poesia augustiana, de forma que buscamos investigar se os alunos já conheciam o poeta Augusto dos Anjos ou poemas da obra e pedimos que eles compartilhassem experiências com a poesia do autor. As respostas indicaram que mais da metade da turma já tinha ouvido falar sobre o autor do *Eu*. Nove alunos citaram versos e títulos de poemas como: “Versos íntimos”, “Psicologia de um vencido”, “Saudade”, “A esperança”, “Idealismo”. Os demais alunos afirmaram não conhecer a poesia de Augusto ou deixaram as perguntas em branco.

O levantamento desses dados nos auxiliou nas nossas opções metodológicas, uma vez que observamos que o repertório de leitura literária da turma era reduzido. Nesse sentido, o experimento exigia uma metodologia que valorizasse a relação texto – leitor e experiência estética das obras, pois eles podiam experimentar as especificidades da linguagem poética de forma mais significativa.

Com esses dados, passamos a preparação da intervenção propriamente dita, isto é, a escolha dos materiais e realização da experiência de leitura dos poemas de Augusto dos Anjos.

3.4 A elaboração das antologias temáticas: amor, natureza, vida e morte em Augusto dos Anjos

A ideia de trabalharmos com antologias temáticas surgiu a partir da reflexão das bibliotecas escolares, que nem sempre dispõe da diversidade de obras literárias, embora tenha havido avanços significativos de políticas públicas¹⁵ em torno da distribuição de livros junto às escolas públicas. Além da reflexão dos livros didáticos que dispõe poucos textos literários. Nesse sentido, acreditamos que as antologias podiam contribuir com o trabalho, pela possibilidade de comportar uma quantidade maior de poemas, sobretudo nas linhas temáticas que pretendíamos abordar os textos na sala de aula.

No que se refere aos temas escolhidos para abordarmos no ensino médio, consideramos que os poemas de caráter amoroso podiam aproximar os alunos da poesia augustiana, conforme explica Pinheiro (2017b), sobre o tema do amor:

O amor e suas dores, seus percalços, suas dúvidas, mas também suas alegrias, é um dos temas centrais da poesia em todos os tempos. Embora, quando se fale em amor, tenha-se em mente a tradição romântica, de fato trata-se de um dos temas mais universais da poesia lírica. Talvez seja o único tema que comparece em todos os estilos de época. No período do romantismo, há, sim uma exacerbação da temática e, sobretudo, uma abordagem idealizada, mas o tema tem um lastro bem mais amplo. (PINHEIRO, 2017b. p. 219).

Nesse sentido, por de ser um tema universal, também era interessante para abordar com jovens que se encontravam na adolescência, pois estavam vivenciando os momentos de descobertas amorosas de forma mais intensa, além de ser uma temática que se distancia do viés mais conhecido da poesia de Augusto dos Anjos. Ou seja, dos textos que trazem abordagens mais voltadas à morte, que normalmente é algo comum na grande maioria dos livros didáticos, inclusive no manual adotado pela escola que desenvolvemos o experimento.

Dessa forma, selecionamos oito poemas para compor a primeira antologia que tratava o tema do amor por diferentes perspectivas, da obra completa do autor do *Eu*, a saber: “Idealismo”, “Versos de amor”, “A fome e o amor”, “Soneto” (Ouvi, senhora, o cântico

¹⁵ Um exemplo dessas políticas foi o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), desenvolvido a partir de 1997 e paralisado em 2015. O programa promoveu a distribuição de livros de literatura de modo diversificado, para alunos e professores de escolas públicas como forma de contribuir com o acesso a bens culturais e incentivar a leitura. Informações disponíveis em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>>. Acesso em 9 de abril de 2018.

sentido), “Noivado”, “Triste regresso”, “Amor e religião”, “A esmola de Dulce”, “Soneto” (Aurora morta), “Soneto” (Canta teu riso esplêndido sonata), “Cravo de noiva”, “Afetos”, “Martírio supremo” e “Canto íntimo”.

Dessa maneira, os poemas possibilitavam que os leitores tivessem experiências de leituras mais amplas sobre o tema, bem como podiam contribuir nas discussões, sobretudo, por favorecer a leitura de uma vertente da poesia de Augusto dos Anjos que ainda é pouco conhecida pelo público em geral.

A segunda antologia era constituída de poemas relacionados à natureza, em que percebemos um eu lírico reflexivo sobre os elementos que a integram, a partir de uma visão mística e com certo teor de panteísmo, perpassada em alguns momentos pelo pessimismo e determinismo das coisas. Numa mistura de reflexão e misticismo em que esse eu lírico se une ao universo e reflete sobre o homem e o cosmo.

Nessa perspectiva, acreditamos que os poemas selecionados “Vozes da morte”, “A árvore da serra”, “O pântano”, “Minha árvore”, “As montanhas”, “A noite”, “O mar” e “Plenilúnio”, pois eram textos interessantes para serem discutidos com os alunos, pois exigiam mais do leitor pelo teor filosófico que possuem. Os níveis de dificuldade dos textos convida a reflexão, ao diálogo e a discussão, importante para a sala de aula e para formação do leitor.

Por último, elaboramos uma antologia com poemas que abordavam a questão da vida e da morte, com oito textos selecionados: “Psicologia de um vencido”, “Apóstrofe à carne”, “Alucinação à beira-mar”, “Versos a um coveiro”, “Volúpia imortal”, “Obsessão ao sangue” e “Soneto” (“N’ augusta solidão dos cemitérios”).

Os poemas traziam a questão da vida e da morte numa vertente decadentista da vida, que abrangia o viés mais famoso da poesia do autor, inclusive que tende a despertar o interesse do público adolescente. Como afirma Houaiss (1976, p. 165), as “imagens fantásticas, fantasmagóricas ou quase surrealistas; certas tiradas pessimistas e afrontosas” contribui para que os adolescentes demonstrem interesse sobre a poesia augustiana.

3.5 A recepção da poesia augustiana na sala de aula

Elaboramos um plano de trabalho constituído de três módulos (ver apêndice C), que contemplava as antologias temáticas de poemas augustianos. Optamos por uma metodologia que valorizasse a leitura e discussão dos textos, com ênfase na voz dos alunos e nas suas respectivas experiências de leitura.

Nessa perspectiva, consideramos as reflexões de Colomer (2007) sobre a leitura compartilhada e a sua contribuição para a formação de leitores, uma vez que a autora defende que essa prática favorece a construção dos sentidos dos textos e na obtenção do prazer da leitura. Ou seja, as trocas dialógicas entre os alunos com alunos e alunos com professor contribui na aprendizagem, pois possibilita a aproximação com o texto, na compreensão e valoriza a recepção. O ato de compartilhar leituras conforme afirma Colomer (2007, p. 143):

é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas.

Segundo a autora, a perda dessa prática pode ser “umas das causas da resistência à leitura”. Com o objetivo de desenvolvermos o experimento que envolvesse essa proposta de trabalho nos colocamos na condição de professor- mediador.

De acordo com Tinoco e Sthefhani (2016), o professor- mediador se distancia do transmissor de conhecimentos, agindo de forma a favorecer a relação texto – leitor, utilizando estratégias que colaborem na compreensão leitora, numa perspectiva interacionista. Nesse sentido, o professor-mediador atua como parceiro na aprendizagem, interferindo na construção do conhecimento, em que tanto alunos quanto professores aprendem juntos. De acordo com os autores:

O mediador exerce um papel fundamental de aproximação, a partir de diferentes estratégias, entre os desejos do leitor e os desejos colocados em cada livro. O mediador não deve ter a pretensão de ser o protagonista do processo da leitura, ainda que sua atuação seja fundamental para o processo dele. O professor não ensina tudo e nem é o único responsável pelo principal, a descoberta pelo gosto pela leitura. (TINOCO E STEFHANI, 2016. p. 111).

Nesse sentido, o professor- mediador paulatinamente constrói o prazer de ler, auxilia no descobrimento de gostos e preferências de leituras.

3.5.1 “Versos íntimos” para início de conversa

Nossa experiência na sala de aula foi iniciada em 16 de maio de 2017. Para o primeiro momento de leitura com os alunos consideramos as informações colhidas no questionário, em que observamos que o poema “Versos íntimos” era mais conhecido pela turma do terceiro ano. Nesse sentido, tratava-se de um texto importante para começarmos nossas discussões, pois nos auxiliaria a conhecer mais de perto as impressões prévias dos alunos sobre a poesia de Augusto dos Anjos.

Após as saudações iniciais, distribuímos o poema e perguntamos se alguém queria fazer a leitura em voz alta de “Versos íntimos”. Depois da leitura realizada por um aluno percebemos que apenas uma leitura não seria suficiente para iniciarmos as discussões. Lemos novamente o texto para que eles pudessem perceber aspectos que provocassem inquietação. Dessa forma, durante a leitura procuramos valorizar as especificidades da linguagem usada no poema como ritmo, entonação, pontuação, etc.

Com isso, fizemos uma sondagem sobre as impressões de “Versos íntimos”, com a intenção de observar como os leitores viam a poesia de Augusto dos Anjos, a partir daquele poema que já fazia parte do repertório de leitura da turma. De início, perguntamos apenas se eles conheciam o poema e notamos que os alunos se mostraram tímidos para expressarem opiniões.

No entanto, alguns afirmaram que já tinham conhecimento do poema, mas sem tecer grandes comentários sobre o texto. A professora da turma que estava na sala de aula acompanhando a atividade, a fim de estimular os alunos a falarem e a discutirem o texto compartilhou uma experiência de leitura com “Versos íntimos” que teve quando ainda era estudante. Vejamos:

Professora colaboradora (comentado uma experiência com o poema "Versos íntimos" quando ainda era estudante): eu lembro que um desses alunos precisava muito dessa pontuação para não ir para a final. Eu lembro, que quando ele chegou nesse último verso ele fez: "escarra nessa boca que te beija", mais só um pouquinho. Aí ele: "escarra nessa boca que te beija".

Eu: Porra...

Turma de alunos: risos.

Professora colaboradora: todo mundo aquela coisa né! Olhando para mim, né! Aí ela falou: precisava, mas nem tanto.

Turma de alunos: risos.

Professora colaboradora: me marcou muito. Eu sei de cór até hoje, por conta disso. Foi forte esse negócio.

Percebemos que com os comentários da professora contribuíram para que os alunos ficassem à vontade. Dessa forma, julgamos pertinente compartilhar também o apreço e carinho que tínhamos por aquele poema. Seria uma maneira de nos aproximarmos dos alunos e possibilitar que eles também conhecessem nossas experiências e impressões de leitura do texto de Augusto dos Anjos. Observemos um trecho da conversa:

Mediadora: os poemas de Augusto dar para fazer essas leituras mais expressivas assim. Eles dão “pano para a manga”. E esse poema foi o primeiro que eu tive acesso quando era estudante. Li em um manual de redação... E em outro momento na universidade, numa aula de sociologia. Foi um rapaz lá e leu. Uma leitura bem expressiva, quando ele começou a falar eu tive um susto... (Risos). Então, assim, o que chamou atenção de vocês no texto? A linguagem...?

Ao falamos das nossas experiências com “Versos Íntimos” e expomos também como foi nosso primeiro contato com a poesia augustiana e expomos como surgiu nosso interesse e curiosidade de estudarmos aquela poesia na nossa trajetória escolar e universitária.

Depois dos nossos comentários perguntamos aos alunos se alguma coisa do poema tinha despertado atenção e fomos apontando elementos para facilitar o engajamento da turma na conversa, como a linguagem, versos, imagens. Aos poucos foram surgindo os comentários do poema lido. O aluno A¹⁶, destacou o último verso:

Aluno A: para escarrar na boca que beija...

Aluna B: eca!

Turma de alunos: (risos)

Aluno A (em tom pensativo): escarrar... escarrar... escarrar...

Aluna B: eu acho que a linguagem. Sei lá, severa. Bem...

Mediadora: forte?

Aluna B: é.

Mediadora: mais alguém?

Aluno C: não ameniza nada!

Aluno A: acho que ele está gripado, só fala em escarro!

¹⁶ Para preservar a identidade dos alunos usaremos como referência as letras do alfabeto para diferenciar as falas. Para nos referirmos a mais de um colaborador da pesquisa utilizaremos a denominação “turma de alunos”.

Percebemos que da fala do aluno A demonstrou que o poema foi recebido sob o estranhamento, pela distância estética entre o leitor e a linguagem do poema, bem como pelo tom forte e ações ordenadas pelo eu lírico que provocaram inquietação no sujeito sobre o verbo escarrar demonstrado pela repetição do termo, como se ele estivesse procurando entender e aceitar o ato ordenado.

O beijo retratado no poema foge do convencional, ou seja, da forma idealizada e romantizada como por vezes percebido na perspectiva do adolescente, pois é seguido de um esgarro ordenado pelo eu lírico de forma que quebra as expectativas do leitor, que o faz ficar refletindo e procurando entender a ação. O que o leva a levantar a hipótese sob a condição de saúde do eu lírico considerando que possivelmente estivesse gripado por trazer aquele verso.

Notamos que o estranhamento também é demonstrado pela aluna B que mostrou o desconforto e repulsa sobre a ação destacada no verso, quando exprime a expressão “eca” na sala de aula. A atenção dada à linguagem pela turma expõe a distância estética dos leitores de aspectos linguísticos e de abordagem da poesia augustiana.

Além disso, percebemos que “Versos íntimos” também foi recebido pela perspectiva do riso¹⁷, uma vez que o comentário do Aluno A, sobre a “chave de ouro” do soneto de Augusto dos Anjos, bem como e a fala da aluna B, pode ter suscitado a consciência da turma para a agressividade contida no verso em questão. Conforme afirma Rosenfeld (1976), o estranhamento da linguagem da poesia augustiana, possivelmente foi inspirada na concepção de arte baudelairiana tende a provocar “choques” no leitor pelos termos que fogem da linguagem mais habitual. Com isso, o manifestado pelos leitores através do riso demonstra o choque e ruptura com o que não era comum.

Demos continuidade à conversa lendo e discutindo cada estrofe do poema. Surgiram algumas perguntas sobre termos do texto, que foram explicados dentro do seu contexto do poema. Ao final da aula os alunos perguntaram se podiam ficar com o texto e demonstraram entusiasmo ao saberem que o poema seria deles. Isso nos fez perceber que possivelmente a posse do poema naquela turma não fosse algo comum.

3.5.2 A recepção dos poemas de caráter amoroso

¹⁷ De acordo com Propp (1992), o riso pode ser manifestado sobre aspectos do homem de ordem “da vida física, moral e intelectual”.

A partir do dia 18 de maio de 2017 iniciamos as discussões das antologias temáticas. Para o primeiro módulo do plano de trabalho¹⁸, planejamos levar os poemas de caráter amoroso e discutir os textos com os alunos. Além dos poemas augustianos, também lemos um poema de Álvares de Azevedo (“Amor”), para contribuir com a discussão e compreensão da abordagem do amor na poesia de Augusto dos Anjos. Dessa forma os alunos podiam comparar o tratamento do tema pelos poetas em questão, que de acordo com Pinheiro (2017): “estimula a descoberta, a percepção do que é específico”.

Achamos pertinente começarmos a intervenção por essa via temática por ser próxima dos adolescentes e se distanciar dos textos mais conhecidos de Augusto dos Anjos. Ou seja, dos poemas de vertente mais pessimista, que abordam questões relacionadas à morte e que adquiriram destaque ao longo dos anos. Atentamos dessa forma, para as reflexões de Jauss (1994, p. 25), quando afirma que:

A obra literária não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada observador em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu Ser atemporal. Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhes existência atual (...).

Dessa forma, procuramos levar os poemas que não fossem tão conhecidos pelos alunos, que permitissem outros parâmetros de recepção e avaliação da poética do escritor. Além disso, que permitissem os leitores refletirem sobre o tema a partir de abordagens diferenciadas, mas que favoreciam o diálogo com o horizonte de expectativas dos colaboradores, como as produções fílmicas *A culpa é das estrelas*¹⁹, *Paixão sem limites*²⁰ e *Simplesmente acontece*²¹, mencionados no questionário respondido pela turma.

¹⁸ O plano de trabalho em alguns momentos da experiência passou por alterações e adaptação à realidade da turma.

¹⁹ O filme é uma adaptação do *best seller* *A culpa é das estrelas* do escritor norte-americano John Green aborda a história de uma adolescente de 16 anos que sofre com um câncer terminal de tireoide e que já apresenta metástases no pulmões. Hazel Grace respira através de uma canola nas narinas e convive com um cilindro de oxigênio que transporta em um carrinho de aço. Por influência na mãe, Hazel passa a frequentar as quartas feiras, um Grupo de Apoio de pessoas com câncer e problemas psicológicos oriundos da doença. Nesse ambiente de compartilhamento de angustias, medos, dores e anseios, a adolescente conhece Augustus Waters de dezessete anos, que tem uma perna amputada graças a um osteossarcoma. Ambos passam viver um romance, que envolve amor, alegrias, descobertas, doença, angustias e morte. (GREEN, 2012).

Nessa perspectiva eles podiam associar a leitura a algo já experimentado e recepcionado pelos colaboradores em momentos anteriores à experiência. O material foi distribuído e começamos os trabalhos pelo poema “Versos de Amor”²². Vejamos o texto:

VERSOS DE AMOR

A um poeta erótico

Parece muito doce aquela cana.
Descasco-a, provo-a, chupo-a... Ilusão treda!
O amor, poeta, é como a cana azeda,
A toda a boca que o não prova engana.

Quis saber que era o amor, por experiência,
E hoje que, enfim, conheço o seu conteúdo,
Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo,
Todas as ciências menos esta ciência!

Certo, este o amor não é que, em ânsias, amo
Mas certo, o egoísta amor este é que acinte
Amas, oposto a mim. Por conseguinte
Chamas amor aquilo que eu não chamo.

Oposto ideal ao meu ideal conservas.
Diverso é, pois, o ponto outro de vista
Consoante o qual, observo o amor, do egoísta
Modo de ver, consoante o qual, o observas.

Porque o amor, tal como eu o estou amando,
É Espírito, é éter, é substância fluida,
É assim como o ar que a gente pega e cuida,
Cuida, entretanto, não o estar pegando!

É a transubstanciação de instintos rudes,
Imponderabilíssima e impalpável,
Que anda acima da carne miserável
Como anda a garça acima dos açudes!

²⁰ O filme aborda a história de amor entre dois jovens: Babi, garota educada dentro de princípios rígidos e Hace, jovem rebelde que adora corridas de moto. Ambos passam a viver uma paixão que envolve amor, luta de preconceitos e decepções, que contribui para torná-los mais fortes.

²¹ A produção exhibe uma relação de dois amigos de infância, Rosie e Alex, que poderia culminar com uma história de amor. Separados pelas adversidades da vida, tomam rumos distintos. Mas mantém a amizade além da distância. Os jovens acabam percebendo que o que nutrem não é só uma amizade, mas um sentimento de amor. Em meio aos desencontros, a vida se encarrega de juntar o casal.

²² Em “Versos de amor”, percebemos que o tema é tratado no poema sob uma perspectiva irônica, que se inicia sobre a dedicatória do poema: “a um poeta erótico”. Segundo Bezerra (2003), defende que na poesia de Augusto dos Anjos existe uma negação do erotismo, pois a sensualidade está relacionada ao negativo.

Para reproduzir tal sentimento
Daqui por diante, atenta a orelha cauta,
Como Marsias -- o inventor da flauta --
Vou inventar também outro instrumento!

Mas de tal arte e espécie tal fazê-lo
Ambiciono, que o idioma em que te eu falo
Possam todas as línguas decliná-lo
Possam todos os homens compreendê-lo.

Para que, enfim, chegando à última calma
Meu podre coração roto não role,
Integralmente desfibrado e mole,
Como um saco vazio dentro d'alma!
(ANJOS, 1994. p.268)

Para trabalharmos o poema optamos por levar um vídeo que apresentava a leitura do texto na voz do ator brasileiro Othon Bastos²³, a fim de favorecer o acesso a uma realização oral mais performática e expressiva do texto literário. Preparamos o vídeo e pedimos que os alunos acompanhassem a leitura do texto. Nesse momento, pedimos que eles prestassem atenção na forma como a leitura era realizada pelo ator e perguntamos as impressões do poema: Vejamos:

Mediadora: eu vou passar a leitura do segundo poema que tem aí “Versos de amor” e eu queria que vocês acompanhassem. Prestem atenção no modo como ele ler o poema.

(Reprodução do vídeo).

Mediadora: o que vocês acharam do poema?

Turma de alunos: silêncio.

Mediadora: Vamos ler novamente. Ele tem nove estrofes. Nove pessoas podia ler. Cada um ler uma estrofe. Pode ser? Eu vou começar.

Mediadora: vamos ler outro poema. Escolham aí. Uma pessoa voluntária para ler. Os textos são curtos acho que uma pessoa só poderia ler.

Turma de alunos: silêncio

Turma de alunos: leitura de “Versos de amor”.

Como podemos observar obtivemos como resposta o silêncio da turma. Desta forma, consideramos que aquela leitura contida no vídeo não foi suficiente para que eles pudessem

²³ O vídeo intitulado “Augusto dos Anjos - Versos de amor” é uma produção simples que expõe a realização oral do texto de Augusto dos Anjos, no qual podemos perceber que o ator brasileiro Othon Bastos procura fazer uma leitura enfática dos versos. O material está disponível no canal do *youtube*, no endereço eletrônico: https://www.youtube.com/watch?v=7Mw7EiK_76M&t=93s.

compartilhar as impressões, pois além do texto ser grande também apresentava certa complexidade sobre a abordagem da temática. Convidamos os alunos a ler novamente o texto e sugerimos que nove deles lessem uma estrofe. A leitura alternada foi pensada para envolvê-los na atividade e deixá-la mais dinâmica, como também para que eles não reclamassem da extensão do texto.

Percebemos que durante a leitura de “Versos de amor” havia dificuldade na pronúncia das palavras que despertou o riso dos alunos e deixou o momento mais descontraído. Isso nos aproximou dos leitores, pois eles liam e interagiam entre eles e nós. Realizada a segunda leitura o leitor D²⁴ destacou o termo “cana azeda” estranhando o significado atribuído à planta. Ou seja, do que é conhecido pelo senso comum quanto ao sabor da cana – de – açúcar.

Como forma de fazer com que o leitor percebesse a relação da expressão com a concepção de amor apresentada pelo autor do *Eu*, pedimos para que ele voltasse ao poema e observasse se o termo estabelecia alguma relação com a abordagem do tema. Ele seguiu nossa orientação, mas não fez associação. Observamos que a expressão tinha deixado o leitor inquieto, pois quebrou expectativas do que lhe era familiar. De acordo com Jauss (1994), a recepção da obra literária:

desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início experiências quanto ao “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral de compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e antes disso –, colocar a questão a cerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores. (JAUSS, 1994, p. 28. grifos do autor).

Para estimular o leitor a fazer a associação da expressão com o tema do texto tomamos o significado comum do que se entende da cana – de – açúcar para estabelecer um diálogo e reflexão sobre a expressão, bem como sobre a relação com a concepção de amor apresentada por Augusto dos Anjos. A contradição da expressão fazia parte da subjetividade do sentimento abordado, ou seja, do amor.

Observando a dificuldade que o texto oferecia à turma e a fim de contribuirmos com a leitura e discussão, pedimos que eles escolhessem outro poema da antologia. Como eles se mostraram indecisos sugerimos o poema “Idealismo”. A intenção era suscitar a discussão de

²⁴ Algumas dessas observações foram feitas a partir das nossas observações e anotações da experiência.

um poema próximo do anterior para posteriormente retomarmos “Versos de amor”. De forma semelhante perguntamos se alguém queria ler em voz alta o poema e após a leitura provocamos os alunos a exporem as impressões. Vejamos parte da discussão:

Mediadora: gente, depois da leitura do poema vocês gostariam de comentar alguma coisa que chamou atenção no texto? Alguma palavra, alguma imagem?

Aluno E: O que é Sibarita?

Mediadora: É uma pessoa que é dada aos prazeres físicos.

Aluno F: eu vejo algumas palavras que nunca são usadas nos poemas, mas ele usa.

Mediadora: são palavras que são muito repetidas no texto ou não?

Aluno E: algumas repetem. Ele repete a palavra “caveira”.

Aluna G: “amor” também.

Mediadora: essas palavras fazem referência a alguma ideia no texto? Voltem ao texto aí e deem uma olhadinha.

Mediadora: palavras diferentes ou não.

Aluno G: o que é hetaira?

Mediadora: É uma cortesã de beleza excepcional da antiga sociedade grega, que prestava favores sexuais e que em troca disso recebia prestígio social.

Mediadora: Se a gente pensar sobre o amor. Existem formas de amar, de amor. Se a gente pensar hoje em dia. Qual o amor que a gente ver mais corrente na sociedade? É um amor...

Notamos que vocabulário usado pelo poeta despertou a atenção dos leitores que indagaram a significação dos termos “sibarita” e “hetaira”²⁵. Conversamos sobre o sentido que eles adquiriam no poema e o leitor F destacou que o poeta utilizava no texto termos que outros escritores não usavam. Percebemos que a atenção do leitor incidiu sobre um diferencial na poesia augustiana, que por vezes é visto como um aspecto difícil dessa poesia, mas que pode ser atrativo ou despertar fascínio dos leitores sobre a obra, conforme discute Rosenfeld (1976).

Refletimos sobre o significado dos termos “sibarita” e “hetaira” com os alunos e estranhamos à postura dos jovens sobre o que afirmamos, pois se tratava de um público adolescente, que não expressou riso sobre o que afirmamos. Acreditamos que possivelmente, eles não compreenderam o que foi exposto ou simplesmente ignoraram a resposta. Desta forma, percebemos que poderíamos ter estimulado os leitores a descobrir o significado.

²⁵ Procuramos no dicionário online (www.dicio.com.br), em momento anterior, o significado dos termos.

Esperamos a turma apresentar mais alguma questão, no entanto, não obtivemos outras colocações. Lançamos então, mais uma pergunta para que eles se manifestassem:

Mediadora: essas palavras fazem alguma referência a alguma ideia no texto? Voltem aí ao texto e deem uma olhadinha.

Como o silêncio novamente se fez presente, acreditamos que a pergunta que fizemos não contribuiu para que eles levantassem dados que suscitassem no debate do poema. Passamos a contextualizar o poema “Idealismo” como forma de estimular os alunos a refletirem sobre o tema e provocar uma possível associação ao que ocorre na sociedade atual e, desta forma motivá-los a se posicionarem. Pois como esclarece Tinoco e Stefhani, (2016, p. 100),

a mediação é um trabalho complexo, que fundamentado na reflexão e no planejamento e, ao planejar sua mediação o docente deve levar em conta os seguintes aspectos: que ele tem um papel de parceiro na aprendizagem; que é testemunha privilegiada do embate entre o mediado e o ambiente e que é observador do comportamento do mediado avaliando-o e favorecendo seu progresso, sua melhora no pensar.

A partir da observação da turma fizemos uma contextualização sobre as formas de relações amorosas corrente na sociedade. Vejamos um trecho da conversa:

Mediadora: Se a gente pensar sobre o amor. Existem formas de amar, de amor. Se a gente pensar, hoje em dia. Qual o amor que a gente ver mais corrente na sociedade. É um amor...

Aluno H: besta.

Mediadora: Como são as relações amorosas? Se a gente pensar na nossa atualidade.

Aluno F: fútil

Mediadora: O que mais?

Aluna I: hoje em dia é assim.

Mediadora: então é um amor que ele é fútil, que geralmente tem um interesse, às vezes implícito. Então a gente pegando o segundo poema (lendo a primeira estrofe de versos de amor). Se a gente pensar nesse amor que a gente tem na sociedade e observar como ele está tentando falar do amor. Como ele pensa esse amor? O que esse eu lírico está querendo dizer para a gente?

Aluna G: eu acho assim. Ele coloca assim. Como a gente ver assim. Parece uma coisa tão bonita e quando a pessoa vai realmente viver aquilo, geralmente não é.

Mediadora: mais alguém?

Aluna I: como ele está dizendo no poema. Como a cana aqui. Todo mundo acha que a cana aqui é doce né? Mas, como no amor, entre as pessoas o amor é uma coisa muito boa, mas às vezes a pessoa se engana. Pensa que é

uma coisa boa, mas na verdade não é.

Como podemos observar a contextualização do tema possibilitou que os alunos H, F, G, e I expressassem opiniões e leituras de “Idealismo” e “Versos de amor”. A partir da afirmação do aluno H, que classificou o amor “besta”, e do leitor F, que afirmou ser “fútil”, percebemos que por meio da leitura do poema “Idealismo” eles estabeleceram uma associação entre os textos que estavam em discussão e a realidade.

A reflexão e posicionamento das alunas G e I nos levou a perceber que possivelmente, além de relacionar a concepção de amor abordada no poema com a realidade elas podem ter relacionado o texto as suas experiências de vida. Como defende Jauss (1994, p. 29- 30. grifo nosso),

da oposição entre ficção e realidade, entre função poética e função prática da linguagem, oposição esta que, para o leitor que reflete, faz-se sempre presente durante a leitura, como possibilidade de comparação. Esse terceiro fator inclui a possibilidade de o leitor perceber uma “nova obra” tanto a partir do horizonte mais restrito de sua expectativa literária, quanto do horizonte mais amplo de sua experiência de vida.

A leitura nesse sentido ocorre de forma subjetiva²⁶, pois repercute no sujeito a partir da relação das suas experiências pessoais. Para Rouxel (2014, p. 25): “nessa didática da leitura subjetiva que ainda está sendo inventada, é importante construir e desenvolver, a competência estética do leitor, ou seja, sua aptidão para reagir ao texto, para estar atento às repercussões que a obra suscitar nele mesmo e a exprimi-los”.

Dessa forma a leitura é concebida como uma atividade dinâmica, cujo texto envolve o sujeito a participar desse processo comunicativo. De acordo com Iser (1999, p. 97): “sendo uma atividade guiada pelo texto, a leitura acopla o processamento do texto com o leitor; este, por sua vez, é afetado por tal processo”. Nesse jogo de interação que é a leitura, o leitor é “afetado” pelo texto através de um processo interativo e, portanto, comunicativo.

A aluna I discutiu a concepção de amor pela comparação. Para tanto, tomou como exemplo a “cana” mencionada no poema “Versos de amor”. Chamamos a atenção para o termo, visto que em momento anterior a expressão “cana azeda” tinha inquietado outro aluno

²⁶ Para Jouve (2013), a leitura é constituída também pela subjetividade do leitor, que projeta durante a atividade experiências pessoais que contribuem na construção dos sentidos. A leitura desta forma é realizada de maneira externa e interna, ou seja, ao ler o texto o leitor também ler a si mesmo, pois o processo envolve o plano intelectual e afetivo do sujeito durante a construção da representação.

(D). Desta forma, percebemos que a aluna I observou a relação existia que entre a expressão “cana azeda” e o tema do amor abordado no poema.

A partir das colocações da aluna I, passamos a comentar o poema “Versos de amor” estrofe por estrofe. Ao continuarmos a leitura fizemos outra pergunta:

Mediadora: Aí ele coloca na segunda estrofe (leitura da estrofe). Há alguma palavra aí estranha nessa segunda estrofe, quando ele está falando desse amor. O que ele está procurando fazer? Ele fala do amor, mas é de uma forma comum? Assim, como estamos falando aqui?

Aluno J: Não, fala como uma ciência.

Mediadora: Uhum. Então ele está querendo...

Aluno J: Estudar

As perguntas que lançamos aos alunos tinham a pretensão de fazê-los refletir sobre a forma como o tema é tratado pelo autor, cuja abordagem remete a uma perspectiva com teor filosófico, que na verdade não era tão simples de abordar, pois que remetia a algo abstrato, ou seja, a um sentimento. Dessa forma, notamos pela fala do aluno J (“Fala como uma ciência”) demonstrava que ele tinha percebido que havia no poema um tratamento científico sobre o tema, inclusive afirmou que o eu lírico procurava “explicar”.

Passamos a discutir o poema mais detidamente com o propósito de motivar os alunos a perceberem as duas concepções de amor presente no poema. Uma voltada para a perspectiva divina e outra para a perspectiva do profano. A partir do diálogo com a turma, os alunos foram compartilhando as leituras:

Aluna H (sobre a terceira estrofe): para esse outro poeta é... O amor é um amor egoísta né?! Para esse! E para o outro é o contrário.

Mediadora: Então a gente percebe que ele traz aí duas concepções de amor, quando ele está querendo elaborar essa ciência. É como seria esse amor, para esse poeta aqui?

Aluna H: Um sentimento verdadeiro.

Mediadora: Uhum. O que mais? Quando ele coloca aí: Porque o amor, tal como eu o estou amando. E espírito, é éter, é substância fluida, / É assim como o ar que a gente pega e cuida, /Cuida, entretanto, não o estar pegando!. Então seria um amor, como ela falou: puro, verdadeiro... Que chega a ser... divino.

Observamos que a aluna H percebeu que havia no texto duas perspectivas de abordagem do tema através da discussão e reflexão do poema de Augusto dos Anjos. A discussão do poema na íntegra tinha como propósito, além de motivá-los a perceber as concepções mencionadas, expressarem suas leituras particulares com os colegas e a professora- mediadora.

Com a reflexão da leitura e a discussão dos poemas em questão podemos observar que mesmo o poema apresentando certa complexidade os alunos tiveram paciência demonstraram a atenção e envolvimento com a atividade. A recepção dos poemas “Versos de amor” e “Idealismo” se deram pelo estranhamento e pela leitura subjetiva.

A partir da discussão distribuímos o poema “Amor” de Álvares de Azevedo (Ver anexo) com o objetivo de levar os alunos percebessem possíveis diferenças e aproximações da abordagem do tema. Pedimos que um aluno lesse o texto e após a leitura perguntamos se a turma observou alguma semelhança. Retomamos os poemas lidos na aula anterior e aos poucos a turma foi emitindo opiniões sobre o texto de Álvares de Azevedo:

Aluna B: Ah... Que lindo...

Aluno J: é mais romântico!

Mediadora: há algum verso, alguma estrofe, que você queira destacar?

Aluno J: silêncio

Mediadora: alguma estrofe ou verso que vocês queriam destacar que fala dessa forma que ele acabou de falar? Que é um amor mais romântico. Em quais elementos do texto a gente observa isso?

Aluno J: indicação da quinta estrofe.

Mediadora: “Vem anjo minha donzela,/ minha alma, meu coração/ que noite que noite bela”. Se a gente voltar ao texto a gente percebe que esse amor é um amor mais voltado para o individual, mas exagerado né? A gente nota que ele está bem apaixonado.

Aluno J? Leseira.

Mediadora: e esse amor seria perfeito aos olhos desse eu lírico. Na primeira estrofe ele coloca: “Amemos quero de amor viver no teu coração. Viver e morrer essa dor, sofrer e morrer de paixão”. É um amor que é tão forte...

Aluno J: depressivo

Mediadora: que chega a ser depressivo, por quê?

Aluno J: porque ele quer se matar, morrer de amor.

Os comentários dos leitores traziam um ar de ironia, crítica e estranhamento sobre o poema de Álvares de Azevedo conforme podemos ver na fala de B e J. Os comentários do leitor J nos chamaram a atenção, pois ele considerou como “leseira” a abordagem de Azevedo, além de “depressiva”, pelo fato de “querer se matar” e “morrer de amor”. Nesse sentido, observamos a partir das falas dos leitores B e J que eles se identificaram mais com os poemas de Augusto dos Anjos, possivelmente por ser mais próximo da realidade deles.

Demos continuidade à discussão trouxemos alguns elementos do romantismo a partir da discussão do texto. Como forma de levá-los a perceberem as divergências de abordagem

lemos novamente o poema “Idealismo” de Augusto dos Anjos, para eles perceberem e levantarem para a conversa esses pontos. Fizemos as seguintes perguntas:

Então a gente observa que no poema de Álvares de Azevedo tem uma concepção de amor diferente da de Augusto dos Anjos. Que elementos a gente pode destacar desse poema “Idealismo” que mostra essa forma diferente? Como seria o amor para Augusto dos Anjos pensando nesse poema aqui? Quais elementos vocês poderiam dizer que é diferente, por isso!

Aluno H: porque, aqui ele fala desse segundo poema aqui (o primeiro) é um amor romântico.

Aluno k: porque é romântico.

A partir da nossa fala o aluno H, que afirmou que o poema de Álvares de Azevedo era romântico, que foi reforçado pelo leitor K. Fizemos mais uma pergunta com o objetivo de estimular a discussão:

Mediadora: Como seria esse amor para esse eu lírico de Augusto? São vários poemas e eu não trouxe assim à toa né. Se a gente observar, voltar aos textos percebemos que eles apresentam diferenças. Vocês falaram que no poema de Álvares de Azevedo que ele é um amor é mais voltado para o individual.

Aluno H: e nesse texto ele está apaixonado e no outro ele já está com raiva acho que ele levou um chifre, alguma coisa do tipo.

Com a nossa pergunta o aluno H afirmou que eu lírico do poema de Augusto dos Anjos estava com “raiva”, considerando a hipótese de ele ter levado um “chifre” demonstrando estranhamento.

Finalizada as duas aulas, observamos ecos de brincadeiras nos corredores da escola. Os alunos falavam sobre a poesia de Augusto dos Anjos e discutiam entre eles a abordagem dos poemas lidos na sala de aula.

No início das aulas do dia 19/ 05/ 2017, a turma fazia brincadeiras com o aluno D, sobre a expressão “cana azeda”, pelo seu posicionamento na aula anterior. Vejamos:

Aluna A: e aí, M?

Aluno J: está de ressaca?

Aluna A: é aí M, fez uma caninha hoje?

Turma de alunos: (risos)

Aluno M: tu é cruel.

Aluna A: é o quê? Risos. Eu sou cruel? Jamais!

A brincadeira feita pela aluna A, nos fez perceber que ela tinha associado o termo a outro significado, mas no momento da experiência não atentamos para o comentário. Se tivéssemos observado para a colocação da colaboradora poderíamos ter suscitado uma relação com algo voltado ao familiar dos leitores. O sabor diferente da cachaça, por exemplo, que poderia ter contribuído com a discussão e compreensão do texto.

Reconhecemos e ressaltamos que deveríamos ter iniciado a discussão da antologia de caráter amoroso pela escolha dos alunos, ou seja, deixado a critério da turma trazer o poema para começarmos as discussões. A mídia e o poema “Versos de amor” podiam ser trabalhado em outro momento da aula e suscitado uma discussão mais proveitosa, em um período mais oportuno. A leitura de “Versos de amor” podia ser mais fácil para a turma, pois partiríamos das impressões prévias de escolha dos leitores.

Iniciamos a aula procurando saber se a turma tinha lido a antologia em casa por curiosidade e interesse próprio, pois não tínhamos determinado isso na aula passada, mas queríamos observar como andava o envolvimento dos alunos com a experiência. Vejamos um trecho da conversa:

Mediadora: eu queria saber se vocês leram os outros poemas em casa.

Aluno D: Li não.

Aluno F: era para ler?

Turma de alunos: (risos)

Mediadora: então eu queria que vocês fizessem essa leitura agora. E fossem lendo os textos e destacando alguma coisa que chamou atenção. Algum verso, alguma imagem... Quando eu digo imagem a gente sabe que quando a gente ler aparece algumas imagens.

Aluna A: é.

Mediadora: queria que vocês destacassem. Certo? Para a gente comentar.

A reação e respostas dos alunos sobre a pergunta demonstrou que mesmo que a discussão da aula anterior tivesse ocorrido de forma proveitosa à turma não procurou ler os poemas em momentos diferentes daquele. O posicionamento dos alunos nos fez considerar que os alunos muitas vezes não fazem as atividades extraclasse, de uma certa forma retarda o trabalho do professor em sala de aula. A leitura seria algo a ser realizado quando solicitado pelo professor, que foi evidenciado pela fala do aluno F: “era para ler?”.

Como recebemos a resposta contrária ao que esperávamos, pedimos que eles realizassem a atividade naquele momento, para discutirmos os poemas de forma proveitosa

partindo das observações dos alunos. Seria uma forma de valorizar as leituras, bem como provocar a discussão sob os pontos que eles gostaram ou ficaram inquietos.

Perguntamos sobre as impressões da turma, no entanto percebemos que mesmo passado um tempo considerável eles ainda não tinham terminado a atividade. Estabelecemos mais alguns minutos para realizarem a leitura e foram surgindo as observações. Vejamos:

Mediadora: algum poema que você quer destacar? Algum verso?

Aluna A: o primeiro soneto (“Ouvi, senhora, o cântico sentido”). Eu gostei.

Mediadora: por quê?

Aluna A: Sei lá. Eu não entendi não, mas eu gostei.

Aluna B: eu gostei de “Canto íntimo” (leitura do poema). Achei bem...

Mediadora: chamou atenção alguma imagem? Alguma coisa? A forma como ele...

Aluna B: a forma bem crítica né? Que o amor tem feito mal a ele. Que se alguma pessoa ouvisse ele falar acabaria sabendo do amor dele.

Aluna A: eu também gostei desse mesmo poema.

Aluna A: No caso, o amor tem feito mal a ele. Acho que na sexta estrofe na terceira linha. Ele fala assim: Nem tenho medo da morte/ Que eu tenho a morte em mim mesmo!

Aluna B: ele ainda afirma: “vem cá, olha estas feridas,/ Que o amor abriu no meu peito”. Que seriam as que ela deixou.

Aluna B: (risos).

A aluna A destacou e demonstrou interesse pelo primeiro “Soneto” (“Ouvi, senhora, o cântico sentido”). Ao interrogarmos a leitora sobre os motivos do destaque do poema ela não soube de imediato apontar os elementos que despertaram interesse sobre o texto. A afirmação foi que não havia entendido, mas simplesmente gostado. Percebemos, desse modo, que a postura da leitora demonstrou que o texto de Augusto dos Anjos foi recebido pelo prazer²⁷ da linguagem literária.

De acordo com Jauss (1979, p. 80. grifos do autor), o prazer estético pode ocorrer pela “poiesis” em que o leitor, “pela criação artística, pode satisfazer a sua necessidade geral de ‘sentir-se em casa, ou no mundo’ e convertê-la em sua própria obra”. É o que se pode considerar como efeito que o poético pode proporcionar. Vejamos o poema:

SONETO

²⁷ Segundo Jauss (1979), o prazer da leitura ocorre a partir de uma relação de reciprocidade entre texto e leitor. Nesse sentido, comporta três categorias de experiência estética que pode ser experienciada pelo sujeito: a *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*, que são funções autônomas, mas estabelecem relações de sequência durante o processo de leitura.

Ouvi, senhora, o cântico sentido
Do coração que geme e s'estertora
N'ânsia letal que mata e que o devora
E que tornou-o assim, triste e descrido.

Ouvi, senhora, amei; de amor ferido,
As minhas crenças que alentei outrora
Rolam dispersas, pálidas agora,
Desfeitas todas num guaiar dorido.

E como a luz do sol vai-se apagando!
E eu triste, triste pela vida afora,
Eterno pegureiro caminhando.

Revolvo as cinzas de passadas eras,
Sombrio e mudo e glacial, senhora,
Como um coveiro a sepultar quimeras!
(ANJOS, Augusto. 1994. p. 374)

A abordagem da experiência amorosa ocasionou a proximidade entre leitor – leitor, mas houve dificuldades de comunicação. A leitora, ainda que não tenha de imediato estabelecido uma relação dialógica com o texto, demonstrou uma postura aberta ao poema de Augusto dos Anjos. A estima da leitora pelo poema ficou apenas no nível da linguagem literária. De acordo com Colomer (2007):

Os livros a serem compartilhados devem ser aqueles que oferecem alguma dificuldade ao leitor para que valha a pena investir neles o escasso tempo escolar. Se não há um significado que requeira um esforço de construção, não se pode negociar o sentido; se a estrutura é sempre convencional, não se apreende a estar atento para antecipar ou notar as elipses; ou se há ambiguidades interessantes, não há porque buscar indícios, reler passagens e discutir as possíveis interpretações. (COLOMER, 2007, p. 149).

Em seguida, a aluna A demonstrou apreço por “Canto íntimo” apontado pela colega B, que afirmou ter gostado da abordagem crítica do texto. As alunas passaram a compartilhar suas leituras destacando versos do poema em que demonstravam que a recepção ocorreu pelo prazer cognoscente em que há uma aproximação do leitor com a experiência do outro, ou seja, através da relação dialógica entre texto e leitor. Para Jauss (1979):

Na conduta estética, o sujeito sempre goza mais do que de si mesmo: experimenta-se na apropriação de uma experiência do sentido do mundo, ao qual explora tanto por sua própria atividade produtora, quanto pela integração da experiência alheia e que, ademais, é passível de ser

confirmado pela anuência de terceiros. O prazer estético que, desta forma, se realiza na oscilação entre a contemplação desinteressada e a participação experimentadora, é um modo da experiência de si mesmo na capacidade de ser outro, capacidade a nós aberta pelo comportamento estético.

As leitoras passam a destacar os versos que se referem à dor do eu lírico pela idealização e desejo do amor, ainda que o poema apresente imagens sugestivas como “gemido da terra”, “sol moribundo”, “forças do Mundo”, que além de contribuir na interpretação e compreensão geral do poema pode chamar atenção do leitor e despertar o interesse pelas belezas do cosmo. Notamos que as alunas se voltaram para as estrofes, cuja confissão do estado emocional do eu lírico fica mais explícita ao leitor. Vejamos o poema:

CANTO ÍNTIMO

Meu amor, em sonhos erra,
Muito longe, altivo e ufano
Do barulho do oceano
E do gemido da terra!

O Sol está moribundo.
Um grande recolhimento
Preside neste momento
Todas as forças do Mundo.

De lá, dos grandes espaços,
Onde há sonhos infáveis
Vejo os vermes miseráveis
Que hão de comer os meus braços.

Ah! Se me ouvisses falando!
(E eu sei que às dores resistes)
Dir-te-ia coisas tão tristes
Que acabarias chorando.

Que mal o amor me tem feito!
Duvidas?! Pois, se duvidas,
Vem cá, olha estas feridas,
Que o amor abriu no meu peito.

Passo longos dias, a esmo...
Não me queixo mais da sorte
Nem tenho medo da Morte
Que eu tenho Morte em mim mesmo!

Meu amor, em sonhos, erra,
Muito longe, altivo e ufano
Do barulho do oceano

E do gemido da terra!
(ANJOS, Augusto. 1994. p. 484)

As primeiras estrofes apresentam elementos do espaço que dialogam com o estado emocional do eu lírico e que sugerem a dimensão da dor pela suposta idealização do sentimento (“Meu amor, em sonhos erra”).

A partir da observação do estado emocional do eu lírico percebemos que a leitora B recepciona o “Canto íntimo” pelo prazer da leitura, evidenciado, pois expressou um riso que “prende-se ao prazer pela desgraça alheia” (PROPP, 1992, P. 160).

O momento da aula era para os alunos se colocarem diante dos textos, ou seja, trazer para a discussão elementos que lhes provocaram inquietações desse modo deixamos o espaço aberto para eles expressarem as impressões e ficamos atentos as falas dos leitores. Refletindo sobre nossa postura de mediador reconhecemos que aquele momento era oportuno para iniciar a discussão de “Canto íntimo”, mas queríamos que eles ficassem à vontade, trouxessem as impressões para partirmos para uma conversa com mais elementos e participação. Sondamos mais as impressões dos leitores sobre os demais poemas da antologia e mais uma vez o vocabulário usado por Augusto dos Anjos despertou inquietação na turma.

O aluno M destacou um termo “funambulescamente”, nos interrogando sobre a significação. Ao apresentarmos o significado percebemos que o leitor estranhou o uso do termo incomum para expressar negativamente a entrega da alma “à luta das paixões”: Vejamos:

Aluno M: Verônica, o que é funambulescamente? (lendo a palavra de forma lenta).
Mediadora: em qual poema? Como é? (Risos).
Aluna A: “Afetos”. Funambulescamente.
Mediadora: ridiculamente.
Aluna A: ah...
Mediadora: ridiculamente
Aluno M: tá com a molesta!
Aluna A: Menina, essa palavra todinha para dizer ridiculamente?
Mediadora: é.
Aluno M: entendesse o quê?
Aluna A: ridiculamente, M.
Aluno M: ah, não é tu não.
Aluna A: não, menino. Um palavrão. Um palavrão. (Risos).

Os leitores M e A reagiram sobre o termo pelo estranhamento evidenciado pelas expressões que enunciaram: “tá com a molesta!” e “essa palavra todinha para dizer ridiculamente” percebendo como uso exagerado a palavra e a significação no poema. A partir disso, os colaboradores fizeram brincadeiras entre si com o uso do termo. Notemos que o poema também despertou riso nos leitores, que tomaram o termo para brincadeiras de zombaria entre si.

A aluna C apontou o poema “Cravo de noiva”, mas quando perguntamos o motivo ela mostrou resistência para se expressar afirmando que estava com vergonha de ler e de trazer um ponto mais específico do texto. Dessa forma, deixamos a colaboradora à vontade e passamos as outras colocações dos alunos.

O aluno E ainda destacou o poema “Soneto” (“Aurora morta, fuge! Eu busco a virgem louca”) que apresentou para os demais colegas de sala dificuldade de compreensão. A partir das dificuldades da turma chamamos a atenção para os elementos do poema lendo a primeira estrofe e comentando a retratação da mulher e do amor do eu lírico, de forma a contribuir com leitura do texto. Ainda assim, foram poucos os comentários da turma sobre o poema. Apenas um aluno aludiu ao “Sol de afeto” como se fosse referência um amor da amada.

Detemo-nos mais no poema lendo e comentando as estrofes, mas notamos que a turma não se envolveu na discussão. Passamos aos outros textos da antologia e nos surpreendemos com a aluna C, que trouxe novamente o poema “Canto íntimo” afirmando que gostou das “palavras que ele coloca”. Vejamos:

Mediadora: por quê? O que te chamou atenção?

Aluna C: As palavras que ele coloca. Nem tenho medo da Morte. Que a morte está nele.

Observemos que a aluna C despertou atenção pela linguagem literária do poema, o recebendo pelo prazer da leitura, que fica evidenciado pela retomada de sua fala do mesmo poema. No final a aluna C, ainda nos procurou e disse que tinha gostando do poema de Augusto pela beleza e o modo como ele trazia as coisas, ou seja, pela linguagem e visão de mundo.

3.5.3 A recepção dos poemas relacionados a natureza

A antologia com os poemas que envolviam aspectos da natureza foi abordada no segundo módulo do plano de trabalho. Nosso objetivo era organizar um sarau poético com textos relacionados à natureza e de modo mais específico ver vídeos que traziam leituras expressivas dos poemas “Minha árvore” e “Árvore da serra”, ler os textos e compartilhar as leituras.

Iniciamos a abordagem da antologia na segunda aula seguinte do dia 19/05/2017, mesmo período em que concluimos os trabalhos com os textos de caráter amoroso. Fomos recebidos pelos alunos, numa sexta aula, com entusiasmo e euforia. Quando distribuimos o material impresso antes de qualquer encaminhamento os colaboradores já foram se pronunciando e apontando os textos que gostariam de ler. Nesse sentido, percebemos que os leitores estavam envolvidos com a experiência e demonstrando interesse sobre os poemas augustianos. Vejamos parte da conversa:

Aluna A: e haja poema! “Vozes da morte”. Eita, eu quero ler esse. Olha a voz da morte!

Turma de alunos: eita. Eita. Eita.

Turma de alunos: risos.

Aluna A: (lendo o poema em voz alta). Eu já gostei desse.

Aluna D: eu também.

Aluna B: eita, tu nem leu.

Aluna A: eu acabei de ler, B. Posso ler o primeiro?

Mediadora: eu queria que primeiro vocês fizessem uma leitura silenciosa.

Aluna A: eu já fiz.

Aluno D: calma.

Notemos que as alunas A e D foram atraídas pelo título do poema, que logo foi tomado para brincadeira na sala de aula despertando o riso dos demais colegas e a atenção sobre o conteúdo do texto. Por iniciativa própria, a aluna A leu em voz alta “Vozes da morte”, primeiro poema da antologia, e nos informou que queria ler novamente para a turma. A aluna D percebendo a euforia da colega pediu calma.

Ainda que tivéssemos gostando da postura da colaboradora A, pedimos que a turma fizesse uma leitura silenciosa do material, para depois partimos para o compartilhamento das leituras e discussão dos textos.

Acreditamos que dessa maneira toda a sala podia cooperar com a discussão trazendo observações sobre aspectos específicos dos textos. Além disso, pedimos durante a leitura que eles destacassem da primeira página da antologia elementos que consideraram atrativos e que

atentassem para possíveis aproximações e distanciamentos com os poemas lidos anteriormente, ou seja, os poemas de caráter amoroso.

Quando os alunos realizaram a leitura silenciosa do material, perguntamos quem gostaria de iniciar a discussão, lendo e apresentado às observações. A aluna D iniciou por “Vozes da morte”, poema anteriormente indicado pela colega A. Vejamos o texto e a recepção:

VOZES DA MORTE

Agora sim! Vamos morrer, reunidos,
Tamarindo de minha desventura,
Tu, com o envelhecimento da nervura,
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!
E a podridão, meu velho! E essa futura
Ultrafatalidade de ossatura,
A que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas sementes!
E assim, para o Futuro, em diferentes
Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,

Na multiplicidade dos teus ramos,
Pelo muito que em vida nos amamos,
Depois da morte, ainda teremos filhos!
(ANJOS, Augusto. 1994. p. 234)

Quando a aluna D começou a leitura do texto, a colega (aluna A) começou a rir, o que nos chamou atenção, pois ela já havia pedido para ler o texto e feito brincadeira com o título no início da aula. Percebemos desse modo, que “Vozes da morte” foi recepcionado pela leitora pela reação do riso. Perguntamos a aluna E, o que tinha chamado atenção em “Vozes da morte” e ela fez a seguinte pergunta:

Aluna E: O que ele quis dizer com “o envelhecimento da nervura, / eu com envelhecimento dos tecidos!”?

Antes de respondermos à colaboradora E que buscava pela decodificação, procuramos fazer com que a turma percebesse o tema que era recorrente na antologia e comentamos a abordagem da natureza trazida por Augusto dos Anjos. Explicamos que havia uma

contemplação e reflexão do eu lírico sobre a vida e a morte abordando também o ser humano. Respondemos a aluna E, que o eu lírico fazia uma analogia entre o envelhecimento da planta e o envelhecimento do ser humano.

A leitora A perguntou o que era tamarindo e a colega afirmou que era uma planta. Falamos um pouco da árvore na poesia de Augusto dos Anjos para contribuir com a discussão e passamos a instigar os colaboradores a falarem mais. O aluno F destacou dois versos da segunda estrofe de “Vozes da morte”. Vejamos abaixo:

Aluno F: “E a podridão, meu velho! / E essa futura Ultrafatalidade/ de ossatura”. Acho que a podridão é consequência da velhice. A consequência da morte é o amor. A velhice é futuro de qualquer um.

Notemos que o leitor relacionou o estado de decomposição da planta à velhice. Trazendo o amor como causa da morte. Nesse sentido, percebemos que o aluno F fez uma leitura subjetiva do poema, pois associou a realidade ao texto e as emoções, afirmando que “a velhice é o futuro de qualquer um” se colocando também nessa questão.

A partir da leitura do colaborador chamamos a atenção para o tom reflexivo do eu lírico sobre a humanidade e trouxemos “A árvore da serra” para a discussão, pois o poema apresenta uma abordagem próxima do soneto anterior.

Observando a presença do diálogo no texto sugerimos que três pessoas lessem o poema. A proposta era que a turma trouxe uma leitura mais expressiva de “A árvore da serra” numa perspectiva mais lúdica. A turma mostrou-se entusiasmada com a sugestão, se voluntariando e emitindo opiniões:

Aluna L: eu faço.

Mediadora: mais um.

Aluna H: eu vou fazer.

Mediadora: eu queria que um fizesse a voz do filho, uma do pai e uma da pessoa que está narrando à situação.

Aluna L: posso começar?

(Leitura do poema)

Turma de alunos: risos.

Aluna A: é mais emocionante.

Turma de alunos: comentando ao mesmo tempo.

Aluno I: é triste.

O posicionamento da aula L, se colocando à disposição para fazer uma das vozes do poema nos chamou atenção, pois nas aulas anteriores ela se mostrou bastante calada nas aulas, embora estivesse atenta às discussões. Posteriormente, em conversa fora de sala, a

colaboradora nos disse que não era muito de falar nas aulas, mas que tínhamos instigado o desejo dela se expressar, o que para a ela era muito difícil conforme afirmou. A colaboradora ainda ressaltou que queria que os demais professores tivessem a mesma paciência.

A partir do comentário da aluna destacamos a necessidade da postura aberta do professor a fala dos alunos, pois muitas vezes falta apenas o estímulo e a oportunidade deles exporem questões que podem contribuir para uma aula mais produtiva, na qual eles possam compartilhar experiências, seja de leituras, seja de vida que favoreça para uma aprendizagem mais prazerosa e humana.

Ainda sobre a recepção do poema em questão, a aluna A considerou “A árvore da serra” mais emocionante e o aluno I, como um texto triste atentando para a emoção que perpassa o soneto.

A partir da leitura e releitura do poema motivamos a turma a observar as diferenças formais entre “A árvore da serra” e “Vozes da morte”. Perguntamos sobre as diferenças e semelhanças e os alunos foram se pronunciando. Vejamos:

Mediadora: esse poema em relação a esse primeiro que a gente leu vocês conseguem observar alguma diferença ou semelhança? Quais seriam?

Aluno F: um é uma narrativa e o outro um diálogo. Com pontos diferentes em relação à árvore... E do afeto um do outro.

Mediadora: e quanto a estrutura dos textos? É a mesma estrutura?

Aluno F: são versos.

Mediadora: são versos. Mas a estrutura?

Aluna A: é a mesma. Sonetos.

Mediadora: são sonetos. Porém, apresentam diferenças. Se a gente observar a pontuação.

Aluna G: tem diálogo.

Como a antologia apresentava vários sonetos, mas com algumas inovações formais chamamos a atenção da turma para o diálogo presente em “A árvore da serra”. Como determina as Orientações Curriculares da Paraíba (2016, p.85) sobre o ensino de literatura:

A metodologia deve privilegiar a leitura e releitura de poemas, o que possibilitará a percepção de ritmos diferenciados, a atenção para imagens, enfim a expressividade da linguagem aspectos formais que devem ser elucidados, sobretudo, se contribuem para uma melhor compreensão do poema.

O aluno F mencionou que um era uma narrativa (“Vozes da morte”) e um diálogo (“A árvore da serra”) afirmando que ele também apresentava diferenças sobre a abordagem da árvore e da relação de afeto. Quando nos referimos à estrutura do texto o aluno F disse que

eram versos, o que nos levou a considerar que possivelmente ele não observou para a estrutura do texto. Ainda que estivéssemos atentos a resposta do aluno esperamos outras colocações que contribuíssem para que o colaborador lembrasse ou identificasse a estrutura do texto, até que a aluna A disse que eram “sonetos” explicando a forma que consistiam em: “dois quartetos e dois tercetos”.

Com as observações apontadas pela turma destacamos que o poeta ao usar a forma do fixa do soneto trouxe inovações semânticas discutindo a partir do contexto histórico que poeta lançou sua obra. Ou seja, aludindo ao período que o *Eu* do poeta foi publicado para explicar traços de inovação a partir da fuga do que era comum a época.

Nos referimos às discussões que houve sobre a poética de Augusto dos Anjos, bem como da abordagem dos temas que tratavam. A partir das nossas colocações a turma passou a atender para as especificidades do poema como rimas, a repetição de e o uso das palavras simples e fomos discutindo essas questões.

Na conversa ainda chamamos atenção para à musicalidade do texto e a contribuição desse recurso para a memorização do poema relacionando a proximidade da poesia com a música. Retomamos a colocação da aluna E, sobre o uso de termos simples motivando os alunos a refletirem mais sobre o texto. Para tanto, chamamos atenção sobre o campo semântico e a significação no poema e fomos criticados pelo aluno F, mas que passou a compartilhar a leitura do poema. Vejamos:

Mediadora: são palavras simples, mas assim a forma como ele coloca aí.

Aluno F: ah, você quer muito detalhe! Não tenho como te dizer o sentimento dele. O filho tem um afeto pela árvore. O sentimento dele, ele delega como se ela não fosse plantada. Ele tem afeto pela árvore. O pai não. Ele tem a árvore como algo que tivesse atrapalhando e ele quisesse retirar. Retirar de todo jeito. Sendo porque ele enxerga, mas não ver a integração, mas o que ele sente pela árvore. Ele enxerga como se fosse à primeira coisa que ele tivesse em mente.

Observamos que o leitor F, interpretou a ligação de afeto entre filho e a árvore percebendo a relação panteística trazida pelo eu lírico, quando afirmou que o pai não enxergava a integração. Nesse sentido, o leitor realizou uma leitura subjetiva do texto a partir da reflexão do poema. De acordo com Rouxel (2014, p. 28): “A formação de leitores exige também essa competência reflexiva. Evidentemente, a leitura subjetiva em sala de aula não se limita às emoções, ela se apoia na experiência estética para dar sentido ao texto e engaja uma

reflexão sobre sua própria pertinência”.

O próximo poema que discutimos “O pântano”, lido pelo aluno I. Vejamos o poema e a recepção pelos alunos do terceiro ano:

O PÂNTANO

Podem vê-lo, sem dor, meus semelhantes!...
Mas, para mim que a Natureza escuto,
Este pântano é o túmulo absoluto,
De todas as grandezas começantes!

Larvas desconhecidas de gigantes
Sobre o seu leito de peçonha e luto
Dormem tranquilamente o sono bruto
Dos superorganismos ainda infantes!

Em sua estagnação arde uma raça,
Tragicamente, à espera de quem passa
Para abrir-lhe, às escâncaras, a porta...

E eu sinto a angústia dessa raça ardente
Condenada a esperar perpetuamente
No universo esmagado da água morta!
(ANJOS, Augusto dos. 1994. p. 314)

Finalizada a leitura do texto perguntamos sobre as impressões da turma acerca de “O pântano”, a aluna A destacou “túmulo absoluto”, mas sem fazer comentários. Do mesmo forma que o aluno J apenas apontou a última estrofe do soneto: “E eu sinto angústia dessa raça ardente/ Condenada a esperar perpetuamente/ No universo da água morta”. Os leitores podem ter ficado impactados com o poema, pois permaneceram numa postura silenciosa.

Percebendo a dificuldade dos colaboradores, convidamos a turma a ler novamente o poema e trouxemos nossa leitura para a turma. Chamamos atenção para o tom reflexivo do texto, para as imagens que comportam a ideia de escuridão (pântano e túmulo) e do olhar eu lírico sobre a natureza e a humanidade.

Relacionamos essas questões à obra do paraibano e instigamos os colaboradores a fazer uma comparação sobre a abordagem da natureza na poesia de Augusto dos Anjos com os demais autores que eles estavam mais habituados a ler:

Aluna A: não. Aqui é uma natureza morta. É uma natureza sem vida.
Aluna B: morta. (Risos).

Aluna A: mas é uma natureza morta!

Aluna B: no poema “Árvore da serra”. O pai mata a árvore...

Como podemos observar a colaboradora A afirmou que em Augusto dos Anjos a natureza era morta, sem vida. O que para aluna B pareceu estranho que riu da observação, que reafirmou sua colocação. Diante disso, a colaboradora B, destacou a morte no poema “A árvore da serra”.

Um aluno enfatizou a questão da atualidade dos poemas e passamos a discutir o fato trazendo elementos para exemplificar a linguagem que mistura termos coloquiais com termos eruditos, a presença do cotidiano, a abordagem da morte como tema universal.

Finalizamos a abordagem da antologia com a leitura “Minha árvore”, lido pela aluna A e fizemos uma sondagem do que a turma estava julgando acerca dos poemas augustianos:

Aluna A: eu estou achando ótimo.

Aluna B: super produtivo.

Aluna A: eu acho que tem uma visão totalmente diferente do que a gente está acostumado a ver, e traz uma análise totalmente diferente, mas que chama muita atenção. Por mais que seja assim uma coisa triste, mais negativa, mas faz você pensar. Acho que ele faz uma reflexão muito bem.

Aluna C: é

Aluno D: é. Realmente.

Mediadora: mais alguém?

Aluna A: bora B, comenta.

Aluno J (brincando): acho que é um mistério.

Turma de alunos: risos.

Observamos no trecho em destaque que a aluna A considerou a poética de Augusto dos Anjos diferente do que ela estava acostumada, que lhe chamou atenção, embora que a poesia apresente uma perspectiva triste e negativa estimulava a pensar, que foi confirmado pelos alunos C e D. O aluno J, em tom de brincadeira considerou a poesia do autor do *Eu* como um mistério levando a turma a rir.

Destaca-se ainda, a percepção da aluna A de que o fazer pensar trouxe a turma outra concepção de poesia que se distancia da forma comum como é concebida, ou seja, a um texto traz apenas sentimentalismo. Nesse sentido, houve uma quebra de expectativas dos leitores que perceberam que os textos em versos podem trazer outras perspectivas de abordagens.

3.5.4 A recepção dos poemas que relacionados à vida e a morte

A última antologia que abordamos na turma de terceiro ano era composta de poemas relacionados à vida e a morte. Planejamos trabalhar a leitura e discussão dos textos, ver vídeos e incentivar os alunos a participarem de um jogral²⁸. Além disso, abordar a obra *Vida e poesia de Augusto dos Anjos para crianças, jovens e adultos* de Juca Pontes (2014), observando a forma como a poesia de Augusto era apresentada no livro e atentando para as particularidades da história em quadrinhos.

As atividades foram iniciadas em 23 de maio de 2017. Distribuímos o material e pedimos que os alunos organizassem as carteiras em um círculo. Explicamos à turma o que estávamos considerando como jogral e os convidamos para participarem. Alguns dos colaboradores se mostraram abertos e alegres com a proposta e outros mais intimidados. Orientamos a turma a se organizar em grupos, escolher e ensaiar a realização da leitura de um poema da antologia. O primeiro grupo escolheu o poema “Psicologia de um vencido”. Vejamos o texto:

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme -- este operário das ruínas --
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!
(ANJOS, Augusto. 1994. p.203)

No momento do ensaio notamos que o aluno M demonstrou estranhamento sobre o primeiro verso da segunda estrofe do poema: “Profundissimamente hipocondríaco”. O

²⁸ Consideramos o jogral a leitura mais performática dos poemas. Ou seja, os alunos se dividiriam em grupos para realizar a leitura do poema de forma mais expressiva utilizando para isso, tanto a voz quanto o corpo.

colaborar leu em voz alta “Psicologia de um vencido” apresentando dificuldade na pronúncia das palavras, despertando riso na aluna A:

Aluno M: pro- fun- dis- si- ma- men- te- hi- po- con-drí-a-co (Leitura pausada).

Aluna A: vichi! Risos.

Convidamos o primeiro grupo para ir à frente da sala para realizar o jogral. Os alunos se mostraram envergonhados e pediram para executar a atividade sentados. A aluna B leu a primeira estrofe do poema e o leitor M de forma extremamente rápida a segunda provocando novamente o riso dos demais colaboradores na sala de aula. Vejamos algumas das colocações dos alunos sobre a leitura e recepção do poema:

Aluna B: “Eu, filho do carbono e do amoníaco,/ Monstro de escuridão e rutilância,/ Sofro, desde a epigênese da infância,/ A influência má dos signos do zodíaco.” (Leitura)

Alunos M: profundissimamente hipocondríaco (Rápido).

Turma de alunos: muitos risos.

Aluno N: perá!

Mediadora: continue.

Aluno J: até Verônica riu!

Alunos M: “Profundissimamente hipocondríaco,/ Este ambiente me causa repugnância./ Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia, / Que se escapa da boca de um cardíaco”. (leitura)

Aluna A: eca!

Turma de alunos: risos.

Aluna B: “Já o verme - esse operário das ruínas- Que o sangue podre das carnificinas/ Come, e à vida em geral declara guerra,” (Leitura)

Aluno M: “Anda a espreitar meus olhos para roê-los,/ E há de deixar-me apenas os cabelos,/ Na frialdade inorgânica da terra!” (Leitura)

Percebemos que o poema de Augusto dos Anjos foi recepcionado pelos leitores sobre o efeito do riso e do estranhamento, pois também demonstraram repulsa sobre o conteúdo semântico do texto, evidenciado pela expressão “eca”, dita pela aluna A.

Ao final da primeira leitura sugerimos que os leitores lesem novamente o poema, só que de forma conjunta. Abertos à proposta eles tentaram desenvolver a atividade, mas apresentando dificuldades. Percebendo o embaraço dos colaboradores e com pouco tempo que dispúnhamos partimos para a segunda equipe. O segundo grupo a realizar o jogral escolheu o poema “Obsessão ao sangue”, observemos o texto:

Acordou, vendo sangue... Horrível! O osso
Frontal em fogo... Ia talvez morrer,
Disse. Olhou-se no espelho. Era tão moço,
Ah! Certamente não podia ser!

Levantou-se. E, eis que viu, antes do almoço,
Na mão dos açougueiros, a escorrer
Fita rubra de sangue muito grosso,
A carne que ele havia de comer!

No inferno da visão alucinada,
Viu montanhas de sangue enchendo a estrada,
Viu vísceras vermelhas pelo chão...

E amou, com um berro bárbaro de gozo,
O monocromatismo monstruoso
Daquela universal vermelhidão!
(ANJOS, Augusto. 1994. p.36)

Diferentemente do primeiro grupo, a segunda equipe demonstrou resistência para efetuar a atividade, pois os participantes eram mais tímidos. Desse modo, apenas um aluno leu o poema e os demais não demonstraram iniciativa nem envolvimento com a leitura, um dos participantes do grupo anterior passou a emitir comentários de crítica aos alunos. Percebendo a situação e como forma de não deixá-los desconfortáveis partimos para o grupo seguinte. A terceira equipe escolheu o poema “Soneto”. Vejamos o texto:

N’augusta solidão dos cemitérios,
Resvalando nas sombras dos ciprestes,
Passam meus sonhos sepultados nestes
Brancos sepulcros, pálidos, funéreos.

São minhas crenças divinais, ardentes
-- Alvos fantasmas pelos merencórios
Túmulos tristes, soturnais, silentes,
Hoje rolando nos umbrais marmóreos,

Quando da vida, no eternal soluço,
Eu choro e gemo e triste me debruço
Na laje fria dos meus sonhos pulcros,

Desliza então a lúgubre coorte.
E rompe a orquestra sepulcral da morte,
Quebrando a paz suprema dos sepulcros.
(ANJOS. Augusto dos. 1994. p. 377)

A leitura foi realizada por dois leitores (F e A). Cada um dos colaboradores leu duas estrofes do poema. Ao terminarem a leitura rapidamente, perguntamos se o grupo queria ler conjuntamente e de forma mais expressiva o poema. Nossa sugestão foi acolhida e de maneira bastante harmoniosa o grupo leu “Soneto” e tirou aplausos e assobios da turma, o que nos deixou animados, pois percebemos o empenho dos leitores na execução da atividade proposta.

Depois desse momento de leitura e ludicidade passamos a discutir a antologia. Chamamos atenção à musicalidade dos poemas, informamos que os textos de Augusto dos Anjos muitas vezes foram tomados para encenações no teatro; destacamos a questão do diálogo presente nos poemas e a potencialidade que apresentam para atividades de exploração da voz e procuramos saber das impressões da turma sobre os textos.

Aluna A: eu gostei, só achei meio nojento. Mas eu gostei.

Aluno F: carnificina.

Mediadora: O que chamou atenção de vocês nos textos?

Aluna B: quando era para falar sobre o texto.

Turma de alunos: quando era para falar sobre o texto. Risos.

Aluno j: o que chamou atenção!

Turma de alunos: risos.

Aluno M: profundissimamente hipocondríaco.

Aluna A: eita, porr...

Mediadora: a gente percebe que a temática...

Aluno M: carnificina.

Notemos que os colaboradores novamente receberam os poemas pelos efeitos do estranhamento e do riso. Como observamos no trecho, a aluna A apesar de afirmar que gostou dos poemas considerou “nojento”, se referindo a abordagem do poema.

Um grupo de alunos afirmou que o fato de pedirmos para eles se manifestarem sobre os textos tinha chamado atenção, demonstrando que provavelmente não era uma prática comum eles compartilharem as leituras na sala de aula.

O leitor F, ao destacar o termo “carnificina” também deixou evidente o estranhamento sobre “Psicologia de um vencido”. O colaborador M, novamente recorreu ao segundo verso do poema “profundissimamente hipocondríaco” provocando a leitora A, a falar um palavrão. O aluno M, assim como o colega também chamou atenção sobre o termo carnificina.

Contextualizamos a questão da abordagem dos poemas selecionados na antologia, ou seja, da vida se encaminhando para a morte e tomamos o poema “Psicologia de um vendido” para exemplificar. A medida que íamos discutindo o texto, os alunos expressavam riso o que

demonstrou o estranhamento ou ainda desconforto sobre a temática. O aluno M fez a seguinte pergunta:

Aluno M: rapidinho! Esse verme que ele está falando nesse poema é tapuru, é? É?

Notemos novamente o estranhamento do leitor sobre o conteúdo semântico do poema de Augusto dos Anjos. Percebemos o desconforto do colaborador sobre o elemento verme e a questão do processo de decomposição do corpo que ele alude. Percebemos que o leitor associa elemento ao “tapuru”. Quando confirmamos a pergunta do leitor, os colaboradores receberam a informação com risos e brincadeiras:

Mediadora: é, é os vermes que..

Turma de alunos: os vermes que comem a gente quando morremos?

Turma de alunos: (muitos risos)

Mediadora: oi?

Aluna A(brincando): oi? Oi?

Aluna A: é? É?

Aluno F: quem?

Aluna A: é?

Aluno F: é?

Turma de alunos: (risos).

Os risos e brincadeiras da turma demonstraram a inquietação sobre o conteúdo do texto reforçado pelas perguntas que foram tomadas para brincadeira. Passamos a ler a próximo poema “Alucinação à beira mar”:

Um medo de morrer meus pés esfriava.
Noite alta. Ante o telúrico recorte,
na diuturna discórdia, a equórea coorte
Atordoadamente ribombava!

Eu, ególatra céptico, cismava
Em meu destino!... O vento estava forte
E aquela matemática da Morte
Com os seus números negros, me assombrava!

Mas a alga usufrutuária dos oceanos
E os malacopterígio subraquianos
Que um castigo de espécie emudeceu,

No eterno horror das convulsões marítimas
Pareciam também corpos de vítimas
Condenados à Morte, assim como eu!

(ANJOS, Augusto. 1994. p.278)

O texto foi lido rapidamente pelo colaborador M. Percebemos a necessidade de realizar mais uma leitura para que os colaboradores observassem os aspectos do texto. Realizamos a segunda leitura de “Alucinação à beira-mar” e perguntamos a turma suas respectivas impressões. Os comentários foram os seguintes:

Aluno F: está bebão.

Aluno N: alcoólatra. Acho que ele está usando droga.

Aluno O: acho que ele está nervoso.

O foco dos leitores incidiu sobre o estado físico do eu lírico, pois como observamos eles afirmaram que ele estaria “bebão”, “alcoólatra” ou ainda “usando droga”. Nesse sentido, aludindo a alterações psíquicas do eu lírico.

Passamos comentar mais detidamente o poema de contribuir com a interpretação destacando outros aspectos da condição do eu lírico, como o ato de refletir, chamamos atenção sobre o termo “ribombar” e a relação como barulho das ondas batendo nas pedras, como forma de estimular os colaboradores a compartilhar as leituras, mas obtivemos muito sucesso.

Passamos então a ler e discutir “Versos a um coveiro”:

Numerar sepulturas e carneiros,
Reduzir carnes podres a algarismos,
Tal é, sem complicados silogismos,
A aritmética hedionda dos coveiros!

Um, dois, três, quatro, cinco... Esoterismos
Da Morte! E eu vejo, em fúlgidos letreiros,
Na progressão dos números inteiros
A gênese de todos os abismos!

Oh! Pitágoras da última aritmética,
Continua a contar na paz ascética
Dos tábidos carneiros sepulcrais

Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros,
Porque, infinita como os próprios números,
A tua conta não acaba mais!

(ANJOS, Augusto. 1994. p.350)

Pedimos que um colaborador lesse o poema e ao final da leitura do texto de Augusto dos Anjos alguns dos alunos apontado impressões:

Aluno D: eca!
Aluno G: ah, tá.
Aluno F: que horrível!
Mediadora: alguém gostaria de ler novamente?
Turma de alunos: alunos falando ao mesmo tempo.
Aluna A: eu estou com muito poema.
Mediadora: o poema “Apóstrofe a carne”.
Aluno D: não vou ler não.

Como percebemos os leitores recepcionaram “Versos a um cozeiro” sob a categoria do estranhamento emitindo expressões de repulsa, considerando o texto “horrível” e ainda afirmando que “estavam com muito poema” quando perguntamos se eles queriam ler mais uma vez o texto. Notamos que essa foi uma reação que se repetiu na experiência.

Atentando para a resposta da leitora passamos ao poema “Apostrofe à carne”.
Vejam os textos e a recepção:

Quando eu pego nas carnes do meu rosto
Pressinto o fim da orgânica batalha:
-- Olhos que o húmus necrófago estraçalha,
Diafragmas, decompondo-se, ao sol posto...
E o Homem -- negro heteróclito composto,
Onde a alva flama psíquica trabalha.
Desagrega-se e deixa na mortalha
O tato, a vista, o ouvido, o olfato e o gosto!

Carne, feixe de mônadas bastardas.
Conquanto em flâmeo fogo e efêmero ardas,
A dardejar relampejantes brilhos.

Dói-me ver, muito embora a alma te acenda,
Em tua podridão a herança horrenda,
Que eu tenho de deixar para os meus filhos!
(ANJOS, Augusto dos. 1994. p.312)

Ao nos referirmos ao poema o aluno H de imediato se negou a leitura demonstrando provavelmente repulsa ao texto ou mesmo preguiça de ler já que estamos em uma sexta aula. A aluna H leu “Apóstrofe à carne” apresentando algumas dificuldades nos termos usados por Augusto dos Anjos, suscitando o riso na aluna A. Ao final da leitura os comentários foram surgindo:

Aluno F: que triste.
Aluno G: vai, I. É boa?
Aluna A: gostou do poema?
Aluna B: oxê. Gostei!

Mediadora: por que tu escolheu ele?
Aluna B: toca na alma.
Aluno G: toca professora.
Aluna C: tão bonito!
Aluna A: tem certeza? Analisa esse poema, pelo amor de Deus!
Aluno M: é muito profundo. Não sou capaz de opinar. Não sou capaz de opinar. Muita profundidade.
Aluna D: não entendi. Ele está muito doido.

Notemos que o aluno F considerou o poema triste. A aluna B afirma que gostou do poema afirmando que “Apostrofe à carne” toca na alma reforçado pelo aluno G. O comentário da aluna C nos chamou atenção, pois ela afirma que o poema é bonito sob uma perspectiva irônica. A aluna A questiona a colega: “Analisa melhor esse poema, pelo amor de Deus!”, demonstrando que o comentário divergia sobre a atribuição de sentido do texto. O leitor M destaca a profundidade do poema e que não consegue se manifestar sobre e a aluna D, diz que não entendeu e que o “ele está doido”, novamente se referindo a uma suposta perturbação psíquica do eu lírico.

Percebemos pelo comportamento dos leitores que eles novamente recebem o poema augustiano sobre o estranhamento. A aluna A nos questiona sobre o termo apóstrofe bem como o aluno M. Vejamos um trecho da discussão:

Aluna A: esperaí. Deixa eu perguntar um negócio a Verônica.
Aluna A: Apóstrofe?
Mediadora: é uma interrupção que ele faz para se dirigir a seres reais ou fictícios.
Mediadora: Apóstrofe
Aluno M: Apóstrofe à carne. Tipo assim é... Quando eu pego nas carnes do meu rosto é uma espécie de gradação?

Explicamos aos colaboradores que apóstrofe seria fictício e respondemos a pergunta do aluno M a partir da releitura e discussão do poema, em que destacamos que o eu lírico fazia uma reflexão sobre o homem sob o ponto de vista individual e do coletivo que a gradação seria na degradação do homem para um processo de morte. Chamamos atenção sobre a repetição do fonema [f] no poema destacando que trazia mais expressividade ao texto e a aluna B destacou que o poema era forte.

Finalizamos a discussão da antologia e nas duas aulas seguintes 25/ 03/ 2017 e 26/03/ 2017, levamos o quadrinho *Vida e poesia de Augusto dos Anjos para crianças, jovens e adultos* (PONTES, 2014).

Como os alunos já havia experienciado a leitura dos poemas consideramos pertinente levar o quadrinho, pois eles podiam relacionar as leituras ao modo como a poesia do poeta era retratada na obra.

Para tanto, pedimos que formassem quatro grupos, distribuimos cópias completas da obra de Pontes (2014) e orientamos a turma a ler o quadrinho. Como o livro é dividido em quatro partes: “O lugar do saber”, “Nasce o poeta”, “A poesia do ‘Eu’ pede passagem” e “À luz da arte”, cada equipe ficou encarregada de apresentar uma delas e falar sobre como a poesia de Augusto dos Anjos era retratada no livro.

Solicitamos aos colaboradores que observassem as cores usadas nas ilustrações, as imagens dos personagens, a ambientação, os objetos, e as leituras realizadas na sala de aula. A turma se mostrou receptiva ao quadrinho e uma aluna em específico demonstrou muito interesse afirmando que gostava muito desse tipo de livro. O primeiro grupo apresentou o capítulo “O lugar do saber” e trouxe as seguintes observações:

Grupo 1: nessa primeira página é como se eu estivesse abrindo um livro e todos os poemas dele estivesse vindo para cá. O pé de Tamarindo, os poemas sobre morte. Essas coisas. Mas adiante mostra a professora e informações sobre Augusto dos Anjos, onde ele nasceu, onde ele estudou, no Liceu paraibano, no Recife, cresceu...

Mediadora: lembrando das antologias vocês acham que os poemas dele são só melancolia?

Aluno M: não.

Mediadora: os poemas relacionados a natureza?

Aluno M: não.

Mediadora: sim, mas por que não?

Aluno M: tristeza.

Aluna A: mas ele fala da natureza de uma forma tão...

Aluno M: mas ele tem um tom de melancolia nos poemas, não quer dizer que ele seja melancólico!

Notemos que o grupo atenta para a forma como a poesia do poeta é retratada no quadrinho. Ao perguntamos se a poética augustiana é só melancolia, o aluno M afirma que não e destaca que ele tem um “tom” melancólico e ressalta que isso significava que ele fosse “melancólico”. Percebemos que o leitor M, após a vivência com os poemas de Augusto dos Anjos estabelece uma diferenciação entre obra – autor se posicionando de forma crítica sobre o modo que a poesia e o poeta eram retratados na obra.

O segundo grupo apresentou o capítulo “Nasce o poeta” expondo dados informativos sobre a vida do poeta contidos na obra de Pontes (2014). Vejamos parte da conversa:

Aluna B: fala do nascimento dele, que ele nasceu em 20 de abril de 1884, fala sobre ama de leite dele que foi Guilhermina, o pai dele foi professor dele e ensinou as primeiras letras e fala também sobre os primeiros versos que ele escreveu aos sete anos.

Mediadora: qual foi o poema?

Aluna B: aqui não tem não. Saudade?

Aluno M: já está tirando o modelo para escrever o poema todinho.

Mediadora: da poesia dele observando a apresentação...

Aluna B: quando ele fala Guilhermina ele tem um poema dedicado, foi a ama de leite dele.

Mediadora: tem toda uma relação de afeto dele com essa...

Ao se referirem aos primeiros versos de Augusto dos Anjos perguntamos sobre o primeiro poema do autor. No entanto o poema só seria mencionado na terceira parte do livro. A aluna B afirma que não tinha essa informação e pergunta se seria “Saudade”. Ao perguntamos sobre a poesia a leitora B, o poema dedicado a Guilhermina.

O terceiro grupo leu a terceira parte do livro “A poesia do ‘Eu’ pede passagem” para a turma; procuramos levar os alunos a refletirem sobre o quadrinho e estabelecer uma ponte com os poemas lidos na sala de aula, mas não obtivemos sucesso. Passamos a discutir algumas questões que o quadrinho apresenta como as influências do parnasianismo e simbolismo na poesia de Augusto dos Anjos destacando elementos dos poemas, discutimos a recepção da obra no período que a obra foi publicada e destacando que a obra rompe com os movimentos literários.

O último grupo ficou com o capítulo “A luz da arte” e destacou a questão do sofrimento na poesia do autor como libertação. Vejamos:

Aluna C: ele demonstrava bastante sofrimento. E a morte para ele seria para encontrar a paz que na sua vida ele não estava encontrando....

A partir da fala da aluna C, passamos a discutir o tema da morte na obra de Augusto dos Anjos, destacando que a morte abordada nos poemas do escritor não aparece como fuga da realidade, mas como algo natural, que estar presente na vida. Além disso, destacamos que o “Eu” que dá título ao livro não é só um eu pessoal do escritor, mas um eu coletivo, cujo poeta aborda e reflete sobre questões que atingem a humanidade.

3.5.5 A avaliação da experiência pelos alunos do ensino médio: contribuições

A experiência foi finalizada em 26/ 05/ 2017. A fim de termos mais dados sobre como a recepção da poesia de Augusto dos Anjos no ensino médio solicitamos que os leitores fizessem uma avaliação²⁹ do experimento. Ressaltamos que eles podiam escrever livremente expressando pontos positivos e negativos. Vejamos como a aluna B avaliou:

Os poemas de Augusto dos Anjos foram escritos antigamente mais é como se ele já soubesse o que está acontecendo hoje em dia, porque ele fala da maioria das coisas que nos faz refletir sobre o que estamos fazendo. Nunca mais irei esquecer de Augusto dos Anjos. (Aluna B, 2017).

Como podemos observar, a aluna B afirmou que a poesia de Augusto dos Anjos apresenta uma visão de mundo visionária, pois os poemas do autor “foram escritos antigamente, mas é como se ele já soubesse o que está acontecendo hoje em dia”. A leitora ainda destaca que os poemas a fizeram refletir e que não ia esquecer do poeta. Notemos que a experiência foi significativa para a aluna.

O aluno D, comenta que as aulas foram boas, que contribuíram para que ele refletisse sobre a vida a partir da experiência da leitura literária. Observe:

As aulas foram boas para refletirmos sobre a vida, pois ele fala muito sobre a morte, a realidade. Na verdade nós sempre pensamos “o que será que eu estarei fazendo daqui a dez anos?”. Mas dificilmente pensamos no pior, sempre pensamos que estaremos com um bom emprego, carro, etc. E ele fala sobre a morte, porém de uma maneira comovente, fala de amor, e até da natureza, o que nos faz refletir, porque sem a natureza não vivemos obviamente. Mas não damos muita importância para tal, apreciamos o dinheiro, tecnologias e acabamos esquecendo do mais importante que é a natureza e os animais que apesar de serem seres amáveis são maltratados, retirados do seu habitat natural, aprisionados. (Aluno D, 2017)

O participante avaliou a experiência destacando que o tema da morte o levou a pensar sobre uma perspectiva diferente, pelas abordagens temáticas dos poemas que levamos a sala de aula que contribuiu para ele refletir. Notamos ainda que o leitor passa a atentar para algo que não dava muita importância, no caso importância da natureza na sua vida a partir da leitura subjetiva dos poemas do autor.

²⁹ O material está anexado (anexo E) no final do trabalho.

Para aluna C, os textos augustianos favoreceram para uma nova percepção sobre a poesia, sobre a temática amorosa e contribuiu na reflexão do uso das palavras que comportam teor negativo. Conforme expresse abaixo:

As poesias de Augusto dos Anjos me trouxeram uma visão nova sobre as poesias de amor, uma forma de usar palavras com significados tristes, fortes e até nojentos. Mostra o amor de forma diferente. (Aluna C, 2017)

A colaboradora ainda relatou que as palavras usadas pelo poeta carregam sentido “triste”, “forte” e “nojentas”. Ela ainda retoma a abordagem do tema do amor se referindo novamente sobre perspectiva diferente de tratamento da temática. Nesse sentido, houve uma expansão do horizonte de expectativas da leitora, pois percebemos que uma experiência estética entre texto – leitor.

A leitora A, comenta as aulas classificando como “produtivas, divertidas, dinâmicas”. Observamos que ao se referir a poesia augustina afirma que propiciou numa “nova concepção de realidade” e de “sociedade”. Além disso, também menciona o caráter visionário da poética do autor do *Eu*. Vejamos a avaliação:

As aulas foram bem produtivas, divertidas, dinâmicas, etc. Trouxe uma nova concepção da realidade e da sociedade em questão. É como ele estivesse prevendo futuro, pois todas suas poesias são bem diferentes das demais e vivemos isso hoje. São que chamam bastante atenção do leitor. Augusto dos Anjos serviu de inspiração para mim, pois ascendeu uma chama ardente dentro de mim, pode conhecer melhor a mim mesma e o mundo em si, pode conhecer também o outro lado das coisas. Foi uma experiência extraordinária! Que pena que acabou... (Aluna A, 2017).

A colaboradora destaca no final do depoimento que os poemas “chamam a atenção do leitor” e a partir da leitura subjetiva realizando uma releitura sobre si, a cerca disso Jouve (2013, p. 53) explica que: “A leitura de um texto é sempre a leitura do sujeito por ele mesmo (...)”.

A avaliação da aluna G, demonstrou que o experimento colaborou para aproximá-la da poesia, informando que as aulas foram “legais” e favoreceram conhecer mais sobre o gênero poético. Observe:

Foi uma experiência nova, porque comecei a me interessar mais por poesia. Para mim as aulas foram bem legais e tenho certeza que irei conhecer mais sobre poesia. (Aluna G, 2017).

A leitora destaca que a experiência foi significativa, pois representou algo novo. Quando aplicamos o questionário na turma de terceiro ano, os dados indicaram que a turma tinha pouca preferência pelo texto poético. Nesse sentido, percebemos não só por esta avaliação, mas também pelas anteriores que houve uma aproximação entre texto – leitor, no caso, do interesse pelo gênero lírico.

Ainda que durante a experiência tivéssemos dificuldades de trabalhar com os poemas na sala de aula, a experiência trouxe algo de significativo para turma, pois eles demonstram através das avaliações que a poesia de Augusto dos Anjos favoreceu posturas reflexivas, interesse pela leitura literária, formas diferentes de enxergar a realidade, lerem a si mesmo, etc.

A metodologia dialógica usada na sala de aula trouxe uma nova experiência para a turma como expressou a aluna I:

As aulas que foram dadas forma bastante produtivas. Foi algo diferente das outras aulas e pode conhecer um poeta bastante diferente e interessante. Vozes da morte. Amor. Amor e religião e versos de amor. Os poemas que mais gostei. (Aluna I, 2017).

A colaboradora ainda menciona os poemas “Vozes da morte”, “Amor”, “Amor e religião” e “Versos de amor”, como os preferidos dos que foram lidos e discutidos na sala de aula.

Notamos com isso, que a poesia de Augusto dos Anjos embora se mostre obscura em certos momentos para o leitor pode suscitar experiências significativas de leitura na sala de aula ampliando inclusive o horizonte de expectativa dos leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa experiência com a poesia de Augusto dos Anjos, realizada a partir de três antologias temáticas que contemplaram poemas de caráter amoroso, relacionados à natureza, vida e morte, em uma turma de terceiro ano do ensino médio de uma escola pública de Campina Grande (Paraíba), nos possibilitou conhecer os efeitos que os poemas provocaram nos colaboradores da pesquisa e as contribuições na formação de leitores.

Através da reflexão e análise dos dados recolhidos na intervenção, observamos que os vinte nove poemas lidos e discutidos com os alunos na sala de aula foram recepcionados a partir de reações diversas, que vão do humor ao questionamento e à reflexão, mas também à recusa e o permanente estranhamento dos leitores.

Verificamos que o riso, para nossa surpresa, foi um efeito recorrente na recepção dos poemas, que se refletiu sobre os termos incomuns presente na poesia augustiana, bem como através das dificuldades de pronúncia que suscitaram.

A postura reflexiva de alguns dos colaboradores recaiu sobre a visão diferenciada de mundo, como também sobre a linguagem desconcertante, pois rompeu com o que era familiar aos sujeitos desse contexto escolar.

O estranhamento também foi algo constante durante as experiências de leituras, que se refletiu na recepção das três antologias temáticas, inclusive na que contemplava poemas de caráter amoroso. Esse fato nos chamou atenção, pois era um tema próximo dos jovens que se encontravam na adolescência, ainda que os textos apresentassem uma concepção de amor diferenciada da concepção romântica, que é mais comum a esse público.

Acerca dos efeitos da poesia de Augusto dos Anjos, observamos que os poemas ofereceram impressões múltiplas, que inquietaram os leitores e contribuíram para experiências de leituras singulares. Envolveram emoção, recusa e proximidade e influenciou no interesse sobre a leitura literária, inclusive, da poesia, texto pouco lido pelos colaboradores conforme contatamos através da análise do questionário que aplicamos na turma, antes de iniciarmos o experimento.

Observamos ainda, que a metodologia pautada no compartilhamento das impressões e reflexões após a leitura e releitura dos poemas além de favorecer aproximação entre texto – leitor, também tornou as aulas mais dinâmicas e divertidas, pois os alunos se mostram

inquietação com os poemas, interagiram, se envolveram e participaram das atividades. Nessa perspectiva, os colaboradores enunciam impressões dos poemas, indagaram e refletiram as inquietações provenientes das leituras, expressaram hipóteses sobre as abordagens dos textos na sala de aula, etc. Inicialmente, essa participação era mais limitada, uma vez que os colaboradores não tinham postura uma mais interativa na leitura do texto literário.

Percebemos que a complexidade dos poemas de Augusto dos Anjos é algo favorável ao trabalho com a leitura literária, pois colabora para uma postura mais reflexiva sobre os textos, contribui para a discussão das leituras e favorece o diálogo dos alunos com os alunos e com o professor. Neste sentido, não levar esses poemas para sala de aula por causa de sua complexidade e linguagem é, de certo modo, minimizar a capacidade dos leitores, não desafiá-los, não contribuir para ampliar seu horizonte de expectativa.

O material didático que utilizamos na intervenção, ou seja, as antologias temáticas, os vídeos e áudios, bem como uma história em quadrinho permitiram que os leitores tivessem contato com visões de mundo peculiares, relacionassem os temas com experiências pessoais e a realidade social. Noutras palavras, a relação texto – leitor, foi construída, não ficando na mera resolução de exercícios cuja resposta teria que ser a mesma para todos. Além disso, foi oferecida uma quantidade expressiva de poemas, o que possivelmente não ocorria, por exemplo, em um trabalho pautado apenas pelo livro didático.

Como observamos, o livro adotado na escola apresentava três poemas do autor: “Psicologia de um vencido” “Soneto II” (“Madrugada treze de janeiro”) e “Soneto III” (“Podre meu pai! A morte o olhar lhe vidra”) que incidem sobre o tema da morte, como também iniciava a abordagem da poesia augustiana por informações históricas, que expostas de imediato antes das leituras dos poemas podem influenciar na leitura e recepção dos textos.

Não estamos com essas observações desmerecendo ou desqualificando o livro didático, pois sabemos que é um instrumento de trabalho do professor, e em alguns contextos escolares, sobretudo, nas escolas públicas, um dos poucos. Mas, notamos que as antologias permitiram levar mais poemas para a sala de aula possibilitaram experiências de leituras mais amplas sobre a poesia de Augusto dos Anjos.

O trabalho, ainda contribuiu para refletirmos sobre a leitura literária na escola e sob nossa postura de professor- mediador. Acerca disso, podemos afirmar, que enfrentamos várias dificuldades durante a experiência, dentre elas o de compartilhamento das leituras e das

discussões dos poemas, a falta de instrumentos auxiliares de trabalho e do nosso papel de professor- mediador.

Notamos, que embora tenhamos priorizado a relação texto – leitor através de uma metodologia que valorizava o partilhamento das leituras e discussão dos poemas, muitas vezes encontramos dificuldades para estimular o debate, pois em alguns momentos houve distância estética entre texto – leitor: pela falta de experiência dos alunos; pela natureza do texto poético, que mostra uma visão sobre o objeto poetizado, de maneira mais subjetiva e obscura; pelos nossos próprios limites enquanto professora.

Percebemos conforme bem explica Tinoco e Stefhani (2006), que a mediação de leitura é um trabalho complexo, no qual alunos e professores aprendem juntos, ou seja, desempenham o papel de coparticipantes no ensino- aprendizagem. Nesse sentido, fatores pessoais dos mediados e do mediador influem na interação, como também do meio ambiente. A atividade envolve situações de modificação e relações de parceria, colaboração e empatia entre os sujeitos envolvidos.

Desse modo, observamos que o trabalho do professor- mediador requer que sejamos leitores das obras literárias e de teorias que favoreçam a mediação das leituras, pois atuamos como auxiliares das descobertas, interesses e escolhas. Nessa perspectiva, buscamos criar um ambiente propício ao diálogo, utilizamos as reflexões teóricas da estética da recepção que favoreceram a proximidade entre texto- leitor; respeitamos as limitações dos alunos, quando não quiseram ou não tinham condições de manifestar opiniões e leituras dos poemas. Buscamos estimular as discussões, que em alguns momentos se mostraram difíceis pelas nossas próprias limitações pessoais.

Aprendemos que enquanto professores, precisamos buscar continuamente meios de formação que contribuam no nosso desempenho em sala de aula, de forma que possamos promover um ensino- aprendizagem, mais qualitativo. O que nos fez perceber, que devemos nos colocar em atitude humilde e reflexiva diante do ensino, pois enquanto professores não somos detentores do saber, aprendemos com os alunos em cada experiência de sala de aula, pelos diálogos que estabelecemos, os trabalhos que desenvolvemos e as realidades escolares que experimentamos.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. **Eu e outras poesias e poemas esquecidos**. Texto e nota: Antônio Houaiss. 30ª. ed. Rio de Janeiro, Livraria São José. 1965.

ANJOS, Augusto. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas, Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nota Aguiar, 1994.

AGUIAR, Vera Teixeira de. BORDINI, Maria da Glória. **Literatura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ALMEIDA, Verucci Domingos de. **A face otimista da poesia de Augusto dos Anjos**. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino). Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Humanidades. Campina Grande, 2012. 274f

AZEVEDO, Álvares. **Amor**. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br>. Acesso em 26 de fevereiro de 2017.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Tradução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEZERRA, Rosilda Alves. Asas da melancolia: alegoria e ironia na poesia de Augusto dos Anjos. In: **O rosto escuro de Narciso**: ensaios sobre literatura e melancolia. Francisco José Gomes Correia. Chico Viana (org.). João Pessoa: Idéia, 2004.

_____. **A ironia infausta**: leituras da ironia em Eu e outras poesias, de Augusto dos Anjos. [Tese de Doutorado em Literatura Brasileira]. João Pessoa: UFPB, 2003. 260p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Conhecimentos de literatura. In: **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério de Educação, 2006.

BOSI, Alfredo. **A literatura brasileira**: O pré- modernismo. São Paulo: cultrix. 3ª ed. v. 1972.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. 50 ed. São Paulo: Cultrix: 2015.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. Corrigido pelo autor. 5ª ed. editora: Ouro sobre azul, 2013.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. [Tradução: Laura Sandroni]. São Paulo: Global, 2007.

COMPAGNON, Antoine. O leitor. In: **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. [Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 137- 160.

CHKLOVSKI, Viktor. A Arte como Procedimento. In.: EIKHENBAUM, B. **Teoria da Literatura: Formalistas Russos**. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

FIGUEIREDO, José Maria Pinto de. **A invenção do expressionismo em Augusto dos Anjos**. Dissertação (mestrado) Programa de Pós- Graduação em Letras. Universidade Federal do Amazonas, 2012. 134p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX**. trad. do texto. Marise M. Curioni. trad. das poesias. Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GAARDER, Jostein. **O livro das religiões**. trad. Isa Mara Lando. Revisão técnica e apêndice: Antônio Flavio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Disponível em: <http://www.fbnovas.edu.br>. Acesso em: 19 de set. 2017.

GULLAR, Ferreira. Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina. In: **Toda poesia de Augusto dos Anjos**. Coleção literatura e teoria literária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

HEISE, E. (1997). A Lírica Expressionista de Gottfried Benn. In: **Pandaemonium Germanicum**, (1), p. 11-19. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/1982-8837.pg.1997.62619>> . Acesso: 30 de abril de 2018.

HOUAISS, Antônio. Sobre Augusto dos Anjos. In: **Drummond mais seis poemas e um problema**. Ed. Imago. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kererschmer. São Paulo: ed. 34. 1999.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

_____ et al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Coord. e Trad. de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JOHN, Gree. **A culpa é das estrelas**. Tradução: Renata Pettengill. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

JOUVE, Vicent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. In: **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. [Trad. Neide Luzia de Rezende]. Org. ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. São Paulo: Alameda, 2013. p. 53-65.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. O escândalo do “Eu”. In: **Poesia e vida de Augusto dos Anjos**. Rio de Janeiro, 2ª ed. Corrigida e aumentada. Civilização Brasileira, INL. 1978, p. 249-261.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Trad. Cecília Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. Trad. Cecília Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007a.

_____. **Poesia na sala de aula**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2018.

_____. Pesquisa em literatura e ensino: a contribuição da estética da recepção. In: ARANHA, Simone Dália de Gusmão. PEREIRA, Tânia Maria Augusto. ALMEIDA, Maria de Lurdes Leandro (orgs.). **Gêneros e linguagem**: diálogos abertos. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

_____. Orientações didáticas. In: **Poesia brasileira**: das origens ao pré- modernismo. Campina Grande: EDUFPG, 2017b.

_____. Reflexões sobre o livro didático de literatura. In: Português no ensino médio e formação do professor. In: BUNZEN, Clésio, MENDONÇA, Márcia (org). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 103 – 116.

PROENÇA, M. Cavalcanti. O artesanato em Augusto dos Anjos. In: **Estudos literários**. Prefácio de Antônio Houaiss. nota de Ivan Cavalcanti Proença. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1982. p. 242-299.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2007, 95 p. (Princípios, 49).

PROPP, Vladímir. **Comichidade e riso**. Trad. Aura Fornoni Berdardini e Homero Freitas de Andrade. Editora Ática. São Paulo, 1992.

PONTES, Juca. **Vida e poesia de Augusto dos Anjos**: para crianças, jovens e adultos. Ilustração Ledo Alves. João Pessoa: MVC Editora, 2014.

ROSENFELD, Anatol. A costela de prata de Augusto dos Anjos. In: **Texto/ contexto**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ROUXEL, Annie. Ensino de literatura: experiência estética e formação do leitor. In: **Memórias da Borborema 4**: discutindo a literatura e seu ensino. ALVES, José Hélder Pinheiro (org.). Campina Grande: Abralic, 2014.

VALÉRY, Paul. Poesia e pensamento abstrato. In. **Variedades**. Trad. de Maiza M. de Siqueiro. São Paulo: Iluminuras, 1991.

VIANA, Chico. As múltiplas faces do Eu, de Augusto dos Anjos. In. **Eu cem anos de poesia**. Anais do I Congresso Nacional de Literatura: I CONALI. João Pessoa: Ideia, 2001. p. 406-418.

RAMOS, Rogério Araújo. **Ser protagonista**: Língua Portuguesa. 3º ano: Ensino Médio. Edição SM. Editor responsável: Rogério Ramos de Araújo. 2ª ed. São Paulo, 2013. V 3. p. 32-33.

SANTOS, Derivaldo dos. **Augusto dos Anjos**: uma lâmina do tempo. João Pessoa: Idéia, 2002.

SCHOPENHAUER, Arthur. **As dores do mundo**. Coleção universidade. Edição de ouro. Editora: Ediouro. s. d. Disponível em : <<http://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/01/Dores-do-Mundo.pdf>>. Acesso: 4 de junho de 2018.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972. 13ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 39-41.

TINOCO. Robson coelho. STEFHANI. Adriana demite. Leitura literária e papel do professor mediador no diálogo texto- leitor. In. **Panorama contemporâneo em ensino das pesquisas em literatura**. PINTO. Francisco neto Pereira. MELO. Márcia Araújo de. (org.). Campina Grande: ADUFCG, 2016. p. 83-114.

APÊNDICES

(APÊNDICE A)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

TERMO DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,
portador (a) do CPF _____, ciente de que o as respostas do
questionário e as gravações de outras atividades relacionadas à proposta apresentada serão
utilizadas para fins da pesquisa intitulada AUGUSTO DOS ANJOS NO ENSINO MÉDIO:
CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO DE LEITORES, do Programa de Pós-graduação em
Linguagem e Ensino, em nível de Mestrado, desenvolvida na Universidade Federal de
Campina Grande, pela aluna Verônica Lucena do Nascimento, sob a orientação do Professor
Doutor José Hélder Pinheiro Alves, para elaboração da dissertação de mestrado e quaisquer
outras atividades acadêmicas relacionadas à pesquisa; autorizo a participação de
_____, e a utilização das informações por ele (a)
cedidas, desde que sejam tratadas conformes as recomendações previstas nos protocolos de
ética da UFCG, assegurando inclusive seu anonimato e usadas para os fins acima citados.

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL

Campina Grande, _____, _____, _____

QUESTIONÁRIO

Este questionário nos ajudará a conhecer um pouco sobre você e suas experiências de leitura. Sua contribuição será importante para nossa pesquisa, e desde já agradecemos sua contribuição.

Nome: _____ **Idade:** _____

1. Que gêneros literários você gosta de ler? Marque nas opções abaixo, pode ser mais de uma resposta.

Crônicas ()

Histórias em quadrinhos ()

Contos ()

Poemas ()

Folhetos de Cordel ()

Romances ()

Outros:

2. Quais tipos de filmes você gosta de assistir?

Ação ()

Drama ()

Aventura ()

Documentário ()

Comédia ()

Romance ()

Suspense ()

Terror ()

3. Cite um filme de que você mais gostou.
-

4. Quando você acessa a internet, o que costuma buscar, ler?

Jogos ()

Pesquisa de trabalho escolar ()

Livros online ()

Redes sociais ()

Vídeos ()

Outros _____

5. O que você gosta de ler quando acessa?
-
-

6. Quanto às suas experiências de leitura, quais textos ficaram registrados na sua memória? Fale um pouco sobre eles.

7. Você gosta ler poesia? Quais autores você gosta de ler (Álvares de Azevedo, Augusto dos Anjos, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Gonçalves Dias, Mário Quintana, Manuel Bandeira, Olavo Bilac, Vinícius de Moraes, etc)?

8. Ainda sobre a leitura de poesia, você se lembra de versos que você tenha gostado? Cite alguns.

9. Você sabe quem foi Augusto dos Anjos? Conhece a obra do autor? Fale um pouco para a gente.

10. Quais poemas de Augusto dos Anjos você conhece? Cite títulos ou versos.

(APÊNDICE C)

PLANO DE TRABALHO

ETAPAS DA INTERVENÇÃO

I – ETAPA:

- Conhecer a escola: visitar a biblioteca, analisar o livro didático adotado pela instituição.
- Observar as aulas da professora colaboradora.

II- ETAPA:

- Aplicar um questionário para investigar os gostos de leitura da turma.
- Desenvolver atividades de leitura sobre os poemas de Augusto dos Anjos, com alunos do terceiro ano do ensino médio, a partir do conhecimento do horizonte de expectativa do público leitor.

MÓDULO I

TEMA

- Poesia

OBJETOS DE ENSINO

- Poesia de caráter amoroso.

OBJETIVO GERAL

1. Sondar os gostos de leitura da turma.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Socializar os gostos de leitura com os colegas de sala.
2. Vivenciar a leitura de poemas de caráter amoroso da poesia de Augusto dos Anjos.
3. Ler e comentar as impressões que tiveram sobre os poemas de Augusto dos Anjos.

4. Relacionar e comentar a concepção de amor dos poemas de augustianos com os poemas de Álvares de Azevedo.

MATERIAIS DIDÁTICOS

- Cópias das antologias e do poema “Amor” de Álvares de Azevedo.
- Lápis e quadro branco.
- Notebook.

INSTRUMENTOS DE COLETA

- Gravador de áudio.
- Diário reflexivo.

DURAÇÃO

- 3 aulas (135 minutos)

METODOLOGIA

I Momento (45 minutos)

- Saudar a turma e estabelecer uma conversa rápida sobre os gostos de leitura dos alunos;
- Aplicar o questionário para investigar os gostos de leitura da turma, ou seja, o horizonte de expectativa dos alunos;
- Explicar o questionário e solicitar que os alunos respondam evidenciando a importância das respostas para nossa pesquisa.

II Momento (15 minutos)

- Questionar os alunos sobre poemas de autores paraibanos que eles conheçam, para introduzir poesia de Augusto dos Anjos;

- Distribuir e ler com os alunos o poema “Versos íntimos” para ajudar a lembrar a poesia de Augusto;
- Perguntar se eles conhecem o poema e investigar possíveis impressões que eles tiveram da poesia augustiana.

III MOMENTO (30 minutos)

- Distribuir as antologias que reúne oito poemas de amor;
- Passar a leitura do poema “Versos de Amor”, na voz de Othon Bastos;
- Desenvolver uma leitura dinâmica do poema: alternaremos a realização da leitura do texto por Othon Bastos com realização da leitura dos alunos;
- Propor que os alunos escolham outro (os) poema (as) da antologia para lerem na aula;
- Solicitar que os alunos exponham e discutam oralmente as interpretações dos poemas conjuntamente.

IV MOMENTO (45 minutos)

- Ler o poema “Amor” de Álvares de Azevedo;
- Questionar os alunos sobre a concepção de amor presente no poema de Álvares de Azevedo;
- Sugerir que os alunos leiam um ou mais poemas da antologia que distribuimos e que ainda não tenham sido lidos nas aulas anteriores;
- Provocar um debate sobre a concepção de amor trazida no texto de Álvares de Azevedo e nos poemas de Augusto dos Anjos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas, Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

AZEVEDO, Álvares. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br>. Acesso em 26 de fevereiro de 2017.

MÓDULO II

TEMA

- Poesia

OBJETO DE ENSINO

- Poemas que se relacionam com a natureza.

OBJETIVO GERAL

1. Organizar um sarau poético, a partir dos poemas selecionados na antologia temática.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Ver vídeos sobre os poemas de Augusto dos Anjos.
2. Realizar a leitura dos poemas da antologia.
3. Compartilhar as impressões acerca dos poemas.
4. Fazer a atividade escrita sobre o poema “Debaixo do Tamarindo”.

MATERIAIS DIDÁTICOS

- Cópias das antologias
- Cópias da atividade escrita
- Notebook e data show

INSTRUMENTOS DE COLETA

- Gravador de áudio
- Diário reflexivo
- Máquina fotográfica

DURAÇÃO

- 3 aulas (135 minutos)

METODOLOGIA

I MOMENTO (10 minutos)

- Propor aos alunos um sarau poético na sala de aula;
- Sugerir que a turma organize as cadeiras em círculo;
- Distribuir as antologias;
- Solicitar que os alunos realizem uma leitura silenciosa da antologia.

II MOMENTO (80 minutos)

- Passar os vídeos sobre os poemas “Debaixo do Tamarindo” e “Árvore da Serra” na voz de Othon Bastos;
- Propor que os alunos escolham um poema para ler para os colegas.
- Convidar três alunos voluntários para realizem juntos à leitura do poema “Árvore da serra”;
- Discutir as imagens usadas por Augusto dos Anjos nos poemas;
- Questionar os alunos acerca dos textos: impressões e possíveis interpretações.

II MOMENTO (45 minutos)

- Distribuir o poema “Debaixo do Tamarindo”;
- Pedir que a turma se organizem em duplas;
- Ler o poema da atividade;
- Explicar a atividade;

- Solicitar que os alunos respondam a atividade;
- Recolher a atividade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas, Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1994.

MÓDULO III

TEMA

- Poesia

OBJETO DE ENSINO

Poesia sobre morte.

- **OBJETIVO GERAL**

1. Experienciar poemas de Augusto dos Anjos que abordam a temática da morte.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Ler e discutir os poemas da antologia.
2. Ver vídeos e participar de um jogral.
3. Ler e apresentar, em grupo, a obra “Vida e poesia de Augusto dos Anjos para crianças, jovens e adultos” de Juca Pontes.

MATERIAIS DIDÁTICOS

- Cópias das antologias
- Cópias do livro em quadrinhos “Vida e poesia de Augusto dos Anjos para crianças, jovens e adultos” de Juca Pontes.

- Livros sobre Augusto dos Anjos e sua obra em quadrinhos.
- Lápis e quadro branco
- Notebook e data show

INSTRUMENTOS DE COLETA

- Gravador de áudio
- Diário reflexivo

DURAÇÃO

- 3 aulas (135 minutos)

METODOLOGIA

I MOMENTO (45 minutos)

- Ler e comentar uns com os outros os poemas da antologia temática;
- Passar o Jogral sobre o poema “Psicologia de um vencido”;
- Propor que os alunos se organizem em grupos para participar de um jogral, partir da antologia constituída de poemas que tratam da temática da morte.

II MOMENTO (45 minutos)

- Dividir a turma em quatro grupos;
- Distribuir cópias da história em quadrinhos: “Vida e poesia de Augusto dos Anjos para crianças, jovens e adultos” de Juca Pontes.
- Solicitar que os grupos leiam o HQ e preparem uma pequena apresentação para os colegas de sala;
- Explicar e orientar a apresentação.

III MOMENTO (45 minutos)

- Exibir o documentário “Especial 100 anos Augusto dos Anjos”, exibido no programa impressão em 2014.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas, Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1994.

AMOR

Quand la mort est si belle, Il est doux de mourir.

V. Hugo

Amemos! Quero de amor
Viver no teu coração!
Sofrer e amar essa dor
Que desmaia de paixão!

Na tu'alma, em teus encantos
E na tua palidez
E nos teus ardentes prantos
Suspirar de languidez!

Quero em teus lábios beber
Os teus amores do céu,
Quero em teu seio morrer
No enlevo do seio teu!

Quero viver d'esperança,
Quero tremer e sentir!
Na tua cheirosa trança
Quero sonhar e dormir!

Vem, anjo, minha donzela,
Minha'alma, meu coração!

Que noite, que noite bela!
Como é doce a viração!

E entre os suspiros do vento
Da noite ao mole frescor,
Quero viver um momento,
Morrer contigo de amor!

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AZEVEDO, Álvares. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br>. Acesso em 26 de fevereiro de 2017.

ATIVIDADE ESCRITA

Leia o poema abaixo e escreva uma pequena interpretação de no mínimo 10 linhas sobre o poema “Debaixo do Tamarindo” do poeta Augusto dos Anjos.

DEBAIXO DO TAMARINDO

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,
Guarda, como uma caixa derradeira,
O passado da Flora Brasileira
E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios
De minha vida e a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à pátria da homogeneidade,
Abraçada com a própria Eternidade
A minha sombra há de ficar aqui!

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**: volume único. Organização, fixação do texto e notas, Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 1994.

ANEXOS

IDEALISMO

Falas de amor, e eu ouço tudo e calo!
O amor da Humanidade é uma mentira.
É. E é por isto que na minha lira
De amores fúteis poucas vezes falo.

O amor! Quando virei por fim a amá-lo?!
Quando, se o amor que a Humanidade
inspira
É o amor do sibarita e da hetaíra,
De Messalina e de Sardanapalo?!

Pois é mister que, para o amor sagrado,
O mundo fique imaterializado
-- Alavanca desviada do seu fulcro--

E haja só amizade verdadeira
Duma caveira para outra caveira,
Do meu sepulcro para o teu sepulcro?!

(p. 229)

VERSOS DE AMOR

A um poeta erótico

Parece muito doce aquela cana.
Descasco-a, provo-a, chupo-a... Ilusão
treda!

O amor, poeta, é como a cana azeda,
A toda a boca que o não prova engana.

Quis saber que era o amor, por experiência,
E hoje que, enfim, conheço o seu
conteúdo,

Pudera eu ter, eu que idolatro o estudo,
Todas as ciências menos esta ciência!

Certo, este o amor não é que, em ânsias,
amo

Mas certo, o egoísta amor este é que acinte
Amas, oposto a mim. Por conseguinte

Chamas amor aquilo que eu não chamo.

Oposto ideal ao meu ideal conservas.
Diverso é, pois, o ponto outro de vista
Consoante o qual, observo o amor, do
egoísta
Modo de ver, consoante o qual, o observas.

Porque o amor, tal como eu o estou
amando,
É Espírito, é éter, é substância fluida,
É assim como o ar que a gente pega e
cuida,
Cuida, entretanto, não o estar pegando!

É a transubstanciação de instintos rudes,
Imponderabilíssima e impalpável,
Que anda acima da carne miserável
Como anda a garça acima dos açudes!

Para reproduzir tal sentimento
Daqui por diante, atenta a orelha cauta,
Como Marsias -- o inventor da flauta --
Vou inventar também outro instrumento!

Mas de tal arte e espécie tal fazê-lo
Ambiciono, que o idioma em que te eu falo
Possam todas as línguas decliná-lo
Possam todos os homens compreendê-lo.

Para que, enfim, chegando à última calma
Meu podre coração roto não role,
Integralmente desfibrado e mole,
Como um saco vazio dentro d'alma!

(p.268)

A FOME E O AMOR

A um monstro

Fome! E, na ânsia voraz que, ávida,
aumenta,

Receando outras mandíbulas e esbanjem,
Os dentes antropófagos que rangem,
Antes da refeição sanguinolenta!

Amor! E a satiríase sedenta,
Rugindo, enquanto as almas se
confrangem,
Todas as danações sexuais que abrangem
A apolínica besta famulenta!

Ambos assim, tragando a ambiência vasta,
No desembestamento que os arrasta,
Superexcitadíssimos, os dois

Representam, no ardor dos seus assomos,
A alegoria do que outrora fomos
E a imagem bronca do que inda hoje sois!

(p. 331)

SONETO

Ouvi, senhora, o cântico sentido
Do coração que geme e s'estertora
N'ânsia letal que mata e que o devora
E que tornou-o assim, triste e descrido.

Ouvi, senhora, amei; de amor ferido,
As minhas crenças que alentei outrora
Rolam dispersas, pálidas agora,
Desfeitas todas num guaiar dorido.

E como a luz do sol vai-se apagando!
E eu triste, triste pela vida afora,
Eterno pegureiro caminhando.

Revolvo as cinzas de passadas eras,
Sombrio e mudo e glacial, senhora,
Como um coveiro a sepultar quimeras!

(p. 374)

NOIVADO

Os namorados ternos suspiravam,

Quando há de ser o venturoso dia?!
Quando há de ser?! O noivo então dizia
E a noiva e ambos d'amores
s'embriagavam.

E a mesma frase o noivo repetia;
Fora no campo pássaros trinavam.
Quando há de ser?! E os pássaros falavam,
Há de chegar, a brisa respondia.

Vinha rompendo a aurora majestosa,
Dos rouxinóis ao sonoro harpejo
E a luz do sol vibrava esplendorosa.

Chegara enfim o dia desejado,
Ambos unidos, soluçara um beijo,
Era o supremo beijo de noivado!

(p. 378)

TRISTE REGRESSO

A Dias Paredes

Uma vez um poeta, um tresloucado,
Apaixonou-se d'uma virgem bela;
Vivia alegre o vate apaixonado,
Louco vivia, enamorada dela.

Mas a Pátria chamou-o. Era soldado.
E tinha que deixar pra sempre aquela
Meiga visão, olímpica e singela?!
E partiu, coração amargurado.

Dos canhões ao ribombo, e das metralhas,
Altivo lutador, venceu batalhas,
Juncou-lhe a frente aurifulgente estrela.

E voltou, mas a frente aureolada,
Ao chegar, pendeu triste e desmaiada,
No sepulcro da loura virgem bela.

(p. 375)

AMOR E RELIGIÃO

Conheci-o: era um padre, um desses santos
Sacerdotes da Fé de crença pura,
Da sua fala na eternal doçura
Falava o coração. Quantos, oh! quantos

Ouviram dele frases de candura
Que d'infelizes enxugavam prantos!
E como alegres não ficaram tantos
Corações sem prazer e sem ventura.

No entanto dizem que este padre amara.
Morrera um dia desvairado, estulto,
Su'alma livre para o Céu se alara.

E Deus lhe disse: "És duas vezes santo,
Pois se da Religião fizeste culto,
Foste do amor o mártir sacrossanto".

(p. 381)

A ESMOLA DE DULCE

Ao Alfredo A.

E todo o dia eu vou como um perdido
De dor, por entre a dolorosa estrada,
Pedir a Dulce, a minha bem-amada,
A esmola dum carinho apetecido.

E ela fita-me, o olhar enlanguescido,
E eu balbucio trêmula balada:
-- Senhora dai-me u'a esmola -- e
estertorada
A minha voz soluça num gemido.

Morre-me a voz, e eu gemo o último
harpejo,
Estendendo à Dulce a mão, a fé perdida,
E dos lábios de Dulce cai um beijo.

Depois, como este beijo me consola!
Bendita seja a Dulce! A minha vida
Estava unicamente nessa esmola.

(p. 406)

SONETO

Aurora morta, fuge! Eu busco a virgem
loura
Que fugiu-me do peito ao teu clarão de
morte
E Ela era a minha estrela, o meu único
Norte,
O grande Sol de afeto -- o Sol que as almas
doura!

Fugiu... E em si levou a Luz consoladora
Do amor -- esse clarão eterno d'alma forte
--

Astro da minha Paz, Sírius da minha Sorte
E da Noite da vida a Vênus Redentora.

Agora, oh! minha Mágoa, agita as tuas
asas,
Vem! rasga deste peito as nebulosas gazas
E, num pálio auroral de Luz
deslumbradora,

Ascende à Claridade. Adeus oh! Dia
escuro,
Dia do meu Passado! Irrompe, meu Futuro;
Aurora morta, fuge -- eu busco a virgem
loura!

(p. 412)

SONETO

Canta teu riso esplêndido sonata,
E há, no teu riso de anjos encantados,
Como que um doce tilintar de prata
E a vibração de mil cristais quebrados.

Bendito o riso assim que se desata
-- Cítara suave dos apaixonados,
Sonorizando os sonhos já passados,
Cantando sempre em trínula volata!

Aurora ideal dos dias meus risonhos,
Quando, úmido de beijos em ressábios
Teu riso esponta, despertando sonhos...

Ah! Num delíquio de ventura louca,
Vai-se minh'alma toda nos teus lábios,
Ri-se o meu coração na tua boca!

(p. 414)

CRAVO DE NOIVA

Ao Dias Paredes

Cravo de noiva. A nívea cor de cera
Que o seu seio branqueja, é como os
prantos
Níveos, que a virgem chora, entre os
encantos
Dum noivado risonho em primavera.

Flor de mistérios d'alma, sacrossantos,
Guarda segredos divinais que eu dera
Duas vidas, se duas eu tivera
Pra desvendar os seus segredos santos.

E tudo quer que nessa flor se enleve
O poeta. É que dessa concha armínea,
Da lactescência angélica da neve,

Se evolvam castos, virginais aromas
De essência estranha; olências de virgínea
Carne fremindo num langor de pomas.

(p. 415)

AFETOS

Bendito o amor que infiltra n'alma o enleio
E santifica da existência o cardo,
-- Amor que é mirra e que é sagrado nardo,
Turificando a languidez dum seio!

O amor, porém, que da Desgraça veio
Maldito seja, seja como o fardo
Desta descrença funeral em que ardo
E com que o fogo da paixão ateio!

Funambulescamente a alma se atira

À luta das paixões, e, como a Aurora
Que ao beijo vespéral anseia e expira,

Desce para a alma o ocaso da Carícia
Ora em sonhos de Dor, supremos, e ora
Em contorções supremas de Delícia!

(p.429)

MARTÍRIO SUPREMO

Duma Quimera ao fascinante abraço,
Por um Cocito ardente e luxurioso,
Onde nunca gemeu o humano passo,
Transpus um dia o Inferno Azul do Gozo!

O amor em lavas de candência d'aço,
Banhrou-me o peito... Em ânsia de repouso,
Da Messalina fria no regaço,
Chora saudades do terreno pouso!

Como um mártir de estranho sacrifício,
Tinha os lábios crestados pela ardência
Da luz letal do grande Sol do Vício!

E mergulhei mais fundo no estuário...
Mas, no Inferno do Gozo, sem Calvário,
Cristo d'amor morri pela inocência!

(p. 430)

CANTO ÍNTIMO

Meu amor, em sonhos erra,
Muito longe, altivo e ufano
Do barulho do oceano
E do gemido da terra!

O Sol está moribundo.
Um grande recolhimento
Preside neste momento
Todas as forças do Mundo.

De lá, dos grandes espaços,
Onde há sonhos inefáveis
Vejo os vermes miseráveis

Que hão de comer os meus braços.

Ah! Se me ouvisses falando!
(E eu sei que às dores resistes)
Dir-te-ia coisas tão tristes
Que acabarias chorando.

Que mal o amor me tem feito!
Duvidas?! Pois, se duvidas,
Vem cá, olha estas feridas,
Que o amor abriu no meu peito.

Passo longos dias, a esmo...

Não me queixo mais da sorte
Nem tenho medo da Morte
Que eu tenho Morte em mim mesmo!

Meu amor, em sonhos, erra,
Muito longe, altivo e ufano
Do barulho do oceano
E do gemido da terra!.

(p. 484)

VOZES DA MORTE

Agora sim! Vamos morrer, reunidos,
Tamarindo de minha desventura,
Tu, com o envelhecimento da nervura,
Eu, com o envelhecimento dos tecidos!

Ah! Esta noite é a noite dos Vencidos!
E a podridão, meu velho! E essa futura
Ultrafatalidade de ossatura,
A que nos acharemos reduzidos!

Não morrerão, porém, tuas sementes!
E assim, para o Futuro, em diferentes
Florestas, vales, selvas, glebas, trilhos,

Na multiplicidade dos teus ramos,
Pelo muito que em vida nos amamos,
Depois da morte, inda teremos filhos!
(p.234)

A ÁRVORE DA SERRA

-- As árvores, meu filho, não têm alma!
E esta árvore me serve de empecilho...
É preciso cortá-la, pois, meu filho,
Para que eu tenha uma velhice calma!

-- Meu pai, por que sua ira não se acalma?!
Não vê que em tudo existe o mesmo
brilho?!
Deus pôs almas nos cedros... no
junquilha...
Esta árvore, meu pai, possui minh'alma!...

-- Disse -- e ajoelhou-se, numa rogativa:
"Não mate a árvore, pai, para que eu viva!"
E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco,
O moço triste se abraçou com o tronco
E nunca mais se levantou da terra! (p. 272)

O PÂNTANO

Podem vê-lo, sem dor, meus
semelhantes!...
Mas, para mim que a Natureza escuto,
Este pântano é o túmulo absoluto,
De todas as grandezas começantes!

Larvas desconhecidas de gigantes
Sobre o seu leito de peçonha e luto
Dormem tranqüilamente o sono bruto
Dos superorganismos ainda infantes!

Em sua estagnação arde uma raça,
Tragicamente, à espera de quem passa
Para abrir-lhe, às escâncaras, a porta...

E eu sinto a angústia dessa raça ardente
Condenada a esperar perpetuamente
No universo esmagado da água morta! (p.
314)

MINHA ÁRVORE

Olha: É um triângulo estéril de ínvia
estrada!
Como que a erva tem dor... Roem-na
amarguras
Talvez humanas, e entre rochas duras
Mostra ao Cosmos a face degradada!

Entre os pedrouços maus dessa morada
É que, às apalpadelas e às escuras,
Hão de encontrar as gerações futuras
Só, minha árvore humana desfolhada!

Mulher nenhuma afagará meu tronco!
Eu não me abalarei, nem mesmo ao ronco
Do furacão que, rábido, remoinha...

Folhas e frutos, sobre a terra ardente
Hão de encher outras árvores! Somente
Minha desgraça há de ficar sozinha!

(p.344)

AS MONTANHAS

I

Das nebulosas em que te emaranhas
Levanta-te, alma, e diz-me, afinal,
Qual é, na natureza espiritual,
A significação dessas montanhas!

Quem não vê nas graníticas entranhas
A subjetividade ascensional
Paralisada e estrangulada, mal
Quis erguer-se a cumíadas tamanhas?!

Ah! Nesse anelo trágico de altura
Não serão as montanhas, porventura,
Estacionadas, íngremes, assim,

Por um abortamento de mecânica,
A representação ainda inorgânica
De tudo aquilo que parou em mim?!

II

Agora, oh! deslumbrada alma, perscruta
O puerpério geológico interior,
De onde rebenta, em contrações de dor,
Toda a sublevação da crosta hirsuta!

No curso inquieto da terráquea luta
Quantos desejos férvidos de amor
Não dormem, recalcados, sob o horror
Dessas agregações de pedra bruta?!

Como nesses relevos orográficos,
Inacessíveis aos humanos tráficos
Onde sóis, em semente, amam fazer,

Quem sabe, alma, se o que ainda não existe
Não vive em gérmen no agregado triste
Da síntese sombria do meu Ser?! (p. 352)

A NOITE

A nebulosidade ameaçadora
Tolda o éter, mancha a gleba, agride os
rios
E urde amplas teias de carvões sombrios

No ar que álaçre e radiante, há instantes,
fora.

A água transubstancia-se. A onda estoura
Na negridão do oceano e entre os navios
Troa bárbara zoadada de ais bravios,
Extraordinariamente atordoadora.

À custódia do anímico registro
A planetária escuridão se anexa...
Somente, iguais a espíões que acordam
cedo,

Ficam brilhando com fulgor sinistro
Dentro da treva onímoda e complexa
Os olhos fundos dos que estão com medo!
(p.362)

O MAR

O mar é triste como um cemitério;
Cada rocha é uma eterna sepultura
Banhada pela imácula brancura
De ondas chorando num alvor etéreo.

Ah! dessas vagas no bramir funéreo
Jamais vibrou a sinfonia pura
Do Amor; lá, só descanta, dentre a escura
Treva do oceano, a voz do meu saltério!

Quando a cândida espuma dessas vagas,
Banhando a fria solidão das fragas,
Onde a quebrar-se tão fugaz se esfuma,

Reflete a luz do sol que já não arde,
Treme na treva a púrpura da tarde,
Chora a Saudade envolta nesta espuma! (p.
410)

PLENILÚNIO

Desmaia o plenilúnio. A gaze pálida
Que lhe serve de alvíssimo sudário
Respira essências raras, toda a cálida
Mística essência desse alampadário.

E a lua é como um pálido sacrário,

Onde as almas das virgens em crisálida
De seios alvos e de fronte pálida,
Derramam a urna dum perfume vário.

Voga a lua na etérea imensidade!
Ela, eterna noctâmbula do Amor,

Eu, noctâmbulo da Dor e da Saudade.

Ah! Como a branca e merencória lua,
Também envolta num sudário -- a Dor,
Minh'alma triste pelos céus flutua! (p. 416)

PSICOLOGIA DE UM VENCIDO

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme -- este operário das ruínas --
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

(p.203)

ALUCINAÇÃO À BEIRA-MAR

Um medo de morrer meus pés esfriava.
Noite alta. Ante o telúrico recorte,
na diuturna discórdia, a equórea coorte
Atordoadamente ribombava!

Eu, ególatra céptico, cismava
Em meu destino!... O vento estava forte
E aquela matemática da Morte
Com os seus números negros, me
assombrava!

Mas a alga usufrutuária dos oceanos
E os malacopterígios subraquianos
Que um castigo de espécie emudeceu,

No eterno horror das convulsões marítimas
Pareciam também corpos de vítimas
Condenados à Morte, assim como eu!

(p.278)

APÓSTROFE À CARNE

Quando eu pego nas carnes do meu rosto
Pressinto o fim da orgânica batalha:
-- Olhos que o húmus necrófago estraçalha,
Diafragmas, decompondo-se, ao sol
posto...

E o Homem -- negro heteróclito composto,
Onde a alva flama psíquica trabalha.
Desagrega-se e deixa na mortalha
O tato, a vista, o ouvido, o olfato e o gosto!

Carne, feixe de mônadas bastardas.
Conquanto em flâmeo fogo e efêmero
ardas,
A dardejar relampejantes brilhos.

Dói-me ver, muito embora a alma te
acenda,
Em tua podridão a herança horrenda,
Que eu tenho de deixar para os meus
filhos!

(p.312)

VERSOS A UM COVEIRO

Numerar sepulturas e carneiros,
Reduzir carnes podres a algarismos,
Tal é, sem complicados silogismos,
A aritmética hedionda dos coveiros!

Um, dois, três, quatro, cinco... Esoterismos
Da Morte! E eu vejo, em fúlgidos letreiros,
Na progressão dos números inteiros
A gênese de todos os abismos!

Oh! Pitágoras da última aritmética,
Continua a contar na paz ascética
Dos tábidos carneiros sepulcrais

Tíbias, cérebros, crânios, raios e úmeros,
Porque, infinita como os próprios números,
A tua conta não acaba mais!

(p.350)

VOLÚPIA IMORTAL

Cuidas que o genesíaco prazer,
Fomo do átomo e eurítmico transporte
De todas as moléculas, aborte
Na hora em que a nossa carne apodrecer?!

Não! Essa luz radial, em que arde o Ser,
Para a perpetuação da Espécie forte,
Tragicamente, ainda depois da morte,
Dentro dos ossos, continua a arder!

Surdos destarte a apóstrofes e brados,
Os nossos esqueletos descarnados,
Em convulsivas contorções sensuais,

Haurindo o gás sulfídrico das covas,
Com essa volúpia das ossadas novas
Hão de ainda se apertar cada vez mais!

(p.312)

A OBSESSÃO DO SANGUE

Acordou, vendo sangue... Horrível! O osso
Frontal em fogo... Ia talvez morrer,
Disse. Olhou-se no espelho. Era tão moço,
Ah! Certamente não podia ser!

Levantou-se. E, eis que viu, antes do
almoço,

Na mão dos açougueiros, a escorrer
Fita rubra de sangue muito grosso,
A carne que ele havia de comer!

No inferno da visão alucinada,
Viu montanhas de sangue enchendo a
estrada,
Viu vísceras vermelhas pelo chão...

E amou, com um berro bárbaro de gozo,
O monocromatismo monstruoso
Daquela universal vermelhidão!

(p.363)

SONETO

N'augusta solidão dos cemitérios,
Resvalando nas sombras dos ciprestes,
Passam meus sonhos sepultados nestes
Branços sepulcros, pálidos, funéreos.

São minhas crenças divinais, ardentes
-- Alvos fantasmas pelos merencórios
Túmulos tristes, soturnais, silentes,
Hoje rolando nos umbrais marmóreos,

Quando da vida, no eternal soluço,
Eu choro e gemo e triste me debruço
Na laje fria dos meus sonhos pulcros,

Desliza então a lúgubre coorte.
E rompe a orquestra sepulcral da morte,
Quebrando a paz suprema dos sepulcros.

(p.377)

TRANSCRIÇÕES DOS DADOS

16/ 05/ 2017- (1 aula- 45 minutos)

Professora colaboradora (comentado uma experiência com o poema "Versos íntimos" quando ainda era estudante): eu lembro que um desses alunos precisava muito dessa pontuação para não ir para final. Eu lembro que, quando ele chegou nesse último verso aí, ele fez: "escarra nessa boca que te beija", mais só um pouquinho. Aí ele: "escarra nessa boca que te beija". Eu: Porra...

Turma de alunos: (risos).

Professora colaboradora: todo mundo aquela coisa né, olhando para mim né. Aí ela falou: precisava, mas nem tanto.

Turma de alunos: (risos).

Professora colaboradora: me marcou muito. Eu sei de cor até hoje, por conta disso. Foi forte esse negócio.

Turma de alunos: (risos).

Professora colaboradora: vocês vão ajudar Verônica na leitura aí, viu!

Mediadora: os poemas de Augusto dar para fazer essas leituras mais expressivas assim. Eles dão "pano para a manga". E esse poema foi o primeiro que eu tive acesso... na escola e na universidade, numa aula de sociologia. Foi um rapaz lá e leu ele. Uma leitura bem expressiva, quando ele começou a falar eu tive um susto. (Risos) Então assim, o que chamou atenção de vocês no texto? A linguagem...?

Aluno A: para escarrar na boca que beija.

Turma de alunos: (Risos)

Aluno A: escarrar? Escarrar? Escarrar?

Aluna B: eu acho que a linguagem... Sei lá, severa. Bem...?

Mediadora: forte?

Aluna B: é.

Mediadora: mais alguém?

Aluno C: não ameniza nada.

Aluno A: acho que ele está gripado, só fala em escarro.

Mediadora: então, gente. Uma das características de Augusto é que tem uma linguagem bem forte, os temas também são bem... Voltado para o real nos textos. É uma poesia que foge daqueles outros textos que a gente está mais acostumada a ler. Eu gostei dos poemas dele por causa dessa linguagem forte e real. É um poeta que fala da realidade, das coisas que estão no nosso dia a dia. Ele soube poetizar, trazer elementos que “os outros poetas não fizeram”. Nesse poema aí ele coloca: “Vês, ninguém assistiu ao formidável enterro da tua última quimera”. O que é quimera? Vocês sabem?

Turma: silêncio

Mediadora: sonho... Somente a ingratidão esta pantera, foi tua companheira inseparável. O eu lírico perde os seus sonhos... E a única pessoa que está ali a seu lado, como companheiro é a ingratidão... . “Acostuma-te a lama que te espera”, ou seja, você está sozinho. “O homem que nesta terra miserável mora entre feras sente necessidade inevitável de também ser fera”. A gente percebe que é bem musical, né? “O homem que nesta terra miserável, mora entre feras/ sente inevitável necessidade de também ser fera”. Há uma musicalidade bem forte que é uma marca da poesia de Augusto. “Toma um fósforo/ Ascende teu cigarro / o beijo amigo é a véspera do escarro”. Aquela pessoa que você está no maior *love* depois vai lá e ... “A mão que afaga é a mesma que apedreja/ se Alguém causa pena tua chaga/ apedreja essa mão vil que te afaga/ escarra nessa boca que te beija.” E aí?

Turma de alunos: silêncio

Mediadora: é um poema que exterioriza... Esse eu lírico exterioriza esses sentimentos. Essa visão, essa concepção de mundo, de homem, de afeto de uma forma bem diferente.

18 / 05 / 2017 (2 aulas- 90 min)

Mediadora: eu vou passar a leitura do segundo poema que tem aí “Versos de amor” e eu queria que vocês acompanhassem.

Mediadora: prestem atenção no modo como ele ler o poema.

(Reprodução do vídeo).

Mediadora: o que vocês acharam do poema?

Turma de alunos: silêncio.

Mediadora: Vamos ler novamente. Ele tem nove estrofes. Nove pessoas poderiam ler. Cada uma ler uma estrofe. Pode ser? Eu vou começar.

Mediadora: vamos ler outro poema. Escolham aí. Uma pessoa voluntária para ler. Os textos são curtos acho que uma pessoa só podia ler.

Turma de alunos: silêncio

Turma de alunos: leitura de “Versos de amor”.

Mediador: posso sugerir um? “Idealismo”. Quem gostaria de ler?

Aluna E: qual?

Mediadora: “Idealismo”.

Aluna E: todo?

Mediadora: então, gente. Depois da leitura do poema, chamou atenção alguma coisa no texto?

Alguma palavra, alguma imagem?

Turma de alunos: silêncio

Aluna E: O que é sibarita?

Mediadora: É uma pessoa que é dada aos prazeres físicos.

Aluno F: eu vejo algumas palavras que nunca são usadas nos poemas, mas ele usa.

Mediadora: são palavras que são muito repetidas no texto ou não?

Aluno E: algumas repetem. Ele repete a palavra “caveira”.

Aluna G: amor também.

Mediadora: essas palavras fazem referência a alguma ideia no texto? Voltem ao texto aí e deem uma olhadinha.

Mediadora: palavras diferentes ou não?

Aluno G: o que é hetaira?

Mediadora: É uma cortesã de beleza excepcional da antiga sociedade grega, que prestava favores sexuais e que em troca disso recebia prestígio social.

Mediadora: Se a gente pensar sobre o amor. Existem formas de amar, de amor. Se a gente pensar hoje em dia. Qual o amor que a gente ver mais corrente na sociedade. É um amor...

Aluno H: besta.

Mediadora: Como são as relações amorosas? Se a gente pensar na nossa atualidade.

Aluno E: fútil

Mediadora: O que mais?

Aluno F: hoje em dia é assim

Mediadora: então é um amor que ele é fútil, que geralmente tem um interesse, às vezes implícito. Então a gente pegando o segundo poema (lendo a primeira estrofe de versos de amor). Se a gente pensar nesse amor que a gente tem na sociedade e observar como ele está tentando falar do amor. Como ele pensa esse amor? O que esse eu lírico está querendo dizer para a gente?

Aluna H: eu acho assim. Ele coloca assim. Como a gente ver assim. Parece uma coisa tão bonita e quando a pessoa vai realmente viver aquilo, geralmente não é.

Mediadora: mais alguém?

Aluna I: como ele estar dizendo no poema. Como a cana aqui. Todo mundo acha que a cana aqui é doce né? Mas como no amor entre as pessoas, o amor é uma coisa muito boa, mas às vezes a pessoa se engana. Pensa que é uma coisa boa, mas na verdade não é.

Mediadora: Ai ele coloca na segunda estrofe (“Quis saber o que era o amor por experiência/ e hoje que enfim conheço o seu conteúdo/ pudera eu ter eu que idolatro o estudo/ todas as ciências menos essa ciência”). Há alguma palavra estranha nessa segunda estrofe? Quando ele está tentando falar sobre esse amor? O que ele está tentando fazer? Ele fala do amor, mas é de uma forma comum, como a gente está falando aqui?

Aluno G: Não. Fala como uma ciência.

Mediadora: Uhum. Então ele está querendo?

Aluno G: Estudar.

Mediadora: então ele está querendo explicar um sentimento. E aí a gente percebe o quê? Lendo o texto. É fácil de entender da forma como ele está colocando? Deem uma olhadinha aí no texto.

Turma de alunos: silêncio

Mediadora: se a gente pensar assim nos sentimentos da gente. Quando a gente quer dizer o que a gente estar sentido. Quando a gente tem uma sensação diferente, numa determinada situação, num momento e a gente quer exteriorizar isso, dizer ao outro. Só que, às vezes, a gente não sabe como dizer. Então para isso pensando no amor, como ele vai fazer aí. Ele tenta explicar e ele faz a gente o quê?

Turma de alunos: silêncio

Mediadora: se a gente olhar a gente percebe que é um texto que exige um pouco mais da

gente, faz a gente pensar, refletir. Olha: “Quis saber o que era o amor por experiência/ e hoje que enfim conheço o seu conteúdo/ pudera eu ter eu que idolatro o estudo/ todas as ciências menos esta ciência”. Como o colega de vocês falou, ele traz o amor numa concepção científica. Ele tenta explicar um sentimento tentando elaborar uma ciência, para explicar uma coisa que se a gente for observar, for buscar, não tem explicação é um sentimento, a gente sente. Na terceira estrofe: certo este o amor/ não é que em ânsias amo/ mas certo o amor este a que acinte / amas oposto a mim/ por conseguinte chamas amor aquilo que eu não chamo”. Se a gente pensar. Em cima tem: “a um poeta erótico” a quem ele remete o poema. Então como seria o amor para esse poeta erótico? Tentem voltar ao texto e pensar como seria o amor para o poeta erótico e como seria para esse eu lírico que está aqui.

Aluna H: para esse outro poeta o amor é... O amor é um amor egoísta, né?! E para o outro é o contrário.

Mediadora: então a gente percebe que ele traz duas concepções de amor quando ele está querendo elaborar essa ciência. E como seria esse amor para esse poeta aqui?

Aluna G: Um sentimento verdadeiro.

Mediadora: Uhum. O que mais? Quando ele coloca aí: “Porque o amor tal como eu estou amando é espírito/ é éter é substância fluida e assim como o ar que a gente pega e cuida/ cuida entretanto, não está pegando”.

Mediadora: Então seria um amor como ela falou: puro, verdadeiro... Que chegar a ser... divino...

Mediadora: retomando as discussões eu trouxe outro poema para a gente ler e discutir e eu queria um voluntário para ler o poema.

Aluno H: eu (leitura do poema “amor”- Álvares de Azevedo).

Mediadora: Pensando nas discussões de ontem, de que amor esse poeta fala? Como ele expressa esse amor, como ele fala desse amor? É da mesma forma em relação aos outros? Que elementos vocês percebem que se aproximam, se distanciam dos textos que a gente estava lendo.

Aluno J: é mais romântico.

Mediadora: há alguma estrofe ou verso que vocês queriam destacar?

Aluno J: silêncio

Mediadora: alguma estrofe ou verso que vocês queriam destacar, que fala dessa forma que ele

acabou de falar? Que é um amor mais romântico. Em quais elementos do texto a gente observa isso?

Aluno J: indicação da quinta estrofe

Mediadora: “Vem anjo minha donzela,/ minha alma, meu coração/ que noite que noite bela. Se a gente voltar ao texto a gente percebe que esse amor é um amor mais voltado para o individual, mas exagerado né? A gente nota que ele está bem apaixonado.

Aluno J? Lesera

Mediadora: e esse amor seria perfeito aos olhos desse eu lírico. Na primeira estrofe ele coloca: “Amemos! Quero de amor/ Viver no teu coração. Sofrer e amar essa dor/ Que desmaia de paixão”. É um amor que é tão forte...

Aluno J: Depressivo

Mediadora: que chega a ser depressivo, por quê?

Aluno J: porque ele quer se matar, morrer de amor.

Mediadora: Então é um amor muito forte, que chega a ser dor. Que ele não vai conseguir chegar a vivenciar esse amor como está colocado aí. Então voltando para os poemas de Augusto dos Anjos a gente percebe que há diferenças. No soneto “Idealismo” ele coloca – (leitura do poema). Então, a gente observa que no poema de Álvares de Azevedo tem uma concepção de amor diferente da de Augusto dos Anjos. Então, que elementos a gente pode destacar desse poema “Idealismo” que mostra essa forma diferente. Como seria o amor para Augusto dos Anjos, pensando nesse poema aqui? Que elementos vocês podiam dizer que é diferente por isso.

Aluno H: porque aqui ele fala, desse segundo poema aqui (o primeiro), é um amor romântico.

Aluno k: porque é romântico?

Mediadora: Como seria esse amor para esse eu lírico de Augusto? São vários poemas, e eu não trouxe assim à toa né. Se a gente observar, voltar aos textos, percebemos que eles apresentam diferenças. Vocês falaram que no poema de Álvares de Azevedo, que ele é um amor é mais voltado para o individual.

Aluno H: e nesse texto ele está apaixonado e no outro ele já está com raiva, acho que ele levou um chifre, alguma coisa do tipo.

Turma de alunos: (risos)

Mediadora: se a gente for observar na primeira estrofe (leitura).

Mediadora: quando ele coloca humanidade a gente percebe que esse amor é voltado mais para um coletivo. Ele está falando do amor, mas não necessariamente do amor dele, mas de um amor que atinge todos nós. Olha: falas de amor e eu ouço e tudo calo. “O amor da humanidade é uma mentira”. Tanto é que ele coloca a palavra humanidade destacado em maiúscula (a primeira letra). E é por isso que na minha lira de amores fúteis poucas vezes falo. Então a gente consegue perceber que há diferenças nos textos, na forma dos poetas tratarem o sentimento. E qual seria a dimensão? A gente percebe que quando esse eu lírico de Álvares de Azevedo fala desse amor... a gente percebe que é mais individual, que é mais emoção do que razão.

19/ 05/ 2017 (2 aulas - 90 minutos)

(Primeira aula)

Aluno C: e aí M?

Aluno J: está de ressaca?

Aluna A: é aí M, fez uma caninha hoje?

Turma de alunos: (Risos).

Aluno M: tu é cruel.

Aluna A: é o quê? (Risos). Eu sou cruel? Jamais!

Mediadora: eu queria saber se vocês leram os outros poemas em casa.

Aluno D: Li não.

Turma de alunos: (risos).

Mediadora: então, eu queria que vocês fizessem essa leitura agora. E fossem lendo os textos e destacando alguma coisa que chamou atenção. Algum verso, alguma imagem... Quando eu digo imagem a gente sabe que quando a gente ler aparece algumas imagens.

Aluna A: é.

Mediadora: queria que vocês destacassem. Certo? Para a gente comentar.

Mediadora: terminaram? Quem gostaria de começar? Lendo algum poema e trazendo as questões que eu pedi para vocês destacarem.

Turma de alunos: silêncio.

Mediadora: vamos fazer assim. Eu vou dá mais cinco minutos para terminarem de ler. Eu estou vendo que a maioria ainda não terminou e cada um vai ler um poema ou então destacar algum trecho que gostou ou não gostou e comentar, certo.

Aluna B: eu também quero ler.

Mediadora: algum poema que você quer destacar? Algum verso?

Aluna A: o primeiro Soneto (“Ouvi, senhora, o cântico sentido”). Eu gostei.

Mediadora: por quê?

Aluna A: Sei lá. Eu não entendi não, mas eu gostei.

Aluna B: eu gostei de “Canto íntimo” (leitura do poema). Achei bem...

Mediadora: chamou atenção alguma imagem? Alguma coisa? A forma como ele...

Aluna B: a forma bem crítica, né? Que o amor tem feito mal a ele. Que se alguma pessoa ouvisse ele falar acabaria e sabendo do amor dele.

Aluna A: eu também gostei desse mesmo poema.

Aluna A: No caso, o amor tem feito mal a ele. Acho que na sexta estrofe na terceira linha. Ele fala assim: Nem tenho medo da morte/ Que eu tenho a Morte em mim mesmo!

Aluna B: ele ainda afirma: vem cá, olha estas feridas,/ Que o amor abriu no meu peito. Que seria as que ela deixou.

Aluna B: (risos)

Mediadora: mais alguém?

Aluna B: eu também li esse “Cravo de noiva”.

Mediadora: a gente vai discutir.

Aluno M: Verônica, o que é funambulescamente? (lendo a palavra de forma lenta).

Mediadora: em qual poema? Como é? (Risos).

Aluna A: “Afetos”. Funambulescamente.

Mediadora: ridiculamente.

Aluna A: ah..?

Mediadora: ridiculamente

Aluno M: tá com a molesta.

Aluna A: Menina, essa palavra todinha para dizer ridiculamente?

Mediadora: é.

Aluno M: entendesse o quê?

Aluna A: ridiculamente, M.

Aluno M: ah, não é tu não.

Aluna A: não, menina. Um palavrão. Um palavrão. (Risos).

Mediadora: vamos começar por essa fila.

Aluna C: o quê?

Mediadora: para você destacar alguma coisa que lhe chamou atenção. Algum verso, alguma imagem e dizer por quê.

Aluna C: “Cravo de noiva”.

Mediadora: o que te chamou atenção nesse poema?

Aluna C: para ler assim. Eu estou com vergonha.

Mediadora: não, assim. Para destacar algum verso.

Aluna E: eu estou com vergonha.

Aluna D: eu posso ler. Posso? (Leitura)

Mediadora: qual é o poema?

Aluna A: aonde em?

Aluna E: Soneto.

Aluna A: é o primeiro? É aonde? No primeiro?

Aluno F: é o segundo!

Aluna A: eu não entendi não esse poema.

Mediadora: leitura do poema: “Canta teu riso esplêndido sonata”. É esse?

Aluno F: é o de cima.

Mediadora: Soneto (“Aurora morta, fuge eu busco a virgem louca”). (Leitura). O que foi que te chamou atenção nesse texto? Por que tu gostou? Entendeu o poema?

Aluna D: não entendi (Risos).

Mediadora: mas gostou?

Aluna D: é.

Mediadora: a gente ver que ele começa falando de uma aurora morta que foge e que ele estar buscando uma virgem louca, que fugiu do peito e do clarão de morte. Então, era uma pessoa que estava no seu peito, que ele tinha sentimento. Como se essa mulher, essa amada fosse quem desse as direções para ele.

Aluna A: sol de afeto.

Mediadora: como ele traz um sol de afeto.

Aluna A: um amor.

Mediadora: é. Um amor que chega a aconchegar. O sol que as almas douram. Traz alegria para ele. Fugiu em si levou a luz consoladora/ Do amor- esse clarão eterno d'alma forte-/ Astros de minha paz, Sirius da minha Sorte. Então é um amor que traz paz, que simboliza siriús na sorte dele. E da Noite da vida a Vênus Redentora./ Agora, oh! Minha Magoa agita tuas asas. Ele perde esse amor e já começa a sentir magoa, tristeza por isso. Vem! Rasga deste peito as nebulosas gazas/ E, num pálio auroral de Luz deslumbradora,/ Ascende à Claridade. Adeus oh! Dia escuro,/ Dia do meu passado! Irrompe, meu Futuro; / Aurora morta, foge- eu busco a virgem louca! Então é um amor que ele sente afeto por essa amada, mas que ele não consegue manter esse amor com ela e se perde. É um amor que não chega a ser vivido, vivenciado.

Mediadora: Mais alguém que queira destacar? Vocês aí atrás?

Aluno K: não.

Mediadora: não gostou?

Aluno K: não quero comentar agora.

Mediadora: certo.

Turma de alunos: (risos)

Mediadora: tudo bem. Outra pessoa.

Aluna L: tem que ser diferente? “Afetos”. O amor, porém que da Desgraça veio/ Maldito seja, seja como o fardo/ Desta desgraça funeral em que ardo/ E com que o fogo da paixão ateio! Uma pessoa que está apaixonada e... Sei lá, acho que ... algo meio ruim do amor.

Mediadora: outra pessoa.

Aluna C: “Meu amor, em sonhos erra/ Muito longe, altivo e ufano/ Do barulho do oceano e do gemido da terra! ... (leitura do poema).

Mediadora: o que te chamou atenção nesse poema?

Aluna C: silêncio.

Mediadora: gostou dele.

Aluna C: sim

Mediadora: por quê? O que te chamou atenção?

Aluna C: As palavras que ele coloca. Nem tenho medo da Morte. Que a morte está nele.

Aluna M: professora, posso falar agora? Esse verso aqui. Que eu tenho a Morte em mim mesmo! É bem forte né? Porque ele já não tem vida. Que a morte para ele, tanto fazia ele morrer ou não.

(segunda aula- poemas relacionados a natureza)

Turma de alunos: eufóricos.

Mediadora: eu vou distribuir os poemas para a gente ler.

Aluna A: e haja poema! Vozes da morte. Eita, eu quero ler esse. Olha a voz da morte!

Turma de alunos: Eita. Eita. Eita.

Turma de alunos: (risos)

Aluna A: (lendo o poema em voz alta). Eu já gostei desse.

Aluna D: eu também.

Aluna B: Eita. Tu nem leu.

Aluna A: eu acabei de ler, B. Posso ler o primeiro?

Mediadora: eu queria que primeiro vocês fizessem uma leitura silenciosa

Aluna A: eu já fiz.

Aluno D: Calma.

Mediadora: dessa primeira página e fosse tentando destacar alguma coisa que chamou atenção de vocês para a gente ir comentando.

Turma de alunos: (Risos)

Mediadora: e olhem também se esses poemas que eu distribuí apresentam alguma coisa que se aproxima dos outros que a gente discutiu ou que se distanciam...

Aluna A: se tem algo em comum né?

Mediadora: É

Aluna A: e se tem alguma diferença né?

Mediadora: É. Exatamente.

Mediadora: Podemos começar a discutir? Alguém gostaria de iniciar? Lendo e comentando.

Aluno D: “Vozes da morte” (leitura do poema).

Aluna A: (Risos)

Mediadora: Chamou atenção alguma coisa nesse poema?

Aluna E: O que ele quis dizer com “o envelhecimento da nervura, / eu com envelhecimento dos tecidos!”?

Mediadora: Se a gente for olhar o poema ele estar falando... Só um pouco que vou te responder. Vocês perceberam que os poemas que a gente estava estudando antes, eles falavam sobre a temática do amor por diferentes perspectivas?

Aluna E: Esses só de morte.

Mediadora: Aqui a gente já vê outro tema. Qual seria esse tema?

Aluna E: Morte

Aluno D: Natureza.

Mediadora: Natureza, né? E quando ele vem falar dessa natureza nesse primeiro poema, ele observa, contempla essa natureza e começa a fazer uma reflexão. Está refletindo, mas ele também traz a questão da morte. E quando ele traz essa questão da morte... Quando ele vem falar dessa natureza neste olhar que a natureza é viva, mas que também chega a morrer e também fazendo a comparação com o ser humano. Se a gente observa aí, vozes da morte (Leitura do poema).

Aluna A: O que é um tamarindo?

Aluna D: É um pé de planta.

Mediadora: É uma planta, que na poesia de Augusto tem uma significação bem interessante. E aí ele coloca “Agora sim! Vamos morrer, reunidos,/ Tamarindo da minha desventura”. O que seria esse tamarindo, o que ele está significando para esse eu lírico desse poema?

Aluno D: A planta.

Mediadora: É a planta. Mas a gente percebe que ele atribui...

Aluna A: Um significado, um afeto.

Mediadora: Um significado, um afeto... Exatamente.

Mediadora: Chamou atenção mais alguma coisa nesse primeiro poema?

Aluno F: “E a podridão, meu velho! / E essa futura Ultrafatalidade/ de ossatura”. Acho que a podridão que é consequência da velhice. A consequência de morte é o amor. A velhice é futuro de qualquer um.

Mediadora: então a gente já percebe que ele traz uma reflexão mais sobre a humanidade, digamos assim. E se a gente ler esse segundo poema “Árvore da serra”, percebemos ver também essa relação afetuosa com a planta e toda a atribuição de sentimento mesmo, de afeto

em relação à árvore. Esse segundo poema eu queria que três pessoas lessem. Vocês perceberam que ele apresenta uma coisa diferente em relação aos outros?

Aluna L: Eu faço.

Mediadora: Mais um.

Aluna H: Eu vou fazer.

Mediadora: Eu queria que um fizesse a voz do filho, uma do pai e uma da pessoa que estar narrando à situação.

Aluna L: Posso começar?

(Leitura do poema)

Turma de alunos: (Risos)

Aluna A: É mais emocionante.

Turma de alunos: Comentando ao mesmo tempo.

Aluno I: É triste.

Mediadora: Esse poema em relação a esse primeiro que a gente leu, vocês conseguem observar alguma diferença ou semelhanças? Quais semelhanças e diferenças seriam?

Aluno F: Um é uma narrativa e o outro um diálogo. Com pontos diferentes em relação à árvore... E do afeto um do outro.

Mediadora: E quanto à estrutura dos textos? É a mesma estrutura?

Aluno F: São versos.

Mediadora: São versos. Mas assim, a estrutura?

Aluna A: É a mesma. Sonetos.

Mediadora: São sonetos. Porém apresentam diferenças. Se a gente observar a pontuação.

Aluna G: Tem diálogo.

Mediadora: Exatamente. E, isso vai representar na poesia de Augusto dos Anjos e para o contexto que ela foi escrita um traço de inovação. Porque Augusto escreveu o livro dele em 1912 e nesse período era muito forte essa forma do soneto. O parnasianismo utilizou muito o soneto que foi uma característica dessa escola, e ele traz a questão do diálogo que G falou. Para aquela época, isso representou uma inovação e teve toda uma discussão e repercussão em relação a essa poesia e também a forma como ele trás essas temáticas. Se a gente observar nesse primeiro poema vozes da morte.

Aluna B: É interessante que sempre rima o primeiro verso com o último.

Mediadora: E não só o primeiro verso com o último. Se a gente observar tem palavras que, por exemplo, em “Árvore da Serra”, alma está rimando com calma.

Aluna B: Empecilho com filho.

Mediadora: uma palavra que vem repetida...

Aluna C: Repetição

Mediadora: Uma repetição, que trás uma sonoridade que contribui para que o texto seja todo rimado e também na questão das ideias. Isso é muito interessante para a gente entender enquanto estudante, enquanto leitor. Nesses daqui que eu trouxe acho que não vai ficar muito claro, mas em outros vocês vão ver que são poemas bem musicais. E, isso também é muito forte em Augusto dos Anjos. Os poemas de Augusto dos Anjos são muito musicais, que tem ora que se a gente ler e percebe que a poesia, de forma geral, é muito próxima da música. E para conseguir chegar a essa forma que ele fez. Foi muito bom para ele e para a poesia dele que até hoje ela é tão lembrada por algumas pessoas. Justamente por essa questão da musicalidade, por essa forma como ele utilizou as rimas, as palavras, isso tudo contribuiu... Outro poema. Chamou atenção de vocês a linguagem nesses textos? Os termos, as palavras que ele usa, são palavras comuns assim, do nosso dia a dia?

Aluna E: ele usou mais palavras simples.

Turma de alunos: Discutindo entre si a linguagem dos dois poemas lidos.

Mediadora: são palavras simples, mas assim a forma como ele coloca aí.

Aluno F: Ah, você quer muito detalhe! Não tenho como te dizer o sentimento dele. O filho, ele tem um afeto pela árvore. O sentimento dele, ele delega como se ela não fosse plantada. Ele tem afeto pela árvore. O pai não. Ele tem a árvore como algo que tivesse atrapalhando e ele quisesse retirar. Retirar de todo jeito. Sendo porque ele enxerga, mas não ver a integração, mas o que ele sente pela árvore. Ele enxerga como se fosse a primeira coisa que ele tivesse em mente.

Mediadora: Mesmo aquela árvore estando velha tem uma significação para ele, né? Se a gente pensar na velhice, como as pessoas que são mais velhas são tratadas na nossa sociedade. Às vezes uma pessoa idosa é desprezada, é maltratada justamente por essa falta de olhar afetuosos. Dar para a gente fazer uma reflexão em relação a isso.

Aluna H (conversando com o colega): Nem prestei atenção ao que ela falou.

Mediadora: Você perguntou o quê? Junquilha?

Aluna A: Junquilha. O que é?

Mediadora: É uma planta.

Aluna A: Ah, é uma planta.

Aluna B: Uma planta.

Aluno I: (Leitura do poema “O pântano”).

Mediadora: Alguma coisa a comentar? Não?

Aluno J: Bora comentar.

Aluno L: É J, que está falando aqui!

Aluno M: pelo amor de Deus.

Aluna A: A parte que mais me chamou atenção foi tûmulo absoluto. A parte que mais me chamou atenção.

Mediadora: Por quê?

Aluna A: Por quê? (Risos)

Aluno J: E eu sinto a angústia dessa raça ardente/ condenada a esperar perpetuamente.

Mediadora: Vamos ler o poema novamente. (Leitura).

Mediadora: A gente percebe que há um tom reflexivo. Ele está falando de um pântano e como ele vem falando desse pântano a gente percebe que pelas palavras que ele usa... ele trás umas imagens escuras. Se a gente ver aí... dor... da tristeza que esse espaço está trazendo para ele. Se a gente ler essas duas últimas estrofes (Leitura). A gente percebe, que a partir desse olhar dele sobre a natureza, sobre esse espaço ele está trazendo uma reflexão sobre as questões humanas. Ele contempla aquilo ali, para trazer toda uma reflexão sobre a humanidade num campo mais elevado. Vocês conseguem perceber isso no texto?

Turma de alunos: Silêncio.

Mediadora: E isso também é uma coisa recorrente em Augusto dos Anjos. Ele traz na obra dele essa reflexão sobre a humanidade, de uma forma complexa, mas que nos ajuda a entender um pouco sobre a nossa vida. Sobre a nossa condição... E a gente percebe também essa reflexão observando a pontuação do texto. Ele coloca “semelhantes” e as reticências como se esteve pensando. Que nos ajuda, nós enquanto leitores, a fazer as leituras... Outro poema.

Mediadora: Vocês percebem que aqui os poemas falam da natureza. Se a gente pensar a natureza em relação aos outros autores que vocês estão acostumados a ler é uma natureza que é apresentada da mesma forma?

Aluna A: Não. Aqui é uma natureza morta. É uma natureza sem vida.

Aluna B: Morta. (Risos)

Aluna A: Mas é uma natureza morta.

Aluna B: No poema “Árvore da serra”. O pai mata a árvore...

Mediadora: isso também é muito forte em Augusto. Ele foi escritor de um livro inscrito em 1912 e a gente lendo os poemas de Augusto dos Anjos a gente percebe que são poemas muito atuais. Uma literatura que foi inscrita lá em 1912, mas que hoje a gente lendo consegue perceber uma atualidade extrema. Isso é uma questão que levantou muitas discussões e que contribui para que a obra dele permaneça e o que isso significou para a época que ele escreveu. Porque você conseguir se manter na literatura com um livro é que é muito difícil. Tantas pessoas têm vários livros escritos e a gente nem conhece. Então o que representa essa literatura. E um poeta aqui da Paraíba.

Mediadora: E aí a presença do cotidiano que ela colocou isso é evidenciado pelos temas, pela linguagem. Quando ele coloca morrer são coisas que fazem parte da nossa vida, que estão no nosso dia a dia, mas também ele traz umas palavras bem diferentes, que para essa literatura foi assim. Ela está no nosso cotidiano, do coloquial mesmo. Tem ora que aparece, mas também ele traz muitos termos eruditos, e isso também teve toda uma significação para essa poesia dele.

Aluna A: “Minha árvore”. (Leitura).

Aluna A: Vichi Maria. Voou

Turma de aluno: (Risos).

Mediadora: Quem gostaria de comentar esse poema?

Aluna A: O que é ínvia e pedrouços?

Mediadora: Ínvia seria sem caminhos e pedrouços, pedras muitas pedras.

Mediadora: Eu queria que vocês comentassem os textos.... O que vocês estão achando desses poemas.

Aluna A: É super ótimo.

Aluno L: Tá massa.

Aluna A: É outra coisa.

Mediadora: É quem também não está gostando dizer por que não está gostando. Eu queria ouvir esse dois lados.

Turma de alunos: (Risos)

Mediadora: O que vocês estão achando?

Aluna A: Eu estou achando ótimo.

Aluna B: super produtivo.

Aluna A: eu acho que tem uma visão totalmente diferente do que a gente está acostumado a ver e traz uma análise totalmente diferente, mas que chama muita atenção. Por mais que seja assim uma coisa triste, mais negativa, mas faz você pensar. Acho que ele faz uma reflexão muito bem.

Aluna C: É

Aluno D: É. Realmente.

Mediadora: Mais alguém?

Aluna A: Bora B, comenta.

Aluno J (brincando): Acho que é um mistério.

Turma de alunos: (Risos).

23/ 05/ 2017 (1 aula- 45 minutos) poemas relacionados à morte.

Aluno M: Pro- fun- dis- si- ma- men- te hi- po- con-dría-co (Leitura pausada).

Aluna A: Viche. (Risos)

Aluno J: Vai. Começa!

Aluna A: Já estou preparada.

Turma de alunos: Falando ao mesmo tempo.

Aluna A: Eita. Esse verme. Gostei. Totalmente diferente.

Aluna E: Esse: “Versos a um coveiro”.

Aluno D: E aí, bora?

Mediadora: Pronto. Podem começar!

Aluna A: Pode começar?

Mediadora: Pode. Deve!

Mediadora: Preparados?

Aluna A: É

Aluno M: É

Mediadora: Então venham para cá.

Aluna A: Não.

Aluno M: Não.

Aluno D: Não.

Aluna A: Não, Verônica. Aqui tá bom.

Aluna M: Em pé?

Mediadora: Se quiser, seria bom!

Aluna A: Vou começar.

Mediadora: Bora. Comessem vocês aí.

Aluna A: Vai começa.

Mediadora: Qual poema vai ser? Qual será o poema, para a gente acompanhar?

Aluna A: “Psicologia de um vencido”!

Aluno M: E o primeiro?

Aluna A: É o primeiro poema.

Aluno M: Não.

Aluna B: “Eu, filho do carbono e do amoníaco,/ Monstro de escuridão e rutilância,/ Sofro, desde a epigênese da infância,/ A influência má dos signos do zodíaco.”

Alunos M: Profundissimamente hipocondríaco, (rápido).

Turma de alunos: (Muitos risos)

Aluno N: Peraí!

Mediadora: Continue.

Aluno J: Até Verônica riu!

Alunos M: “Profundissimamente hipocondríaco,/ Este ambiente me causa repugnância./ Sobeme à boca uma ânsia análoga à ânsia, / Que se escapa da boca de um cardíaco.”

Aluna A: Eca!

Turma de alunos: (risos)

Aluna B: “Já o verme- esse operário das ruínas- / Que o sangue podre das carnificinas/ Come, e à vida em geral declara guerra,”.

Aluno M: “Anda a espreitar meus olhos para roê-los,/ E há de deixar-me apenas os cabelos,/ Na frialdade inorgânica da terra!”. (Leitura).

Mediadora: Vocês poderiam realizar a leitura juntos do mesmo poema. Ao mesmo tempo.

Todos liam a primeira, a segunda, a terceira e quarta estrofe ao mesmo tempo.

Aluno M: É para fazer isso agora?

Mediadora: Sim.

Aluna A: Se quiser.

Aluna A: Tá.

Aluno M: Eu.

Aluno J: Eu.

Turma de alunos: (Risos)

Aluno M e B (lendo ao mesmo tempo): “Eu, filho do carbono e do amoníaco,/ Monstro de escuridão e rutilância, / Sofro, desde a epigênese da infância,”.

Aluna B: Eu não consigo ele ler muito alto.

Aluno M (lendo baixo): “A influência má dos signos do zodíaco,”

Aluno M e B : “Profundissimamente hipocondríaco,”

Aluna C: Próximo.

Mediadora: Próximo. Próximo grupo. Não está fluindo não.

Aluna A: Quem é o próximo?

Mediadora: Vocês. Vão.

Aluna A: Mas já?

Aluna A: A gente leu pouco tempo. Duas.

Mediadora: Bora gente!

Mediadora: Vocês querem fazer?

Aluno J: Meu Deus do céu. Vai não?

Aluna C: “Obsessão ao sangue”. “Acordou, vendo sangue... Horrível! O osso/ Frontal em fogo... Ia talvez morrer,/ Disse. Olhou-se no espelho. Era tão moço,/ Ah! Certamente não podia ser!/ Levantou-se. E, eis que viu, antes do almoço,/ Na mão dos açougueiros, a escorrer/ Fita rubra de sangue muito grosso,/ A carne que ele havia de comer!/ No inferno da visão alucianada,/ Viu montanhas de sangue enchendo a estrada,/ Viu vísceras vermelhas pelo chão.../ E amou, com um berro bárbaro de gozo,/ O monocromatismo monstruoso/ Daquela universal vermelhidão!”

Aluno J: Meu Deus.

Mediadora: Vocês.

Aluno F: “Soneto”. “N'augusta solidão dos cemitérios,/ Resvalando nas sombras dos ciprestes,/ Passam meus sonhos sepultados nestes/ Brancos sepulcros, pálidos, funéreos./ São minhas crenças divinais, ardentes/ - Alvos fantasmas pelos merencórios/ Túmulos tristes, soturnais, silentes,/ Hoje rolando nos umbrais marmóreos,”

Aluna A: “Quando da vida, no eternal soluço,/Eu choro e gemo e triste me debruço/ Na laje fria dos meus sonhos pulcros,/ Desliza então a lúgubre coorte./ E rompe a orquestra sepulcral da morte,/ Quebrando a paz suprema dos sepulcros”.

Mediadora: querem fazer juntos a leitura?

Aluno F: Oi?

Mediadora: Querem realizar a releitura juntos? A leitura do poema todo.

Aluno F e A: releitura conjunta do poema do poema “Soneto” (“N'augusta solidão dos cemitérios”).

Turma de alunos: (Aplausos e assobios).

Mediadora: Então, gente. Depois dessas leituras vocês percebem que os poemas tem muita musicalidade? Alguns textos de Augusto dos Anjos já foram encenados no teatro. Eles têm muito diálogo e permitem essas leituras mais dinâmicas explorando bastante a voz. Então lendo esses poemas e lembrando dos outros que a gente leu. O que vocês perceberam? Diferenças? Gostaram, não gostaram?

Aluna A: Eu gostei, só achei meio nojento. Mas eu gostei.

Aluno F: Carnificina.

Mediadora: O que chamou atenção de vocês nos textos?

Aluna B: Quando era para falar sobre o texto.

Turma de alunos: Quando era para falar sobre os textos. (Risos).

Aluno j: O que chamou atenção!

Turma de alunos: (Risos)

Aluno M: Profundissimamente hipocondríaco.

Aluna A: Eita, porr...

Mediadora: A gente percebe que a temática...

Aluno M: Carnificina.

Mediadora: Ele vem trazendo a questão da morte. Da vida e da morte. Dessa passagem da vida para a morte e todo esse processo da morte. Do apodrecimento da carne, essas coisas.

Retomando “Psicologia de um vencido”. Ele coloca: “Eu, filho do carbono e do amoníaco,/ Monstro de escuridão e rutilância, / Sofro, desde a epigênese da infância,/ A influência má dos signos do zodíaco”. “Profundissimamente hipocondríaco,”. Ele vem trazendo o estado que ele se encontra, pensando nas doenças.

Turma de alunos: (Risos)

Mediadora: Pensando nessa doença ele começa a fazer sua poesia. “Este ambiente me causa repugnância./ Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia, / Que se escapa da boca de um cardíaco.” E quando a gente vai para a terceira estrofe a gente percebe uma quebra do que ele vem trazendo. “Já o verme- esse operário das ruínas- Que o sangue podre das carnificinas/ Come, e à vida em geral declara guerra,”. Ele está falando primeiramente desse estado que ele se encontra. Observa o verme e depois o que ele vai fazer e depois retoma o que tinha falado antes: “Anda a espreitar meus olhos para roê-los,/ E há de deixar-me apenas os cabelos,/ Na frialdade inorgânica da terra!”. Se a gente for pensar sobre o olhar desse poeta sobre este estado sobre este estado nosso.

Aluna B: (Risos)

Mediadora: Que todos vamos passar... A vida é um ciclo, todos vamos morrer, infelizmente. Ele observa o verme. Esse processo de decomposição e faz sua poesia. Faz seu poema. Então é toda uma percepção desse poeta sobre esse estado da condição humana.

Mediadora: há algum outro poema que vocês queiram comentar?

Aluno M: Rapidinho! Esse verme que ele está falando nesse poema é tapuru, é? É?

Mediadora: É, é os vermes que, que...

Turma de alunos: Os vermes que comem a gente quando morremos?

Turma de alunos: (muitos risos)

Mediadora: Oi?

Aluna A (brincando): Oi? Oi?

Aluna A : É ? É?

Aluno F: Quem?

Aluna A: É?

Aluno F: É?

Turma de alunos: (Risos)

Mediadora? Alguém gostaria de ler “Alucinações à beira- mar”?

Aluno M: (Leitura do poema).

Mediadora: Eu vou ler novamente o poema certo!?

Mediadora: (Leitura).

Mediadora: O que vocês perceberam nesse poema? O que vocês têm a dizer?

Turma de alunos: falando ao mesmo tempo.

Mediadora: É um eu lírico que estar com alucinações, devaneios.

Aluno F: Está bebão.

Aluno N: Alcoólatra. Acho que ele está usando droga.

Aluno O: Acho que ele está nervoso.

Mediadora: e ele começa a divanear. Pensar no espaço próximo ao mar. E começa a fazer essa reflexão. “Um medo de morrer meus pés esfriava.” Então ele começa a refletir sobre o estado dele. Os pés esfriam ele sente medo de morrer. “Ante o telúrico recorte,/ na diurtuna discórdia, a equórea coorte/ Atordoadamente ribombava”. Quando a gente observa essa palavra “ribombava”, o título do poema “Alucinação à beira- mar”. Vocês percebem que o ribombava lembra um pouco da batida das ondas nas pedras? “Eu, ególatra céptico, cismava”. Traz um pouco dessa peleja dele do pensamento. “Em meu destino!... O vento estava forte”.

Aluna B: De novo né?

Mediadora: “Em meu destino!... O vento estava forte”.

Aluna C: Verdade, né!.

Mediadora: Quando ele coloca “Em meu destino!... O vento estava forte”. É uma coisa mais passageira. “E aquela matemática da morte”. Lembra também da questão dos cálculos. “Com seus números negros, me assombrava!/ Mas a alga usufrutuária dos oceanos/ E os malacopterígio subraquianos/ Que o castigo de espécie emudeceu,”. Uma pouco de uma quebra dessas ideias. Ele está agonia, nesta reflexão, mas quando a gente chega nessa terceira estrofe há uma pausa. Vocês conseguem perceber isso?

Mediadora: “No eterno horror das convulsões marítimas/ pareciam também corpos de vítimas/ Condenados à Morte, como assim eu!”. Ele chega a este estado, a essa conclusão, digamos assim.

Mediadora: Eu queria uma pessoa para ler “Versos a um coveiro”.

Aluna A: F!

Aluno F: Eu?

Aluna A: Eu não, li esse aqui.

Aluna C: (Leitura do poema).

Aluno D: Eca!

Aluno G: Ah, tá.

Aluno F: Que horrível!

Mediadora: Alguém gostaria de ler novamente?

Turma de alunos: Alunos falando ao mesmo tempo.

Aluna A: Eu estou com muito poema.

Mediadora: O poema “Apóstrofe à carne”.

Aluno D: Não vou ler não.

Aluno H: (Leitura). (dificuldade na pronúncia das palavras)

Aluna A: (Risos)

Aluno F: Que triste.

Aluno G: Vai, I. É boa?

Aluna A: Gostou do poema?

Aluna B: Oxe. Gostei!

Mediadora: Por que tu escolheu ele?

Aluna b: Toca na alma.

Aluno G: Toca professora.

Aluna C: Tão bonito!

Aluna A: Tem certeza? Analisa esse poema, pelo amor de Deus!

Aluno M: É muito profundo. Não sou capaz de opinar. Não sou capaz de opinar. Muita profundidade.

Aluna D: Não entendi. Ele está muito doido.

Aluna A: Esperaí. Deixa eu perguntar um negócio a Verônica.

Aluna A: Apóstrofe?

Mediadora: É uma interrupção que ele faz para se dirigir a seres fictícios.

Mediadora: Apóstrofe.

Aluno M: Apóstrofe à carne. Tipo assim é... Quando eu pego nas carnes do meu rosto é uma espécie de gradação?

Mediadora: É. Dele. Aí se a gente observar na primeira estrofe ele uma faz uma reflexão mais

voltada para o indivíduo. Assim, para ele sozinho, no campo do individual. Na segunda ele á começa a refletir sobre o homem.

Aluno M: Geral?

Mediadora: Vamos ler. “Quando eu pego nas carnes do meu rosto/ Pressinto o fim da orgânica batalha:/ - Olhos que o húmus necrófago estraçalha/ Diafragmas, decompondo-se, ao sol posto...”. Ele está refletindo a partir dele. Depois. “E o homem- negro heteróclito composto/ Onde a alva flama psíquica trabalha/ Desagrega-se e deixa na mortalha/ O tato, a vista, o ouvido e o gosto!”. Como se ele fosse morrendo aos poucos. O tato, depois e a vista, o ouvido e o gosto. Depois ele vem: “Carne, feixe de mônadas bastardas. Conquanto em flâmeo fogo e efêmero ardas”. A repetição desse [F]: flâmeo fogo, efêmero. Traz toda uma expressividade para o texto. “A desejar relampejantes brilhos” / Dói-me ver, muito embora a lama te acenda,/ Em tua podridão a herança horrenda,/ Que eu tenho de deixar para meus filhos!”.

Aluna B: Um pouco forte né? Esse poema aí.

Mediadora: “Versos a um coveiro”, tu queria comentar? Eu vou ler.

Mediadora: (Leitura).

Aluno F: Ah.

Aluno M: É triste.

Mediadora: É um eu lírico que está fazendo o poema sobre um coveiro. Uma pessoa que está no nosso dia a dia. Todos os dias isso acontece. Que tem essa percepção desse trabalho, da execução desse ofício na sociedade. Se a gente observar as palavras dos textos. A gente observa que há um trabalho com a linguagem que tenta trazer realmente esse trabalho dele.

Aluno D: De enumerar.

Aluno M: Algo progressivo.

Mediadora: Algo progressivo, exatamente. Sepultar, carneiros, deduzir. Que há toda uma dinâmica nesse trabalho. De está sempre ali, executando aquela tarefa.

Aluno F: Os algarismos

Mediadora: É. E a gente observa no poema pelas palavras que ele usa: numerar, um, dois, três, quatro, cinco. Traz todo um ritmo para o texto. Toda uma musicalidade para o poema. E, é uma coisa que está no dia a dia, né?!A morte está no dia a dia, os coveiros fazem parte também da nossa vida. Então assim, é um poeta que lança seu olhar para coisas, às vezes

imperceptíveis para a gente. Quem é que está lá observando o coveiro fazendo sua atividade? E faz justamente um poema. Um olhar sensível para esse trabalho dessa atividade.

25/ 03/ 2017(1 aula - 45 minutos).

Leitura do livro: *Vida e poesia de Augusto dos Anjos para crianças, jovens e adultos* (PONTES, 2014).

26/03/207 (1 aula- 45 minutos)

Grupo 1: Nessa primeira página é como se eu estivesse abrindo um livro e todos os poemas dele estivessem vindo para cá. O pé de tamarindo, os poemas sobre morte. Essas coisas. Mas adiante mostra a professora e informações sobre Augusto dos Anjos, onde ele nasceu, onde ele estudou, no Liceu paraibano, no Recife, cresceu, nasceu.

Mediadora: Lembrando das antologias, vocês acham que os poemas dele são só melancolia?

Aluno M: Não.

Mediadora: Os poemas relacionados a natureza?

Aluno M: Não.

Mediadora: Sim, mas por que não?

Aluno M: Tristeza.

Aluna A: Mas ele fala da natureza de uma forma tão...

Aluno M: Mas ele tem um tom de melancolia nos poemas, não quer dizer que ele seja melancólico!

Grupo 2:

Aluna B: Fala do nascimento dele, que ele nasceu em 20 de abril de 1884, fala sobre ama de leite dele que foi Guilhermina, o pai dele foi professor dele e ensinou as primeiras letras e fala também sobre os primeiros versos que ele escreveu, aos sete anos.

Mediadora: Qual foi o poema?

Aluna: Aqui não tem não. Saudade?

Aluno M: Já está tirando o modelo para escrever o poema todinho.

Mediadora: Da poesia dele observando a apresentação

Aluna B: Quando ele fala Guilhermina ele tem um poema dedicado, a ama de leite dele.

Mediadora: Tem toda uma relação de afeto dele com essa...

Grupo 3: Lendo um trechos do livro.

Mediadora: E em relação aos poemas que nós lemos o que vocês observaram?

Aluno F: Mostrando qual foi à vida dele, que ele sofreu desde a época que ele perdeu o pai...

Mediadora: Quando ele fala do parnasianismo, do simbolismo teve algumas influencias dessas escolas. O parnasianismo na época procurava expressar na poesia, a bela forma, se fosse falar sobre um objeto ele tinha que descrever com objetividade aquele vaso e eles presavam muito pela forma do poema. Augusto teve um pouco dessa influência. Ele usa muito o soneto enquanto forma, mas ele quebra com essa corrente quando traz questões mais subjetivas. A poesia traz a questão dos sentimentos e quando ele traz a tristeza tem outras influências estéticas da época. Então para aquela época a poesia de Augusto dos Anjos fugia do que era forte, no caso do parnasianismo e por isso, ele foi muito mal compreendido. Se a gente ver hoje os poemas de Augusto dos Anjos, fala de morte, de amor numa concepção mais real para a gente, a gente sente uma estranheza imagine em uma época de 1912! Que a poesia falava dos sentimentos ... Imagine a recepção dessa poesia naquela época. Teve toda uma discussão sobre essa poesia, e ele vai para o Rio de Janeiro, para que ela tivesse mais visibilidade. Ele sai da Paraíba, vai ao Rio para lançar o livro. Ele toma um empréstimo ao irmão Odilon, e de início o livro não faz muito sucesso, porque fugia do que era comum. Porque fala de uma realidade que chocava e ainda choca.

Aluna C: Ele demonstrava bastante sofrimento. E a morte para ele seria para encontrar a paz que na sua vida ele não estava encontrando....

Mediadora: A morte em Augusto dos Anjos aparece em grande parte dos poemas e em outros poetas. A realidade e muito... se a gente for observar bem a realidade ela é cruel. Para sair da realidade, a morte às vezes se torna um refúgio e quando ele traz a morte não como fuga, mas.... Quando ele traz o “Eu” esse eu do título não é história da vida dele. Ele está abordando as dores da humanidade, que a morte está presente em nós. Tem um poema dele “Os doentes” que é o poema, mas pesado do livro. Então Augusto quando traz essa poesia ele olha para as pessoas que não tem voz, que não eram percebidas, nesse poema. Leitura de um trecho do poema. Augusto traz esse olhar sobre o outro refletindo sobre essa humanidade, sobre o homem que está nessa sociedade.

30/ 05/ 2017 (2 aulas- 90 minutos)

Atividade escrita

DEPOIMENTO DOS ALUNOS

Depoimento 1:

Os poemas de Augusto dos Anjos foram escritos antigamente mais é como se ele se lembra o que está acontecendo hoje em dia, porque ele fala da maioria das coisas que está acontecendo, os seus poemas nos faz refletir sobre o que está nos fazendo nunca mais viessem esquecer de Augusto dos Anjos.

Fonte: Aluna B (2017).

Depoimento 2:

As aulas foram boas para refletir sobre a vida, pois ele fala muito sobre a morte, a realidade na verdade, nós sempre pensamos "o que será que eu estarei fazendo daqui a 10 anos?" mas dificilmente pensamos no pior, sempre pensamos que estaremos com um bom emprego, carro, casa etc. É ele fala sobre a morte, porém de uma maneira comente, fala de amor e até da natureza, o que foge refletimos, porque sem a natureza não viveríamos, obviamente, mas não damos muita importância para tal, apreciamos o dinheiro, tecnologia, e acabamos esquecendo do mais importante que é a natureza e os animais, que apesar de seres amáveis, são maltratados retirados de seu habitat natural e explorados.

Fonte: aluno D, (2017).

Depoimento 3:

As poesias de Augusto dos Anjos me trouxe uma visão não sobre as poesias de amor, uma forma de usar palavras com significados tristes, fortes e até nojentos mostra a amor de formas diferentes.

Fonte: Aluna C, (2017).

Depoimento 4:

As aulas foram bem produtivas, divertidas, dinâmicas etc. Trouxe uma nova concepção da realidade e da sociedade em questão, e como se ele estivesse prevendo o futuro, pois todas suas poesias são bem diferentes das demais e vivemos isso hoje, não poesias que chamam bastante atenção do leitor. Augusto dos Anjos surgiu de inspirações para mim, pois ascendeu uma chama ardente dentro de mim, pude conhecer melhor a mim mesma e o mundo em si, pude conhecer o outro lado das coisas. Foi uma experiência extraordinária! Que pena que acabou...

Fonte: Aluna A, (2017).

Depoimento 5:

Foi uma experiência nova, por que comecei a me interessar mais por poesia.

Para mim as aulas foram bem legais, e tenho certeza que vou conhecer mais sobre poesia.

Fonte: Aluna I, (2017).

Depoimento 6:

As aulas que foi dada, achei bastante produtivas. Foi algo diferente das outras aulas, e pude conhecer um poeta bastante diferente e interessante.

Vozes da morte, Amen Amen e religião, e versos de Amen
e poemas que não gostei.

Fonte: Aluna I, (2017).

Augusto dos Anjos: um poeta singular

Augusto dos Anjos (1884-1914) é um caso singular: do Parnasianismo, tirou o gosto pelo soneto; do Simbolismo, o tema da angústia existencial; de ambos, o cuidado com a forma. Valeu-se, ainda, do cientificismo naturalista, do qual extraiu seu inusitado vocabulário e a visão materialista. A influência de estéticas do século XIX aproximou-o dos demais autores pré-modernistas, mas a ausência de referências ao Brasil de sua época diferenciou-o deles.

Os poemas de Augusto dos Anjos tematizam a dor de existir e a inevitabilidade da morte. Não se trata, porém, de uma poesia espiritualista, que reflete sobre o destino da alma. Pelo contrário, fixa-se na matéria e na decomposição do corpo. O eu lírico afirma a incondicional podridão para a qual se dirigem todos os seres humanos, destino que desqualifica a existência. Seguindo o pensamento do filósofo alemão Schopenhauer, de grande repercussão no período, Augusto dos Anjos via a dor como a essência do mundo e os momentos de prazer apenas como sua suspensão temporária.

Para expressar sua visão negativa, o eu lírico desestabiliza a própria poesia, recorrendo a termos e a imagens incomuns no campo poético, como se lê em "Psicologia de um vencido".

Psicologia de um vencido

Eu, filho do carbono e do amoníaco,
Monstro de escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco.
Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco.
Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,
Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

Anjos, Augusto dos. *Melhores poemas*. 3. ed. São Paulo: Global, 2001. p. 51.



Vocabulário do poema

análogo: semelhante
carnificina: massacre, matança
epigênese: teoria do desenvolvimento dos seres por transformações graduais
espreitar: espiar, observar de lugar oculto
frialdade: frieza
hipocondríaco: indivíduo que se preocupa excessivamente com a própria saúde
rutilância: cintilância, brilho

Margens do texto

1. Transcreva os termos científicos presentes no poema.
2. A abordagem da morte é dura, rude. Comprove com exemplos.

Fonê de ouvido

Ninguém, Arnaldo Antunes BMG, 1995

Arnaldo Antunes musicou o soneto "Budismo moderno", de Augusto dos Anjos, de modo inusitado: misturou sons estridentes, como ruídos de serrote, com outros harmoniosos. Assim, retomou a tendência do poeta de mesclar estilos. A canção está no álbum *Ninguém*. É possível ouvir um pequeno trecho no site do cantor e compositor: <http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_list.php?view=2>. Acesso em: 20 maio 2013.

Augusto dos Anjos escreveu três sonetos em memória do pai. Leia dois deles, transcritos a seguir, para responder às questões.

II

A meu Pai morto

Madrugada de Treze de Janeiro,
Rezo, sonhando, o ofício da agonia.
Meu Pai nessa hora junto a mim morria
Sem um gemido, assim como um cordeiro!
E eu nem lhe ouvi o alento derradeiro!
Quando acordei, cuidei que ele dormia,
E disse à minha Mãe que me dizia:
"Acorda-o!" deixa-o, Mãe, dormir primeiro!
E sai para ver a Natureza!
Em tudo o mesmo abismo de beleza,
Nem uma névoa no estrelado véu...
Mas pareceu-me, entre as estrelas flóreas,
Como Elias, num carro azul de glórias,
Ver a alma de meu Pai subindo ao Céu!

III

Podre meu Pai! A Morte o olhar lhe vidra.
Em seus lábios que os meus lábios osculam
Microrganismos fúnebres pululam
Numa fermentação gorda de cidra.
Duras leis as que os homens e a hórrida hidra
A uma só lei biológica vinculam,
E a marcha das moléculas regulam,
Com a invariabilidade da clepsidra!...
Podre meu Pai! E a mão que enchi de beijos
Roída toda de bichos, como os queijos
Sobre a mesa de orgiacos festins!...
Amo meu Pai na atômica desordem
Entre as bocas necrófagas que o mordem
E a terra infecta que lhe cobre os rins!

ANJOS, Augusto dos. *Sonetos. Melhores poemas*. 3. ed. São Paulo: Global, 2001. p. 133-134.

Sobre os textos

- No primeiro soneto, o falecimento do pai põe em evidência a insignificância do ser humano na ordem do mundo.
 - De que modo os versos dos dois quartetos evidenciam essa insignificância?
 - Como o primeiro terceto confirma a pequenez humana perante a natureza? Explique.
- O segundo soneto apresenta outra visão da morte.
 - Que recurso o poeta emprega para afirmar a inevitabilidade da morte?
 - Que sentidos podem ser atribuídos ao adjetivo *duras*, no início do segundo quarteto?
 - Explique como o segundo soneto se contrapõe à visão da morte presente no primeiro.
- O segundo soneto exemplifica as principais características do estilo de Augusto dos Anjos.
 - O poeta costuma associar um tema sério a referências vulgares, cotidianas. Como se constrói essa mistura de estilos nesse soneto?
 - A frase "Podre meu Pai!", que abre o soneto, propõe um jogo de linguagem. Qual?
 - Augusto dos Anjos faz um cruzamento entre as linguagens da literatura e das ciências naturais. Que termos comprovam a penetração da linguagem científica no poema?
 - Que reação, nesse caso específico, a mistura de estilos provoca no leitor? É possível imaginar que a leitura feita pelo leitor da época de Augusto dos Anjos seja diferente daquela feita por um leitor atual? Justifique.

Vocabulário de Anjos

alento: respiração
cidra: tipo de laranja
clepsidra: relógio de água
cuidar: pensar, cogitar
Elias: um dos profetas do Antigo Testamento; segundo o texto bíblico, subiu ao céu num carro de fogo, em vez de morrer
festim: pequena festa
flóreo: viçoso, belo
hidra: animal invertebrado de menos de 1 cm, que vive na água doce fixado em folhas e gravetos
hórrido: horrendo
infesto: repugnante, pestilento
necrófago: aquele que se alimenta da carne de animais mortos
orgiaco: com características de orgia (excesso de bebida, euforia, desregramento e libertinagem)
oscular: beijar
pulular: brotar, surgir em abundância
vidrar: fazer perder o brilho, embaçar



Os autores pré-modernistas empenharam-se na compreensão da realidade nacional e deram voz a grupos sociais que não contavam com a assistência do Estado. Muitos artistas têm mostrado preocupação semelhante. É o caso do artista plástico contemporâneo Vik Muniz, que alertou para a situação das crianças moradores de rua nas obras da série *Ulterior*. O tom cinza do menino, contrastante com a colorida moldura de lixo, sugere a invisibilidade desse grupo social.

* Imagine-se como artista contemporâneo. Que grupo marginalizado você destacaria? Por quê?

MUNIZ, Vik. *Emerson* (série *Ulterior*, imagens de lixo), 1998. Sem acervo.



Emerson, de Vik Muniz. 2006. Imagens de lixo. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo, 2006.

